

UM ROMANCE AGENTES THERIAN



MUDANDO PAYNE

CHANTEL SEABROOK



Mudando Payne - Um Romance
Agentes Therian
Chantel Seabrook

Traduzido por Ju Pinheiro

“Mudando Payne - Um Romance Agentes Therian”

Escrito por Chantel Seabrook

Copyright © 2018 Chantel Seabrook

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

Traduzido por Ju Pinheiro

Design da capa © 2018 CoverMint

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Sumário

[Página do Título](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Entre em contato com Chantel Seabrook Online:](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

Capítulo 1

"Notícias de última hora... o tigre siberiano visto vagando pelo Central Park no início desta manhã foi detido na Avenida Lexington. O Zoológico do Central Park negou as acusações de que o animal é deles. Polícia está pedindo para que qualquer um com informações..."

Turner soltou um suspiro frustrado e desligou o rádio do carro.

A Agência Therian tinha conseguido manter a maioria dos casos recentes fora do noticiário, mas quando um predador de duzentos quilos caminha pelas ruas da cidade de Nova York, isto receberia cobertura da mídia.

Afrouxando sua gravata, ele olhou para o envelope manilha fechado marcado com *CASO #238* no banco do passageiro. Ele continha o arquivo do incidente mais recente de transformação espontânea.

Graças a Deus, a mídia não tinha conseguido esta história. Ele podia ver a manchete ...

ESPOSA SUBURBANA ACORDA PARA ENCONTRA UM GUEPARDO NA CAMA. SALVA A FAMÍLIA COM UMA PISTOLA GLOCK 19. MARIDO AINDA DESAPARECIDO.

Infelizmente, para o desafortunado bastardo, sua esposa mantinha uma pistola carregada na gaveta lateral da mesa de cabeceira.

Não que Turner culpasse a mulher. O mundo permanecia alegremente inconsciente das subespécies de Metamorfos vivendo junto com eles e era o trabalho de Turner manter isto assim. Mas entre as transformações espontâneas aleatórias e os Metamorfos trapaceiros que pretendiam expor a sua espécie para o mundo, estava se tornando cada vez mais difícil fazer seu trabalho.

Ele pegou seu reflexo no espelho retrovisor e xingou. Círculos escuros contornavam olhos cinzas e seu cabelo preto normalmente penteado estava desgrenhado. Ele tinha ficado acordado por trinta e seis horas direto e cada músculo no seu corpo doía. Ele girou o pescoço, passou a terceira marcha e acelerou pelas ruas desertas de Bellefonte, Pensilvânia.

Alguém estava mexendo com a ordem natural das coisas.

Muito.

Mais de cem casos novos nos últimos três meses somente e estes eram somente aqueles que a agência conhecia. Dos duzentos e trinta e sete outros casos que Turner tinha examinado nenhuma das vítimas tinha voltado à forma humana.

Alguns membros do Conselho Therian estavam chamando isto de a *Grande Mudança*.

Um dia de juízo final pelo abuso que os humanos tinham infligido no mundo.

Turner não acreditava nisto.

Ele tinha visto os relatórios de laboratório. Ele não era nenhum biólogo molecular, mas conseguia ler uma sequência básica de DNA. As mutações cromossômicas que faziam com que as vítimas se transformassem eram basicamente diferentes das mutações que classificavam os *H. sap. Metamorphs* como uma subespécie.

Isto não era uma tentativa da natureza de vingança. Se fosse, a Mãe Natureza tinha um senso de humor distorcido.

Não, alguém ou algo estava modificando geneticamente o DNA das vítimas, fazendo com que elas se transformassem permanentemente para um estado animal alterado e Turner tinha um pressentimento ruim que sabia exatamente quem era o responsável.

Professor Richard *Maldito* Boyd. O bastardo deveria estar morto, junto com sua pesquisa, mas esta merda tinha seu fedor por toda parte.

Ele virou a esquina e teve de pisar nos freios para evitar atingir a ruiva de pernas compridas que estava parada como uma pedra a apenas dois centímetros do capô do seu SUV.

O coração de Turner batia violentamente e um fio de suor escorreu pelo lado do seu rosto enquanto ele olhava para o perfil da mulher. Ela não se moveu ou reagiu ao fato que ele quase tinha colocado uma impressão escura de pneus sobre sua bermuda de pijama azul claro e sexy.

Ele bateu a porta do carro. "Que diabos você está fazendo? Eu poderia tê-la matado."

Os ombros dela contraíram, mas ela não se virou.

"Você me ouviu? Eu quase te matei. Que diabos você está fazendo parada no meio da rua?"

Seus olhos verdes escuros mal vacilaram sobre ele quando ele parou na sua frente.

Ele parou imediatamente enquanto reconhecimento tomava conta dele. Maldito inferno, de todas as pessoas para quase atropelar, tinha de ser a filha mais velha de Richard Boyd, Riley.

Se a agência descobrisse que ele tinha alugado um apartamento a dois quartos da sua casa, ele estaria com muitos problemas. Ele já estava em período de experiência depois do que aconteceu com Boyd. Mais um golpe e ele conseguiria mais do que uma pequena advertência. Ele estava quebrando o protocolo só de falar com ela, mas não era sua culpa se ela tinha um desejo de morte.

Seu queixo tremia e seus olhos brilhavam com lágrimas não derramadas. Deus, ela era deslumbrante. Seu olhar demorou-se nas curvas cheias dos seus seios antes de viajar até o lábio inferior carnudo que implorava para ser mordiscado e chupado.

Seu pênis contraiu com o pensamento.

Sim, era isto que ele precisava, uma ereção pela filha do seu inimigo mortal. Um homem cuja morte ele era, de certa maneira, responsável.

Simplesmente perfeito.

Sua respiração estava rápida e superficial. Ela estava em estado de choque. Isto ou ela tinha herdado a mente perturbada do seu pai. O último pensamento enviou um arrepio pela coluna de Turner.

"Você quer me dizer por que está parada no meio da rua de pijama?"

Ela piscou lentamente, em seguida voltou sua atenção para o bangalô de tijolos vermelhos. "Minha-minha irm-irmã."

Ele colocou uma mão calejada no seu ombro nu. Ela estava gelada. "O que tem sua irmã?"

Ela colocou as mãos sobre os olhos e balançou a cabeça. "Oh Deus, estou perdendo o juízo."

Loucura era genético? Não ajudaria concordar com ela, mas sabendo quem era seu pai, suas palavras continham uma grande probabilidade. Mesmo assim, ele não poderia deixá-la assim.

Ele agarrou seu cotovelo. "Vamos levá-la para dentro de novo."

Ela afastou o braço, os olhos arregalando com medo e deu um passo instável para trás. "Não posso voltar para lá."

Ele passou as mãos sobre o rosto. "Há alguém que você queira que eu chame?"

Uma risada histérica escapou dos seus lábios. "Sim, Centro de Zoonoses."

Ele olhou de novo para a casa e inalou profundamente pelo nariz. *Porra e merda dupla*. Era leve, mas mesmo a partir dos nove metros de distância ele conseguia sentir seu cheiro. Por que não tinha notado isto antes? Provavelmente porque estava tendo dificuldade em manter seus olhos longe dos mamilos firmes que pressionavam o tecido fino da sua regata.

O dia estava apenas ficando cada vez melhor.

Ele levantou as mãos, com a esperança de não parecer ameaçador, mas com sua altura e físico, isto não era um feito fácil. Ele deu um passo tímido na sua direção. "Você pode me contar o que aconteceu?"

Com dedos trêmulos, ela empurrou o cabelo vermelho desgrenhado atrás das orelhas. "Você nã...não acred...acreditará em mim. Nem sei se eu acredito."

"Teste-me."

"Ouvi o alarme de Kiera disparar." Ela fechou os olhos e seus lábios tremiam enquanto ela falava. "Ela nunca perde a hora. Nem sei por que ela programa o alarme, ela acorda no mesmo horário todos os dias."

Turner cerrou os dentes e lutou por paciência. "E então o que aconteceu?"

Ela abraçou a si mesma, os olhos atordoados enquanto tentava articular o que ela tinha visto. "Fui até o quarto de Kiera para dar uma olhada nela."

"Mas ela não estava lá?" ele perguntou, já sabendo a resposta. Suas perguntas estavam apenas adiando o inevitável, mas ele precisava de confirmação. "O quarto estava vazio?"

Ela encolheu-se com sua pergunta.

Com este simples gesto, suas suspeitas foram confirmadas. Merda, ele tinha de ligar para a agência, mas como ele explicaria por que estava perto da sua casa em primeiro lugar?

Ele amaldiçoou Richard Boyd baixinho. Imaginou que o idiota encontraria uma maneira de ferrar com a sua vida, mesmo além-túmulo.

Um pouco brusco demais, ele agarrou a parte superior do seu braço e puxou-a na direção do SUV. "Entre no carro."

"O quê?" Ela olhou para ele, os olhos arregalados e tentou, sem sucesso, se libertar da sua mão.

"Entre no carro, Riley. Vou lidar com isto."

Ela lhe deu um olhar estranho. "Lidar com o quê? Você nem sabe o que está lá."

Ele moveu-se rapidamente, inclinando-se de maneira que estava nariz com nariz com ela. "Então me diga." Ele manteve sua voz deliberadamente baixa, mas ela não se encolheu com medo como ele tinha esperado.

"Um leão." Ela empurrou seu peito e ele a soltou. Quase histérica, ela jogou as mãos no ar. "Há um maldito leão na cama da minha irmã."

Isto o surpreendeu.

De todas as vítimas que Turner tinha analisado, nenhuma tinha sido da espécie *panthera leo*.

Ele abriu a porta do passageiro e fez um gesto para ela entrar. "Vou lidar com isto."

Piscando para ele, ela deu um pequeno aceno de cabeça. "Você me ouviu? Há um leão..."

Ele levantou a mão para detê-la. Outro casal mais velho olhava para eles com curiosidade enquanto passavam. A última coisa que ele precisava era atrair mais atenção. O que ele precisava fazer era conseguir conter o leão. Apagar a lembrança de Riley e de alguma maneira levar o animal até o laboratório de pesquisa subterrâneo da agência sem ser detectado — *Acabou-se o seu cochilo matinal*.

"Você precisa confiar em mim."

"Confiar em você?" Seus olhos semicerraram imediatamente, cheios de suspeita. "Nem o conheço."

Seu telefone vibrou no bolso de trás.

Chamada recebida, Chase Payne brilhava na tela. Se havia alguém no mundo em quem ele poderia confiar para ajudá-lo com esta bagunça era seu irmão mais velho.

Ele pressionou *Talk* e levou o telefone até a orelha. "Preciso da sua ajuda."

Houve um suspiro pesado no outro lado da linha. "O que você fez agora?"

O olhar de Riley disparava entre ele e a casa. Ele não sabia do que ela tinha mais medo.

Ele deu as costas para ela e abaixou a voz. "Estou na casa de Boyd. Preciso que você traga sua bunda até aqui o mais rápido possível."

"Maldição, Turner. Se alguém descobrir que você está perto da família deste homem..."

"Esquece o sermão. Apenas venha para cá. Temos uma... situação."

Ele encerrou a ligação antes que seu irmão pudesse argumentar.

Riley mordeu o lábio inferior e deu um passo para trás quando ele se aproximou dela. "Como você sabe o meu nome?"

"Vamos entrar e eu explicarei." Ele estendeu a mão e deu um meio sorriso.

Ela balançou a cabeça e deu outro passo para trás

Ele encolheu os ombros e virou-se

"Espere," ela gritou enquanto ele caminhava até a casa.

A porta da frente estava ligeiramente aberta. No momento em que ele entrou, o cheiro do animal o atingiu.

"Você não pode simplesmente invadir a casa de alguém..."

"Sente-se." Ele apontou para o sofá na sala de estar ao lado da entrada.

"Olhe." Ela cruzou os braços sobre o peito e semicerrou os olhos. "Não preciso de você aqui. Provavelmente eu estava apenas tendo uma crise de sonambulismo. Faço isto às vezes quando estou realmente estressada ou agitada..."

Ela não terminou a frase. Ela ficou boquiaberta enquanto focava em algo atrás dele.

Ele não precisou se virar para saber o que causou a sua reação. "Você tem de estar brincando comigo. Você não pensou em fechar a porta do quarto?"

Capítulo 2

Riley não conseguia respirar enquanto o leão dava outro passo ameaçador na direção do estranho moreno e alto. Seus olhos azuis prateados fixaram-se nela como um dispositivo de busca, a careta no seu rosto bonito quase tão ameaçadora quanto o animal atrás dele.

Ela abriu a boca para falar, mas nenhuma palavra saiu.

"Não faça nenhum movimento repentino." Sua voz estava baixa e firme.

Sua atenção disparava de um lado para o outro entre o leão e o homem. Um pequeno grito escapou dos seus lábios e ela cobriu a boca com as mãos.

O animal agachou-se mais e um rosnado profundo ressoou da sua garganta.

"Eu disse não se mova."

Os joelhos de Riley ficaram flexíveis. Deus, e se o animal tivesse atacado sua irmã? Ela precisava chegar até o quarto. Precisava garantir que Kiera não estava machucada. "Pre-preciso encontrar minha ir-irmã."

A cabeça do leão levantou-se rapidamente e olhou para ela. Um zumbido vibrante substituiu o rosnado selvagem. O leão observava Riley quase com curiosidade.

"Riley." A voz do homem atraiu sua atenção de volta para ele. Ele tinha a camisa meio desabotoada antes que ela percebesse o que ele estava fazendo. Com movimentos lentos e sutis, ele retirou a camisa branca de botões e deixou que ela caísse ao chão. "Seja o que for que acontecer, preciso que você permaneça calma. Você pode fazer isto para mim?"

Riley respirou fundo com a visão da carne bronzeada cobrindo seus músculos firmemente flexionados. A lufada repentina de ar nos seus pulmões a deixou tonta. "O qu-que você está fazendo?"

As orelhas do leão achataram na sua cabeça enquanto o homem começava a desabotoar o cinto.

Sua calça, assim como sua cueca boxer Giorgio Armani, caíram lentamente ao chão. Seu olhar nunca deixou o dela. "Preciso que

você confie em mim."

Confiar nele? Ele estava falando sério? Calor escaldava seu rosto e avolumava através dela. Piscando para ele, ela balançou a cabeça e deu um passo para trás.

O leão rosnou e saltou no ar, dentes e garras expostos.

Um rosnado profundo que soou como um trem de carga ecoou ao redor dela.

Ela gritou e deu um passo para trás e tropeçou sobre a mesa de cento. Ela abriu os braços, tentando se equilibrar. Sua cabeça bateu em algo de metal e em seguida a sala ficou escura.

* * *

Turner estava pronto para o ataque. Quando o animal saltou, ele mudou para a forma de leão. Ossos e tendões estalaram e modificaram-se, mas não rápido o suficiente. O leão afundou os dentes no seu ombro direito e ele soltou um rugido.

No outro lado da sala, Riley jazia inconsciente. O cheiro de sangue fresco fazia cócegas nas suas narinas.

Ele precisava controlar a situação antes que as coisas ficassem fora de controle. Por que ele não pegou a arma de atordoamento da caminhonete antes de entrar na casa? Quantas regras ele já tinha quebrado? Não importava. Quando o conselho descobrisse, ele estaria em grandes apuros.

O animal expôs seus dentes e caminhou, os olhos dourados fixos nele. Suas narinas dilataram e as orelhas achataram. O leão moveu-se na direção de Riley e ele bloqueou seu caminho.

Ele não estava preocupado sobre ela atacar a mulher. As vítimas pareciam reter o suficiente das suas lembranças que elas reconheciam seus entes queridos. Mas no instante em que ele tinha entrado na casa, seu próprio cheiro tinha alertado suas emoções já aguçadas. Ele era um leão alfa no seu território.

Kiera. Ele tentou tocar a mente do animal com a sua. *Não quero machucá-la.*

Ela parou por um momento e olhou para ele, confusão nos seus olhos.

Bom. O animal ainda não a consumiu completamente. Ainda havia uma chance de alcançá-la.

No momento em que ele ou algum dos outros agentes Therian tinham alcançado as vítimas anteriores, muito tempo tinha se passado. Suas mentes tinham sido tomadas como reféns, presas no purgatório.

Kiera. Sei que você está assustada, mas precisa me ouvir. Posso ajudá-la.

Ele detectou a surpresa e a incerteza guerreando dentro dela. Ela inclinou a cabeça e olhou para Riley.

Quando ela olhou de volta para ele, ela rosnou baixinho.

Onde diabos estava Chase?

Riley estava inconsciente. Se algo acontecesse com ela, o Conselho teria a sua cabeça.

Ele realmente não precisava desta merda agora. Ele não dormia há dois dias e agora, aqui estava ele na sala de estar de Richard Boyd, uma filha sangrando e inconsciente e a outra pronta para arrancar sua garganta.

Por mais que ele odiasse Boyd, Riley e Kiera eram inocentes. Até onde ele estava ciente, nenhuma das mulheres sabia sobre a pesquisa cruel e demente do seu pai ou a dor persistente que isto tinha causado a Turner e sua família.

Suas entranhas contraíram quando outro rosnado rasgou do peito de Kiera. Se ela o atacasse de novo, ele teria de derrubá-la e ele não acreditava que poderia fazer isto sem machucá-la.

Raiva escureceu sua visão quando ela bateu nele, suas garras extraindo sangue e errando seus olhos por pouco. Ele a atacou, girando-a e prendendo-a no chão. Ela lutava para arremessar seu

peso, mas era inútil. Na sua forma de leão, ele a superava por uns bons 90 quilos.

A porta da frente abriu. Chase entrou, arma de atordoamento em punho e pronta para disparar. Ele soltou uma série de palavrões enquanto seu olhar disparava entre a mulher inconsciente e os dois leões. "Você tem muito explicação para dar."

Derrube-a antes que ela tire outro pedaço de mim. Turner entrou na mente do seu irmão.

Balançando a cabeça, Chase atirou em Kiera com um dardo tranquilizante.

Ela rugiu, expondo os dentes e tropeçou de lado algumas vezes, antes de aterrissar com um baque no chão.

Suas pupilas dilataram-se com medo.

Vamos levá-la para algum lugar seguro. Turner tentou tranquilizá-la.

Em menos de um minuto, ela estava inconsciente.

Chase pegou Riley e a deitou no sofá, em seguida colocou um travesseiro debaixo da sua cabeça.

Turner mudou para sua forma humana, um rosnado retumbando baixo no seu peito enquanto ossos e tendões estalavam e quebravam de volta para o lugar. Ele limpou as gotas de suor da testa e vestiu sua calça de novo.

Passando a mão sobre os quatro ferimentos perfurocortantes no seu ombro, ele respirou fundo e cerrou os dentes por causa da dor. Sangue quente escorria através dos seus dedos. Ele curava rápido, mas ainda doía como uma cadela.

Chase ajoelhou-se ao lado de Riley e empurrou seu cabelo para trás, expondo um galo que tinha se formado sob o pequeno corte acima da sua têmpora.

Seu irmão voltou seu rígido olhar azul sobre ele. "Quer me contar o que aconteceu aqui?"

Ele sabia que parecia ruim de onde seu irmão estava, mas a última coisa que ele queria fazer era passar por todo o pesadelo mais uma vez.

Turner encolheu os ombros. "Lugar errado na hora errada."

Chase murmurou algo inaudível baixinho e beliscou a ponte do nariz. "Ela viu você se transformar?"

Turner olhou para Riley e balançou a cabeça. "Não sei."

"Maldição, Turner, sua obsessão com Boyd foi longe demais. Você terá sorte se eles não o suspenderem permanentemente por isto."

Era sobre isto que ele estava preocupado.

"Preciso que você mantenha isto por baixo do radar por um tempo. Dê-me algumas semanas. Vamos investigar..."

"O Conselho irá querer respostas quando você a trouxer." Chase apontou para o monte de pelo dourado que jazia imóvel no outro lado da sala. "Como você planeja manter isto um segredo?"

"Estava esperando que você pudesse mantê-la na sua casa por enquanto."

Uma careta endureceu as feições de Chase. "Você quer que eu banque a babá de um leão de 136 quilos, enquanto você procura por fantasmas?"

"Há algo aqui. Posso sentir nos meus ossos. Você sabe tão bem quanto eu que se eu as levar para o Conselho, eles apagarão a memória de Riley e eu nunca obterei o que preciso dela. Sem mencionar o que eles farão com Kiera. Ela será trancada com os outros, sem chance de algum dia se transformar de novo. Estive na

sua cabeça. Ela ainda está lá. Talvez você terá mais sorte do que eu tive em chegar até ela."

Chase sentou-se sobre os calcanhares e exalou um longo suspiro frustrado. "Uma semana. Vou lhe dar isto antes de trazê-la." Seu olhar duro retornou para a ruiva que jazia inconsciente ao seu lado. "E sobre ela?"

"Vou cuidar de Riley. Posso precisar dela se vou chegar ao fundo destas transformações aleatórias."

"Você realmente acredita que Boyd infectaria a sua própria filha?"

Turner deu uma risada curta e sarcástica. "Você precisa perguntar? Você leu os arquivos. O homem estava apto para ser declarado como insano. Um assassino psicopata sem nenhuma consideração por..."

Chase levantou as mãos. Ele se levantou, atravessou a sala e agarrou o ombro ileso de Turner. "Boyd está morto. Não sei quem ou o que está por trás disto, mas não é ele."

"Você está errado. Posso senti-lo."

Chase deixou a mão cair e franziu o cenho. "Uma semana."

Turner assentiu. "Uma semana."

Ele descobriria quem estava por trás desta bagunça e se ele precisasse usar e manipular a filha mais velha de Boyd para obter esta informação, que assim seja.

Era hora de Riley saber que tipo de monstro Richard Boyd realmente era.

Capítulo 3

Turner estava sentado na beirada do sofá e colocou um pano frio na testa de Riley. Ela ficou inconsciente por menos de dez minutos, mas foi tempo suficiente para carregar o corpo do leão na caminhonete de Chase.

Riley agitou-se ao seu lado. "Kiera." Seu gemido foi fraco, um pequeno grito de dor cheio de confusão.

Ela teria um inferno de dor de cabeça quando acordasse.

Como ele explicaria isto para ela? Se ela acreditava que estava viajando mais cedo, ela teria uma revelação devastadora da realidade quando ele informasse que sua irmã estava atualmente presa no corpo de um leão.

Ele pegou uma foto com moldura prateada do chão. Era uma foto espontânea das irmãs Boyd, rindo e segurando copos plásticos compridos de daiquiri em algum lugar na *Strip* de Vegas. Ao contrário da sua irmã ruiva sexy, Kiera era pequena, seu cabelo escuro e os grandes olhos azuis lhe davam uma aparência de inocência.

Maldito Boyd. Apesar do que Chase acreditava, Turner estava convencido que o lunático estava por trás disto. Era muita coincidência que a sua filha mais nova tivesse sido infectada. Mas que tipo de bastardo faria algo assim com a sua própria filha?

Com um suspiro pesado, ele colocou a foto sobre a mesa de centro.

Riley choramingou e suas pestanas se abriram.

Agachando-se ao seu lado, ele retirou o pano e afastou uma mecha de cabelo úmido do seu rosto. "Você bateu a cabeça com muita força. Não tente se sentar ainda ou irá se sentir mal."

Seus olhos desfocados arregalaram. Ela rolou de lado, colocou os pés no chão e tentou se levantar. "Tenho de en-encontrar minha irmã."

Ela tropeçou para frente e Turner agarrou seus ombros para impedir que ela fizesse um mergulho de cabeça no chão.

"Você precisa se deitar. Kiera está bem."

"Onde ela está?" Gotas de suor surgiram na sua testa e ela gemeu. "P-preciso vê-la."

Ele a empurrou de volta no sofá. A última coisa que ele precisava era vômito sobre todo o seu jeans Gucci novo. Havia um motivo pelo qual ele o tirou antes de se transformar.

O olhar dela disparou ao redor da sala.

Segurando seu queixo entre os dedos e o polegar, ele a forçou olhar para ele. "Preciso que você me ouça."

O olhar dela se dirigiu para os quatro ferimentos perfurocortantes no seu ombro. "Você está sangrando." Seus olhos arregalaram e ela empurrou para trás, puxando os joelhos para o peito. "On-onde está?"

Merda, ela ia perder isto de novo se ele não fizesse algo rápido. Na sua forma humana, suas habilidades psíquicas eram moderadas, mas ele precisava tentar. Ele agarrou suas mãos e segurou quando ela tentou se afastar. Concentrando-se no seu rosto, ele focou na energia ao redor deles.

Calor infundiu-se neles e sua expressão suavizou à medida que o calor que ele criava fluía através dela como um sedativo natural. Seus ombros caíram e ela soltou um suspiro profundo e equilibrado.

"O leão se foi." Ele olhou para baixo. A pele delicada e pálida das suas mãos eram um contraste distinto ao lado dos seus dedos calejados e bronzeados pelo sol. "Kiera está segura. Ela está com meu irmão."

"Seu irmão?" Seus olhos verdes flutuavam com lágrimas e ela balançou a cabeça. "Não compreendo. Quem-quem é você?"

Ele estava realmente preparado para contar? Se a agência descobrisse o que ele estava prestes a fazer ele perderia mais do que seu emprego. Mas ele provaria que a mão de Boyd estava em tudo isto, Turner precisava da cooperação de Riley.

"Meu nome é Turner Payne. Trabalho com uma organização que lida com este tipo de ...*situação*." Ele hesitou. "Há muita coisa que eu preciso explicar para você, mas você precisa estar disposta a acreditar em mim. Você pode fazer isto?"

Ela mordeu o lábio e deu uma ligeira inclinação de cabeça. Ele tomou isto como um sim.

"Você estudou biologia na Penn State, certo?"

Sua careta aprofundou. "Fiz meu mestrado em evolução e genômica. Como você sabia disto?"

Porque ele tinha mantido um olhar atento sobre ela e Kiera ao longo dos últimos quatro anos. Ele tinha vários arquivos repletos de informações detalhadas sobre sua vida, mas não estava prestes a lhe contar isto. Ele podia sentir seu controle escapando, a energia começando a ceder aos seus nervos em frangalhos.

"Você sabe que os hominídeos continuaram a evoluir ao longo dos milênios e que havia subespécies que viviam lado a lado em relativa paz com os humanos modernos."

"Neandertais e Denisovanos." Suas sobrancelhas franziram. "Mas o que isto tem..."

"Há outra subespécie que evoluiu junto com os humanos. Classificada como *Homo sapiens metamorphs*."

"Metamorfos?" Ela deu uma risada nervosa.

"Seu genoma é caracterizado por várias mutações, afetando especialmente o décimo-quarto e vigésimo cromossomos. Normalmente mutações desta magnitude seriam debilitantes, mas no caso dos Metamorfos, a anomalia é uma força ao invés de uma fraqueza," ele explicou, usando a classificação do Conselho Therian de Metamorfos. Ele não sabia o que metade da merda significava, mas com sua formação em genética, ele presumiu que Riley saberia. Ela fechou os olhos e recostou no sofá. Ele continuou, "Baseado na sequência de aminoácidos no cromossomo quatorze, o Metamorfo tem a habilidade de se transformar em uma forma animal específica."

Uma risada estridente escapou dos lábios de Riley e ela sentou-se ereta. "Você está falando sobre lobisomens?"

Por que diabos as pessoas eram tão obcecadas com lobisomens? Eles eram trapaceiros e mentirosos, todos eles. Lobos não eram muito melhores do que os seus primos coiotes.

Ele exalou um suspiro frustrado. "Ou Metamorfos de leão."

Ela olhou para ele por um longo momento. Ele quase podia ver as engrenagens funcionando naquela sua cabecinha linha.

"Metamorfos de leão?" Seus inteligentes olhos verdes estavam vermelhos, seu rosto muito pálido. O choque de tudo que aconteceu nitidamente gravado nas suas feições. "Você está tentando me dizer que acredita que o animal que estava aqui... na minha sala de estar..."

era na verdade um humano, de alguma maneira *magicamente* transformando em um leão?"

"Não é magia, é genética. E sim, é isto que estou dizendo." Agora, a verdadeira surpresa. "E não era apenas um Metamorfo de leão qualquer. Era Kiera."

"Como na minha irmã Kiera?" Ela fechou os olhos brevemente e respirou fundo. "E eu acreditei que eu era a pessoa louca aqui."

Ela soltou as mãos dele, rompendo a aura que ele tinha criado ao redor deles.

"Riley, me ouça..."

Levantando-se sobre pernas instáveis, ela passou por ele e chamou o nome de Kiera enquanto corria até o quarto. Com um suspiro frustrado, Turner virou-se lentamente e a seguiu.

Quando ele chegou ao quarto, Riley estava parada ao lado da cama de Kiera, segurando o que Turner somente poderia presumir que eram os restos da camisola e calcinha que Kiera estava usando antes de se transformar.

"Onde ela está? Se você fez algo com ela..." Sua voz era suave, mas ele podia ouvir o tremor de medo que ressoava em cada palavra.

Ele a segurou pelos ombros, girou, e passou os braços ao redor dela. Era um gesto incomum. Ele sabia que se arrependeria disto mais tarde, mas a expressão de desespero debaixo daqueles olhos cor de esmeralda o destruiu.

Ela afundou-se nele e seu corpo tremia contra o dele.

Inclinando seu queixo para cima com o polegar, ele lhe deu o que ele esperava fosse um sorriso reconfortante. "Sei que é difícil de acreditar, mas o que eu lhe contei é a verdade."

"Ok." Ela afastou-se dele. Ainda segurando o material rasgado, ela caminhava pelo quarto pequeno. "Vamos dizer que eu acredito em você. Como você sabe tudo isto?"

Turner esfregou a parte atrás do pescoço. Ele nunca tinha contado para ninguém seu segredo antes. Era proibido, uma violação no protocolo para um agente Therian se expor para alguém além da sua companheira ou outro Metamorfo e a filha de Boyd não era nenhum dos dois. É claro, ele estava atraído por ela. Qualquer macho respirando, com dois olhos no seu crânio estaria, mas Riley Boyd não era e nunca seria, sua companheira.

Mas se ele tinha qualquer esperança em convencê-la a ajudar encontrar o bastardo responsável por isto, ele precisava que ela acreditasse nele.

Foda-se o protocolo. "Sei disto porque sou portador dos genes Metamorfos."

Seus olhos arregalaram e ela ficou boquiaberta. "Você quer que eu acredite que você é um lobisomem?"

Turner rosnou baixinho. "Um Metamorfo de leão. Há uma grande diferença."

Ela levantou as mãos em defesa e deu um passo para trás. "Ok, então você é um *Metamorfo de leão*. Devo acreditar nisto porque..."

Maldição, a mulher era teimosa. Se ela não aceitaria sua palavra, então ele teria de mostrar. Desafivelando seu cinto, ele tirou sua calça.

"Ôa, de novo com o despir. Há um motivo pelo qual você continua se despiando na minha frente?"

"Gosto desta calça e até onde eu sei, você não tem nada no meu tamanho para eu me trocar se ela for destruída. Recue."

Riley deu dois passos rápidos para trás até que suas pernas tocaram a beirada da cama. O colchão rangeu quando ela se sentou.

Quando ele começou a tirar a cueca boxer, seu rosto ficou escarlate escuro e ela desviou o olhar.

"Está pronta para isto?"

Com os olhos desviados, ela murmurou algo incoerente.

Esperando que ele não estivesse prestes a cometer o maior erro da sua vida, ele se transformou.

Capítulo 4

O coração de Riley tinha oficialmente parado de bater, ela tinha certeza disto.

Não, não, não. Isto não estava certo.

Na sua frente estava a criatura mais magnífica e aterrorizante que ela já tinha visto. Duas vezes o tamanho do leão que estava na cama da sua irmã, sua cabeça coroada com uma gloriosa juba escura, *isto* a observava com intensos olhos prateados.

Vamos lá, Riley, acorde. Quão duro ela bateu a cabeça?

Ela mordeu o lábio e engoliu além do nó na sua garganta. Se ela não tivesse visto a transformação com seus próprios olhos, ela nunca teria acreditado que fosse possível. Mesmo agora, ela tinha suas dúvidas.

No que não poderia ter sido mais do que alguns batimentos cardíacos, ele tinha se transformado de um homem muito sensual, extremamente nu, em um leão.

Não, não um leão — um Metamorfo de leão — que foi como Turner o tinha chamado. Chamado a *si mesmo*.

Ela estremeceu e esfregou os arrepios que formigavam nos seus braços.

Fui sugada para um dos romances distorcidos de ficção científica de Kiera.

Ela se considerava uma pessoa com os pés no chão, uma realista. Kiera era a distraída, sempre cheia de imaginação e sonhando ideias loucas. Como sua irmã reagiria se ela estivesse aqui, olhando nos olhos de um leão muito grande e muito assustador? Um leão que tinha sido um homem somente alguns instantes antes.

Mandíbula forte e marcada, patas pesadas, músculos ondulando sob pelo dourado — ele era incrível. Assustador, sim, mas também bonito. Ela nunca esteve tão perto de um animal selvagem antes, mas ele não era realmente um animal. *Era?*

Riley esfregou as têmporas, sem tirar os olhos dele. Ela estremeceu quando tocou o galo na sua cabeça. O quarto girou e seu

estômago fez um movimento abrupto. Ela exalou lentamente e empurrou a náusea goela abaixo.

O que tinha acontecido com sua irmã? Se Riley acreditasse no que Turner tinha dito, então sua irmã tinha magicamente — *não, geneticamente* — se transformado em um leão. Uma risada histérica escapou dos seus lábios quando a realidade pareceu socá-la direto nas entranhas.

Como qualquer coisa disto era possível?

A explicação simplificada de Turner das anormalidades cromossômicas não se correlacionava com seu conhecimento de genética. Duas graduações e seis anos de ensino pós-secundário não tinham feito nada para prepará-la para o que ela enfrentava agora.

O leão moveu-se na sua direção. Riley agarrou a beirada da cama e sentou-se.

Colocando seu focinho grande no colo de Riley, um murmurar suave vibrou do peito do animal.

Ele estava ronronando? Ela podia sentir o calor do seu hálito nas suas pernas nuas. Oh, Deus, isto estava realmente acontecendo.

Não irei machucá-la. As palavras vibraram através da sua mente como se Turner as tivesse falado em voz alta.

Ela queria pular para trás na cama, mas a cabeça pesada do leão a mantinha imobilizada.

Um calor, como aquele que ela tinha sentido na sala de estar, tomou conta dela e ela expeliu um suspiro trêmulo.

Com uma ligeira hesitação, ela estendeu a mão e acariciou o pelo grosso da sua juba. O pelo era áspero e, no entanto, suave ao mesmo tempo. Seus olhos fecharam e o murmúrio no seu peito tornou-se um ronco mais distinto.

"Sinto muito," ela disse, afastando a mão.

Isto não era nenhuma ilusão. Ela podia vê-lo, senti-lo, sentir seu cheiro. Ela inalou o aroma rico e almiscarado. Nem mesmo um aneurisma cerebral poderia causar uma alucinação tão vívida.

"Tudo bem. Por mais insano que isto seja, acredito em você." Que outra escolha ela tinha?

As narinas do leão dilataram.

Alguém está aqui. A voz de Turner ressoou na sua cabeça.

"Kiera? Riley?" Uma voz masculina ecoou pelo corredor. "Vocês estão aqui?"

"Merda. É Marcus." Nenhum outro homem poderia soar tão irritantemente pomposo e irritantemente infantil ao mesmo tempo. O leão agachou-se e expôs seus dentes. "Irei lidar com isto." Ela levantou-se da cama e pensando bem apontou um dedo para ele e ordenou, "*Fique.*"

Ele respondeu com um rosnado gutural baixo.

Ela balançou a cabeça e saiu pela porta, fechando-a atrás dela.

Marcus estava inclinado, estudando algo invisível no piso de cerâmica do vestíbulo.

O fedor da sua colônia fez Riley espirrar.

Rapidamente ele enfiou no bolso seja o que fosse que ele estivesse olhando e levantou-se. Seus olhos arregalaram quando ele olhou para ela. "Cristo, Riley. O que aconteceu?"

Ela tocou a testa, sentindo o sangue seco que tinha endurecido no seu cabelo. "Tropecei na mesa de centro. Estou bem."

Ele deu um passo na sua direção. "Você não parece bem."

Gelo escorria pela sua coluna enquanto o olhar de Marcus perambulava pelo seu corpo. Ela estremeceu e passou os braços ao redor do peito. "O que você está fazendo aqui?"

Seu olhar disparou por cima do seu ombro na direção do quarto da sua irmã. "Estou aqui para ver Kiera."

Ela entrou na frente dele quando ele começou a ir na direção do quarto. "Ela não está aqui."

Rubor rastejou pelo seu pescoço e seu olhar semicerrou. "Onde ela está?"

Deus, ele estava agindo mais estranho do que o normal. "Por quê?"

"Eu deveria encontrar Kiera para o café. Ela não apareceu. Tentei ligar no seu celular, mas ela não está atendendo."

Café? Sério Kiera?

O cara era esquisito. Material para perseguidor. O que sua irmã estava pensando iludindo-o assim? Desde a morte do seu pai, Marcus pairava sobre elas como algum parente há muito tempo perdido procurando pelas joias escondidas da família. *Que pena que elas não tinham nenhuma.*

"Como eu disse, ela não está aqui."

"Onde... ela... está?" Com cada palavra excessivamente pronunciada, ele deu um passo ameaçador na sua direção.

Que diabos?

Ela sabia que ele tinha alguns parafusos soltos, mas este negócio de macho era um pouco demais, até mesmo para ele.

Antes que ela tivesse uma chance de dizer a Marcus para onde ir, um braço grande e musculoso passou ao redor da sua cintura e a puxou contra um peito extremamente nu.

"Ela está com meu irmão." Turner disse, mal escondendo um rosnado baixo que vibrou nas suas costas. "Eles ficaram ontem à noite. Se conheço Chase, duvido que eles vão sair da cama antes do jantar. Agora, se você não se importa, estávamos no meio de algo antes que você aparecesse."

Muito atordoada para responder, Riley olhou por cima do ombro, boquiaberta para o homem muito sensual que tinha acabado de insinuar que eles tinham passado a noite juntos. Não que o pensamento a repugnasse. Cada terminação nervosa no seu corpo decidiu entrar em alerta elevado. Turner a tocou.

Os lábios de Marcus contraíram em um rosnado quando ele olhou para Riley por confirmação.

Melhor tê-lo acreditando que ela tinha ficado com o Sr. Sexy do que conhecer a verdade. Ela precisava de respostas e não obteria nenhuma com Marcus bisbilhotando.

Ela acenou com a cabeça na direção da porta. "Avisarei Kiera que você passou."

Ele a ignorou e perfurou Turner com um olhar cínico. "Eu o conheço?"

Turner coçou a barba escura na sua mandíbula. "Acho que não."

O rosto de Marcus assumiu um tom escuro de vermelho e a veia acima da sua têmpora parecia que estava prestes a explodir. Se Turner estava tentando irritar o homem, ele tinha sido bem-sucedido.

"O SUV lá na frente, é seu?" Marcus disse com dentes cerrados.

Turner enrijeceu. "É."

Silêncio prolongou-se entre eles. Um silêncio desconfortável, cheio de tensão.

O braço de Turner ainda estava intimamente ao redor da sua cintura e apesar do calor que irradiava do seu peito, Riley estremeceu.

Marcus olhou furiosamente para ela por um momento antes de virar-se para ir embora. Ele hesitou na porta, a mão pairando sobre a maçaneta. Ele olhou por cima do ombro e prendeu Turner com um olhar astuto. "Ainda bem que você não conseguiu uma multa por estacionar na rua durante a noite. Os policiais estão patrulhando constantemente esta área."

Agarrando-a com força contra o seu corpo, Turner afastou o cabelo do seu pescoço e mordiscou sua orelha. "Deve ter sido minha noite de sorte."

Riley sentiu seu rosto corar com a insinuação de duplo sentido e tentou ignorar as outras áreas do seu corpo que queimavam com o calor do seu toque.

Marcus suspirou bruscamente antes de abrir a porta e batê-la atrás dele.

Ela soltou um suspiro lento de alívio.

"Ele voltará," Riley disse sem fôlego.

"Então lidarei com ele," Turner murmurou, a boca ainda perto da sua orelha.

Ele a segurava perto. Tão perto que ela poderia sentir cada músculo rígido, bem definido, incluindo aquele que estava atualmente pressionado no seu bumbum.

Um pequeno suspiro escapou dos seus lábios antes que ela pudesse impedir. *O que havia de errado com ela?* Sua irmã tinha se transformado em um maldito leão e tudo que ela conseguia pensar era sobre os dedos compridos do homem-leão acariciando... *Chega, Riley.*

Ela balançou a cabeça. "Ele se foi. Você pode me soltar agora."

Suas mãos demoraram por um momento antes que ele finalmente a soltasse e desse um passo para trás.

Ela caminhou até a porta e girou o ferrolho. Quando ela se virou, Turner a estava observando. Cabelo preto ondulado caía pela sua testa e emoldurava as feições perfeitamente esculpidas do seu rosto. Maças do rosto salientes, cílios pretos e grossos cercando

misteriosos olhos azuis prateados, lábios bem moldados e um corpo do qual Narciso teria inveja.

Ele era maravilhoso. E também era um Metamorfo de leão. Sem mencionar, que até onde ela sabia, ele era a única pessoa capaz de ajudar sua irmã. Ela deveria estar aterrorizada com ele, mas não estava.

Ela respirou fundo e esfregou os braços nus. "Então...O que fazemos agora?"

"Vá tomar um banho. Limpe-se. Vamos conversar sobre isto quando você se vestir."

Roupas, sim, roupas era uma boa ideia. Especialmente nele. "Mas Kiera está bem? Se você pode mudar de um lado para o outro, então ela pode também?"

O olhar que ele lhe deu fez os pelos nos seus braços arrepiarem.

"Não é tão simples."

"Mas você pode ajudá-la, certo?"

"Estamos trabalhando nisto." Ele soltou um suspiro frustrado. "O Conselho tem todo mundo trabalhando dia e noite para resolver esta maldita bagunça."

Riley fez uma pausa, sem compreender. Que Conselho e que bagunça? "Se ela é uma Metamorfo, então por que ela não consegue se transformar de volta?"

"Ela não é uma Metamorfo. Tecnicamente não, de qualquer maneira."

"Mas você disse..."

"Olhe, é complicado. Não sabemos por que ou como estas pessoas estão se transformando, mas estamos tentando descobrir."

Riley sentiu o sangue drenar do seu rosto. "Kiera não é a única?"

"Temos cientistas tentando descobrir como reverter o processo. Até lá..."

A cabeça de Riley girou e ela teve de colocar uma mão na parede para manter seu equilíbrio. "Ela é um leão."

Capítulo 5

Turner fez uma varredura da casa enquanto Riley tomava banho. Ele não encontrou nada que provasse que Boyd ainda estava vivo ou ligasse o bastardo as transformações espontâneas.

Em pé, no meio do escritório do porão, Turner esfregou as mãos sobre os olhos doloridos. Talvez seu irmão estivesse certo — *ele estava caçando um fantasma*.

Mas quem, além de Boyd, tinha uma mente distorcida e conhecimento para foder com genética de tal maneira?

Ele pegou um troféu de vidro da grande mesa de mogno. Incrustado em letra dourada, lia-se: *Sociedade Americana de Genética Humana, Advocacy Award, Dr. Richard Boyd*.

Turner resmungou e balançou a cabeça.

"O que você está fazendo aqui embaixo?" Riley estava na porta, seus lábios rosados carnudos virados em uma careta.

Deus, ele estava perdendo isto. Ele não a ouviu descer, mas seu cheiro o atingia agora como fogo líquido e seu pênis contraiu desconfortável enquanto ela se aproximava. Seus sentidos de animal pareciam estar confusos hoje, quase silenciados.

Ele fingiu um olhar de inocência, levantou o troféu e deu-lhe um sorriso que ele esperava que tirasse sua mente do fato que ele tinha estado bisbilhotando suas coisas. "Apenas dando uma olhada. Muita coisa legal aqui embaixo."

Riley enfiou o cabelo úmido atrás das orelhas. Com o rosto limpo de maquiagem, a poeira de sardas na ponte do seu nariz estava visível. "Meu pai ganhou este no ano em que ele morreu," ela disse, pegando o troféu. Sua boca curvou-se em um sorriso triste enquanto passava os dedos sobre as letras incrustadas.

Seus seios subiam e desciam sob a fina camiseta azul e o jeans justo que ela usava acentuava sua cintura pequena. Seu olhar acompanhou a curva suave dos seus quadris para baixo e novamente para cima pelas suas pernas compridas e esculpidas à perfeição. O leão dentro dele rosnava e caminhava, não desejando mais nada além de possuí-la.

Quantas noites ele tinha passado examinando suas fotos e vídeos de vigilância, esperando encontrar alguma evidência que Boyd ainda estava vivo? Nenhuma destas fotos ou vídeos tinha capturado sua sexualidade inocente ou os feromônios intoxicantes que inundavam seus sentidos agora.

Controle-se, Payne. Ela é mais do que apenas um pedaço sexy de bunda. Ela é a maldita filha de Richard Boyd.

Ele sentou-se na beirada da mesa e a estudou, certificando-se de não olhar mais baixo do que o nível dos olhos. "Ele falava muito sobre seu trabalho?"

Riley encolheu os ombros e colocou o troféu de volta na mesa. "Keira e eu costumávamos brincar que ele amava seu trabalho quase tanto como ele nos amava. Ele estava casado com o trabalho, de certa maneira. Imagino que seja por isto que ele nunca se casou de novo depois que nossa mãe faleceu." Uma sombra de dor escureceu seus olhos verdes. "Foi sua paixão pela genética que me fez entrar na biologia. Somente gostaria que eu tivesse tido a oportunidade de trabalhar com ele antes..."

Antes que eu o matasse. Turner arrastou os dedos pelo cabelo e exalou uma respiração instável. "Você tem alguma coisa do seu trabalho aqui?" Era um tiro no escuro, mas ele tinha de perguntar.

Ela balançou a cabeça. "Houve um incêndio — uma explosão — no laboratório em que ele trabalhava. Destruiu tudo."

"Sinto muito," ele disse. Não pela morte de Boyd, é claro. O homem mereceu morrer. Mas ele lamentava pela perda que Riley experimentou. Não era culpa dela que seu pai tivesse sido um assassino psicótico, determinado a dissecar e desmembrar Metamorfose como se eles não fossem nada mais do que ratos de laboratórios.

Nenhum dos dois falou por um longo momento. Tensão pairava no ar e ele podia ver as perguntas e incerteza que atravessavam sua expressão.

"Então..." Ela engoliu em seco e enxugou as palmas das mãos na calça. "Você pode ajudar Keira? Torná-la...humana de novo?"

Merda, certo, ele quase tinha esquecido por que ele estava ali. Ficar perto dela embotava seu cérebro. "Preciso fazer algumas perguntas sobre sua irmã."

"Contarei qualquer coisa se isto irá ajudá-la."

Ele estava contando com isto.

Turner passou pela lista de perguntas que, como um agente Therian, exigia-se que ele fizesse à família da vítima, mas nada que Riley contou lhe deu qualquer informação nova.

"Então, você não consegue pensar em nada extraordinário, fora do comum? Nenhum conhecido novo?"

"Não. Kiera é introvertida. Quando não está trabalhando no estúdio de arte, está pintando ou lendo."

"E sobre o idiota mais cedo?"

"Marcus DuPoint?" Ela encolheu os ombros. "Ele sempre esteve por perto. Ele era um estudante de graduação sob meu pai..."

"Espere." Turner rosnou baixinho. "Você está me dizendo que o idiota que está perseguindo sua irmã costumava trabalhar com Boyd?"

Ela encolheu-se e deu um pequeno passo para trás. "Sim, mas..."

Ele pegou o telefone e enviou uma mensagem rápida para Chase. Ele precisava de qualquer informação que a agência tivesse sobre Marcus DuPoint.

"Você acha que Marcus tem algo a ver com isto?" Ela olhava para ele, inocente e com os olhos arregalados.

Ele não achava, ele sabia. Se o homem estava ligado a Boyd, com certeza ele era notícia ruim e poderia ser a pista que ele estava procurando. "Se ele tiver, vou descobrir."

Seu lábio inferior tremeu e ela olhou para ele como se todo seu mundo tivesse acabado de desmoronar ao redor dela. Ele imaginava que tinha. Mas se ele estivesse certo sobre Marcus, as coisas somente iriam piorar. Se o homem foi responsável por transformar Kiera, o que o impedia de fazer o mesmo com Riley?

Uma possessividade que ele nunca tinha sentido antes o agarrou, seguido por uma sensação de temor. Ele estava preparado para destruir tudo que Riley pensava que sabia sobre o homem que a criou?

Ele não percebeu quão intensamente ele a observava até que ela estremeceu sob seu olhar, suas pupilas dilatando com medo ou excitação. Talvez ambos.

Ele xingou o universo por foder com ele mais uma vez. Fazia meses desde que ele tinha transado e anos desde que o animal dentro dele tinha se agitado.

Ignorando seus desejos indesejados, ele pigarreu e afastou-se da mesa. "Falei com meu irmão quando você estava no banho. Ele tem Kiera em um lugar seguro."

"Posso vê-la?"

Passando os dedos pelo cabelo, ele deu as costas para ela. Ele precisava sair daqui antes que ele fizesse algo que se arrependeria. "Tenho alguns negócios para cuidar, mas voltarei hoje à noite para buscá-la. Você pode vê-la então"

"Turner?"

Ele parou na porta, mas não se virou. "Sim?"

"Como você sabia meu nome? Lá fora, na rua. Você sabia quem eu era. Como?"

Ele não estava preparado para contar a verdade para ela e com certeza ela não estava preparada para ouvi-la. Ele suspirou e fechou os olhos. Ele era o rei da besteira, mas por algum motivo a ideia de mentir para ela mais do que ele já tinha deixou um gosto ruim na sua boca.

"Você esteve no jornal local há alguns meses. Reconheci seu rosto."

"Oh." Sua voz tremeu com a única palavra.

Ele olhou por cima do ombro. Ela parecia tão vulnerável que ele teve de se impedir de tomá-la nos seus braços e confortá-la. Ele balançou a cabeça e afastou os pensamentos indesejados para fora da sua mente. "Estarei de volta às oito."

Capítulo 6

Turner estremeceu quando entrou no centro de controle da Agência Therian. O zumbido dos monitores e o clique incessante dos vários teclados fizeram os pelos na parte de trás do seu pescoço arrepiarem. Ele respirou o ar abafado e encolheu-se com os cheiros que permeavam a sala. Café velho, plástico superaquecido, combinados com o odor corporal de vários Metamorfo, ele fez uma careta. Ele nunca tinha compreendido por que alguém, especialmente um Metamorfo, escolheria um trabalho que exigia ficar enjaulado em uma prisão de cimento todo santo dia.

Jacob Oliver afastou-se da jovem mulher com quem ele estava conversando e fixou seu olhar em Turner.

Quinze minutos atrasado. Não era incomum, mas ele sabia que isto deixava Jacob louco. Se o homem não fosse mais como um irmão do que um chefe, Turner poderia ficar nervoso com o olhar sombrio e dominante que o homem lhe deu quando ele atravessou a sala.

"Onde diabos você estava?"

Ele encolheu os ombros e entregou-lhe o arquivo que ele carregava. "Fiquei preso na I-80."

Jacob abriu o relatório do caso. Seus olhos arregalaram enquanto ele examinava as fotos que Turner e sua equipe tinham tirado da cena.

"Tudo foi resolvido." Ele sentou-se na beirada da mesa e piscou para uma morena pequena que passava. Ela era atraente, mas nada comparado a beleza exótica de Riley. Ele enxugou as mãos na calça e olhou para Jacob. "Esbarramos com um pouco de resistência da polícia local, mas cuidei disto."

Jacob fechou a pasta, suspirou e arrastou uma mão sobre o rosto. O homem estava com trinta e poucos, mas seu cabelo preto já estava coberto de listas prateadas e havia linhas ao redor dos seus olhos e boca que não estavam lá um ano antes.

Turner olhou para os monitores no outro lado da sala, um dos quais transmitia um boletim de notícias ao vivo do Central Park.

"Alguma notícia sobre o caso de Nova York? Ouvi sobre isto esta manhã no rádio. Você já enviou uma equipe?"

Jacob olhava sem expressão para o arquivo fechado. Ele balançou a cabeça e olhou novamente para Turner. "Está fora das minhas mãos. Se tentarmos adquirir o animal, levantaria muita suspeita."

Turner franziu o cenho. "Eles vão colocá-lo em um zoológico ou pior, sacrificá-lo. Tem de haver algo que possamos..."

"A mídia está fazendo um estardalhaço por causa disto." Ele exalou bruscamente. "Não há nada que possamos fazer."

"Agente Oliver." Reece Maverick, Metamorfo urso e supervisor investigativo aproximou-se, seu rosto vermelho pelo esforço de atravessar a sala. Sua barriga grande pressionava o tecido branco da sua camisa, estirando os botões.

O fedor de alho e bacon fez cócegas no nariz de Turner. Deus, ele odiava isto neste calabouço. Somente os cheiros o deixariam louco.

"O que é?" Jacob perguntou.

Maverick olhou para Turner, depois de volta para Jacob antes de responder. Ele segurava uma pasta de papel manilha nos seus dedos carnudos. "O relatório do progresso, senhor."

"Diga-me que você tem boas notícias."

Maverick deu um aceno brusco de cabeça. "Nossos geneticistas acreditam que encontraram uma correlação entre as vítimas. De acordo com a análise do DNA, todas elas eram portadores de" — o homem fez uma pausa como se para efeito e estufou o peito — "um gene Metamorfo recessivo."

"Putá merda." Turner agarrou a pasta que Maverick carregava, mas os dedos carnudos do homem fecharam. Com outro puxão insistente, ele a soltou. Ele abriu a pasta e folheou o relatório. O documento poderia ter sido escrito em chinês por todo o sentido que isto fazia para ele, mas ele compreendeu o significado das palavras de Maverick. *Os Metamorfos não eram tão aleatórios como eles pensaram originalmente.*

Jacob pigarreou. "Por que só agora estamos descobrindo sobre isto?"

O rosto de Maverick mudou para vermelho e rosa. Ele pegou o arquivo e Turner o soltou e levantou as mãos em rendição.

"Eles acabaram de identificar o gene." Maverick voltou sua atenção para Jacob. "Mas pelo que eu compreendi é uma mutação que somente ocorre na prole de um humano e um Metamorfo."

As vítimas eram todas mestiças. Maldição, isto complicava as coisas. Se Maverick estivesse certo, o que isto diria sobre Kiera? Sobre Boyd? Tinha de ser um erro. Ele tinha estudado os arquivos das vítimas pelo avesso, somente uma pequena quantia deles tinha qualquer relacionamento com a comunidade Metamorfo.

"Nenhuma das vítimas tinha pais Metamorfos. Saberíamos se eles..."

"Nem todo Metamorfo está documentado," Maverick disse, enfiando a pasta com segurança debaixo do braço.

Jacob esfregou as mãos no rosto. "Precisamos informar o Conselho."

"Percebo as implicações que isto poderia ter, mas há milhares de portadores ao redor do globo e somente temos visto algumas centenas de casos de transformação espontânea, tudo dentro de uma localização geográfica controlada." Maverick abaixou a voz e olhou ao redor da sala. O suor da sua mão manchava o arquivo que ele segurava. "Não faz sentido causar pânico até..."

"Não." Jacob deixou escapar um suspiro frustrado. "Até descobirmos quem ou o que está causando isto, toda pessoa que carrega o gene está em risco. Quantos da nossa espécie tomaram companheiros humanos? Cada um dos seus filhos que não seja Metamorfo está em risco."

Turner apoiou-se na parede e cruzou os braços sobre o peito. Ele odiava admitir, mas concordava com Maverick. Não fazia sentido alarmar as pessoas até que eles tivessem uma maneira de controlar a situação.

"Nem sabemos como esta coisa está espalhada." Uma veia grande pulsava na têmpora de Maverick. "Se você tornar isto conhecimento comum, você causará apenas medo desnecessário e nós teremos um..."

"Eles têm todos os motivos para temer." Jacob entregou para Maverick o arquivo do caso dois-trinta-oito, que continha fotos do guepardo massacrado.

Maverick abriu a boca e em seguida fechou. Ele estremeceu e desviou o olhar. "Entendido, senhor, mas ainda penso que precisamos manter esta informação confidencial até sabermos mais."

A mente de Turner rodopiava. Boyd era humano. Um assassino sociopata e psicótico, mas ainda assim humano. E sua esposa tinha morrido de câncer — uma doença que não afetava os Metamorfs. Se os pais de Kiera eram humanos, como a mulher tinha herdado o gene recessivo?

Não fazia sentido. Era possível que o gene pudesse ser passado através das gerações? Em caso afirmativo, as implicações poderiam ser catastróficas. Isto também significava que Riley também poderia ser uma portadora.

Turner abriu e fechou os punhos e obrigou-se a ignorar a ameaça repentina que tinha seu animal enfurecido. Ele tinha de voltar até Riley. Seu animal caminhava dentro dele e um desejo não natural para protegê-la envolveu seu coração até que ele mal conseguia recuperar o fôlego. Ele tinha de mantê-la segura. De maneira nenhuma ele a deixaria sucumbir ao mesmo destino da sua irmã.

"Agente Payne, há algo que você gostaria de compartilhar conosco?"

A voz profunda de Jacob atravessou sua sensação de pânico.

O rosto de Maverick distorceu-se em uma careta. "Você está mais ausente do que o normal, Payne. Qual é o seu problema?"

Maverick estava certo, ele estava perdendo sua calma. A mulher tinha transformado seu cérebro em mingau e se ele não se recuperasse rapidamente, seria com sua bunda que a agência limparia o chão. Ele precisava de uma desculpa e precisava disto rápido.

"Privação de sono fará isto com uma pessoa." Não era exatamente uma mentira. Ele deu o que ele esperava que fosse um sorriso arrogante e olhou com superioridade para Maverick. "Ao contrário de você, eu estava realmente trabalhando."

Maverick abriu a boca para retorquir, mas Jacob levantou a mão para silenciá-lo. "Vá para casa e descanse um pouco. Preciso de você de volta aqui bem cedo amanhã de manhã."

Mais papelada. Ele cerrou os dentes. "Estarei aqui."

"No horário," Jacob avisou.

Turner revirou os olhos. Como se isto fosse acontecer. "Certo."

Jacob estendeu a mão e agarrou o braço de Turner antes que ele pudesse fazer uma linha reta para a porta. Felizmente Maverick tinha ido embora e não foi testemunha do olhar mortal que Jacob lhe dava agora.

"Não sei o que está acontecendo com você, mas se você fizer algo para comprometer a sua posição aqui, não posso ajudá-lo de novo."

Muito tarde, amigo. Não havia nada que Jacob ou Chase pudessem fazer quando a merda com Riley atingisse o ventilador. Ele estava ferrado. Era apenas uma questão de tempo antes que eles colocassem o nó da forca ao redor do seu pescoço.

Uma semana. Isto é tudo que ele tinha. Ele tirou os dedos de Jacob do seu braço. Como sua vida seria muito mais fácil se somente uma pessoa na agência acreditasse nele quando ele dizia que Boyd estava vivo?

Nem mesmo seu próprio irmão acreditava nele.

A tensão no corpo de Turner era quase impossível de controlar.

As narinas de Jacob dilataram e seus lábios afinaram. Seus olhos fixaram-se em Turner. "Se algo aconteceu, você precisa falar comigo."

Turner balançou a cabeça. Ele não poderia confiar nele. Não com isto. O senso de dever do homem para com a agência desconsideraria qualquer amizade que existisse entre eles. Não importava que Jacob fosse o irmão do seu melhor amigo ou que a mãe do homem tivesse basicamente criado Chase e ele. Se Jacob acreditasse por um minuto que Turner tinha violado as regras da agência, ele o entregaria. Expor o que ele sabia sobre Riley e Kiera seria um erro enorme. Um erro que ele não poderia se dar ao luxo de algum dia ele iria levar Boyd à justiça.

Forçando a verdade para fora das suas palavras, ele rosnou, "Uma vez um fodido, sempre um fodido, certo?"

Jacob enrijeceu. "Não diria isto."

Turner revirou os olhos. "Não precisava. Vejo nos seus olhos todas as vezes que você olha para mim. E não pense que eu não vejo a maneira como Maverick e sua ninhada me observam, esperando que eu fracasse."

Jacob balançou a cabeça e suspirou. "Ninguém quer que você fracasse. Estou apenas preocupado com você."

Preocupado comigo? Ele quase riu. Jacob não sabia o décimo da merda em que ele se metia — e saia — de uma maneira regular. Ele era uma bomba relógio ambulante e falante.

"Você trabalha mais duro do que qualquer um aqui." Ele engoliu em seco e jogou sua próxima carta. "Se está preocupado comigo, então me dê alguns dias de folga para me recuperar."

"Você quer tirar uma folga?" Os olhos de Jacob semicerraram e desconfiança brilhava nas profundezas de âmbar.

Não fazia sentido forçar sua sorte. Ele balançou a cabeça e virou-se. "Estarei aqui amanhã de manhã."

"Agente Payne." Frustração enchia a voz de Jacob.

Turner parou com o polegar pressionado no touchpad de segurança. "O quê?"

"Tire alguns dias de folga. Espero que você esteja em melhor forma quando retornar." Jacob deu um breve aceno de cabeça e afastou-se.

Turner deu um suspiro pesado enquanto as portas se fechavam atrás dele. Era menos tempo do que ele precisava, mas teria de ser o suficiente.

Capítulo 7

Riley enfiou os joelhos debaixo do queixo e mordeu a manga do blusão de moletom. Ela não tinha se movido do seu lugar no sofá da sala de estar em mais de uma hora. O que ela deveria fazer? O que ela poderia fazer?

Ela fechou os olhos e colocou a testa nos joelhos.

Turner disse que voltaria por ela, que ajudaria a consertar Kiera, mas ela poderia confiar nele? Ela balançou a cabeça e soltou uma respiração trêmula.

Quais eram suas opções? Não era como se ela pudesse chamar a polícia. Uma pequena risada histérica vibrou através da sua garganta enquanto ela pensava como como seria a conversa. "Minha irmã se transformou em um leão e um cara muito sensual, que também é um leão, a sequestrou ou melhor leão-sequestrou e a arrastou sabe-se Deus para onde..."

Eles acabariam por levá-la para o hospício.

Lágrimas embaçaram sua visão e ela as piscou para longe. Desmoronar não iria ajudá-la. Ela se levantou e sacudiu o entorpecimento dos seus dedos. Ela precisava permanecer forte — por Kiera.

O toque estridente do telefone a fez pular. Ela limpou as mãos na calça e caminhou até a cozinha. Um número desconhecido apareceu na tela verde.

"Olá?"

Houve um silêncio no outro lado. Um clique e a linha ficou muda. Ela franziu o cenho e colocou o telefone de volta no gancho.

Era a terceira ligação perdida hoje. A casa estava sinistramente silenciosa. Quase quieta demais. Seu estômago contraiu e uma sensação desconfortável instalou-se sobre ela.

Antes que ela soubesse o que estava acontecendo, uma mão enluvada cobriu sua boca e nariz e um braço passou ao redor do seu peito, puxando-a para trás na direção de uma massa grande e sólida.

Pânico disparou através dela. Um grito esfarrapado e abafado pela mão do seu agressor, queimou sua garganta. Ela brigava para

respirar e lutava, mas ele endureceu seu domínio.

"Não vou machucá-la." A voz de Marcus estava rouca e molhada na sua orelha. "Apenas quero conversar."

Arrepios frios percorreram seu braço e ela ficou imóvel. Ela olhou ao redor por algo que ela poderia usar como uma arma — *nada*. Ela cerrou os dentes, sentindo seu corpo enfraquecer por falta de oxigênio.

"Boa garota." Ele apertou a pegada ao redor do seu peito, mas removeu a mão que cobria sua boca.

Ela ofegou várias vezes. "O que você quer?"

Ele recuperou algo do bolso e um pequeno estalo soou perto da sua orelha.

"Quero que você me diga para onde eles levaram sua irmã."

Ela virou a cabeça ligeiramente e sentiu o sangue drenar do seu rosto quando localizou a seringa grande que ele segurava. "O que você está fazendo, Marcus?"

"Diga para onde eles a levaram e deixarei você ir. Se você se recusar..." Ele levantou a seringa na frente do seu rosto e uma pequena gota de um líquido âmbar surgiu na ponta da agulha. "Há outras alternativas."

Ela engoliu o nó na sua garganta. "O que é isto?"

"Vamos lá, Riley, você é inteligente o suficiente para descobrir." Ele colocou a agulha no seu pescoço. "Diga onde ela está."

"Eu já disse. Ela ficou com alguém ontem à noite e..."

Ele empurrou a agulha através da sua pele e ela gritou. "Pare de mentir para mim. Sei que ela se transformou e quero saber onde ela está. A não ser que você queira compartilhar o mesmo destino, é melhor começar a falar."

"Foi você." As palavras saíram em um suspiro e a raiva que se avolumou dentro dela ameaçava sufocá-la. "Você fez isto com Kiera?"

"Não sou o cara mau aqui," ele rosnou, relaxando sua mão ligeiramente. "Não queria ter de fazer isto."

Sua pele pulsava onde a agulha estava enfiada. Seu polegar girou o êmbolo. Ela cerrou os dentes, mentalizando para não chorar. Quanto pior Kiera tinha sofrido? Quando ele a injetou e por que sua irmã não tinha lhe contado?

Ela fechou os olhos e respirou pelo nariz. "Então por que você está fazendo isto?"

"É a minha única chance." Seu corpo tremeu ao redor dela e sua respiração acelerou. "Não quero machucá-la..."

"Como você machucou Kiera." Ela reprimiu as lágrimas quentes. Riley sabia que o cara era notícia ruim, mas isto? "Ela confiava em você."

"Fiz o que eu tinha de fazer. É a única maneira." Um grito dolorido rasgou dos seus lábios e ele estremeceu. O movimento mergulhou a agulha mais profundo no seu pescoço e ela ofegou. "Se você me disser onde ela está, *e*le pode salvá-la."

"Quem?" ela sussurrou, lambendo os lábios secos. "Quem pode salvá-la?"

Uma batida soou na porta da frente e Marcus enrijeceu. "Merda." Ele afrouxou sua pegada e tirou a agulha do seu pescoço. Ele deu alguns passos rápidos para trás e bateu na mesa da cozinha. "Quem está aí?"

Riley virou-se lentamente e tocou o pescoço. Outra série de batidas, desta vez mais persistentes. Era muito cedo para Turner estar da volta. Mas quem mais poderia ser?

Marcus deu outro passo para trás e contornou a mesa, seu olhar disparando ao redor do cômodo. "É ele, não é?" A seringa caiu no chão, mas ele não pareceu perceber.

"Marcus." Ela não poderia deixá-lo ir embora, não se ele sabia como transformar Kiera de volta.

Quando seu olhar se moveu bruscamente de volta para ela, seus olhos estavam selvagens e enlouquecidos.

Ela prendeu a respiração e deu um passo para trás. "Se você sabe como ajudar Kiera, farei o que você quiser."

"Você não pode confiar nele. Em nenhum deles." Ele piscou várias vezes, em seguida empurrou uma mão pelos cabelos escuros. "Ele não é quem diz. Diga para onde eles a levaram e farei com que ele a conserte. Ele terá de fazer isto."

Ela balançou a cabeça. Ele estava falando em enigmas. "Não sei onde ela está."

Uma batida soou da frente da casa e Marcus saiu em disparada pela porta do pátio.

"Espere!"

Ela começou a segui-lo, mas congelou quando Turner entrou correndo na cozinha através da porta do corredor à sua esquerda, a arma sacada.

Seu rosto bonito fechado em uma careta e seus olhos brilhavam em prata nas sombras. "Você está bem?"

Ela deu um aceno brusco de cabeça e ele desapareceu nos fundos. Suas pernas ficaram como borracha e ela teve de agarrar a bancada da cozinha para se equilibrar. O cachorro do vizinho soltou uma longa série de uivos. Ela olhou pela janela da cozinha para o céu escurecendo e soltou a respiração que estava segurando.

Turner fechou a porta do pátio com um baque e seguiu na sua direção, os dentes expostos. "Ele a machucou?"

Ela tocou o pescoço. "Ele tinha uma agulha."

Um rosnado vibrou no peito de Turner. Ele afastou sua mão e passou os dedos sobre o pequeno ferimento perfurocortante. Por um momento, ela jurou que viu um brilho de pânico atravessar sua expressão.

"Ele não injetou." Ela fez um gesto na direção da agulha descartada.

Ele afastou a mão do seu pescoço.

"Vá fazer uma mala. Roupas, escova de dentes, o que você precisar. Você pode ficar comigo até resolvermos isto."

Ficar com ele? Ela nem o conhecia. Mas se ficasse aqui, ela sabia que Marcus voltaria por ela. Ele tinha deixado sua ameaça clara. Se ele não poderia ter Keira, então ele voltaria por ela.

Turner vasculhou a dispensa e tirou uma caixa de sacos plásticos de lanche. Usando um saco como uma luva, ele pegou a seringa e a levantou na luz. "Não parece um sedativo."

"Acho que é o que ele usou para...*transformar* Kiera."

Sua cabeça girou na direção dela e ele ficou boquiaberto. "Ele lhe disse isto?"

"Não com tantas palavras, mas ameaçou fazer o mesmo comigo se eu não contasse para onde você a levou."

Os músculos no seu rosto endureceram e sua mandíbula contraiu. "Ele disse mais alguma coisa? Mencionou com quem ele estava trabalhando?"

"Não." Ela esfregou as têmporas. "Não sei. Aconteceu tão rápido. Não compreendo nada disto. Ele parecia saber sobre você...o que você é. Ele é um de vocês?"

"Porra não," Turner rosnou, os lábios curvados em repulsa. Ele largou a seringa no saco e selou. "Pegue suas coisas. Precisamos ir embora agora."

"Você vai me levar até Keira?"

"É muito perigoso. Se formos lá agora e este psicopata estiver seguindo você, corremos o risco de levá-lo direto para sua irmã. Chase pode cuidar de si mesmo, mas não vou colocar Lora em risco."

"Lora?"

"Sua companheira."

"Companheira?"

Ele deu um rosnado irritado. "Esposa. Alma gêmea. Parceira de vida. Seja qual for o termo que vocês humanos queiram usar."

"Oh." Ela olhou para o chão para esconder o seu desconforto. *Companheira* — a palavra soou tão primitiva, animalesca e ela não conseguiu evitar o desejo que isto agitou dentro dela.

Turner pigarreou. "Realmente precisamos ir embora."

Com um suspiro, ela dirigiu-se para seu quarto para fazer as malas. Milhares de argumentos por que ela não deveria ir com ele percorriam sua cabeça, mas nenhum deles ignorava o fato que ele estava com sua irmã. O homem parecia relativamente são, a coisa de leão à parte. Definitivamente não foi ele enfiando agulhas no seu pescoço e ameaçando-a, mas ela ainda não conseguia afastar a sensação que Turner estava escondendo alguma coisa.

Ela iria com ele e descobriria para onde ele tinha levado Kiera. Se isto não conseguisse transformar sua irmã de volta, então ela encontraria o homem que Marcus disse que poderia.

Capítulo 8

Turner abriu a porta do seu apartamento e estremeceu com a bagunça. Ele gemeu silenciosamente enquanto conduzia Riley para dentro e fechava a porta atrás dela.

Garrafas de cerveja vazias e caixas de pizza estavam espalhadas ao redor. Ele olhou para Riley. Ela examinava a sala, testa franzida, mas manteve qualquer comentário para si mesma.

Ele tinha pensado em levá-la para seu apartamento principal, mas o cansaço estava se instalando e a ideia de dirigir por mais quarenta e cinco minutos na I-80 fez sua cabeça doer. Ele também tinha certeza que o quadro branco no seu home office, coberto com fotos e anotações sobre sua família suscitaria perguntas que ele não estava preparado para responder no momento. Mas tê-la no apartamento que ele usava para espiá-la fez sua pele arrepiar.

Riley tirou os sapatos, colocou-os no capacho de boas-vindas e deu-lhe um sorriso forçado. As primeiras impressões já eram. O apartamento era pequeno, mas era tudo que ele precisava. Mais um ponto de parada do que uma residência real. E não era como se ele normalmente convidasse mulheres para seu apartamento, qualquer um deles. Se eles queriam ficar, havia muitos lugares que não envolvia invadir seu espaço pessoal.

Ele esfregou a mão sobre o queixo, os dois dias de crescimento arranhando sua pele. "Ultimamente não tenho ficado muito aqui."

Ela encolheu os ombros e olhou ao redor. "Estou acostumada a uma bagunça. Estou constantemente lembrando Kiera..." Um brilho de dor atravessou sua expressão, em seguida seus olhos verdes ficaram escuros e ela olhou para o chão.

Maldita fosse a vulnerabilidade que a envolvia como um cobertor grosso. Seu leão caminhava com a necessidade de possuí-la, cuidar dela. Ele balançou a cabeça e lembrou a si mesmo do por que ela estava aqui. Ela era sua melhor ligação para descobrir se Boyd ainda estava vivo e se ele estava, onde o homem estava se escondendo.

"Vou mostrar-lhe o quarto." Ele pendurou sua mochila sobre o ombro e começou a seguir pelo corredor. Quando ela não seguiu, ele

parou e olhou para trás.

Seus lábios contraíram-se e as sobrancelhas franziram bruscamente. "Seu quarto?"

"Não se preocupe. Vou dormir no sofá."

O alívio que lavou seu rosto não fez muito para seu ego. Dividir uma cama com ela tinha passado pela sua mente mais de uma vez no carro, mas mesmo se ela estivesse disposta, seu corpo gritava por sono.

"Vamos," ele disse.

Ela soltou uma respiração contida e o seguiu para o pequeno quarto.

Ele chutou a pilha de roupas sujas que estava no centro do quarto para um canto e largou sua mochila na cama desfeita. O quarto cheirava a poeira e mofo.

"Há lençóis e toalhas limpas no armário do corredor." Pelo menos ele esperava que houvesse. Ele não conseguia se lembrar da última vez que ele tinha lavado roupa.

Ela deu um aceno de cabeça não comprometedor, passou os braços ao redor de si, olhou para a cama e depois de volta para ele.

Merda. Ele deveria arrumar a cama para ela? Maldição se ele sabia algo sobre ter um hóspede — especialmente um hóspede mulher. Ele deu um passo na sua direção e ela respirou fundo. Medo, ou algo parecido com isto, atravessou sua expressão. Merda, ela acreditava que ele a machucaria? Ele levantou as mãos para tranquilizá-la.

Havia muitas coisas que ele queria fazer com ela, mas machucá-la não era uma delas. Seu olhar concentrou-se no seu lábio inferior carnudo e como se lendo sua mente, ela começou a mordê-lo. Seu pênis contraiu e seu leão rosnou baixinho no seu peito ... *Minha*.

Ele bateu mentalmente em si mesmo pelo pensamento. Ela não era dele. Ela era a filha do maldito Richard Boyd.

"Por que você está fazendo isto?" Ela olhou para ele, os olhos cautelosos.

Ele enfiou as mãos nos bolsos e encolheu os ombros. "É meu trabalho."

Não era completamente uma mentira, apenas uma ligeira divergência da verdade.

Ela assentiu, observando-o com cuidado. Seu olhar aterrissou nos lábios dele e ela estremeceu. Ele podia sentir o leve cheiro da excitação que flutuava dela. Ele inalou profundamente e seu pênis enrijeceu. Maldição, ele precisava se afastar dela antes que ele fizesse algo idiota ou melhor dizendo, *mais idiota* do que ele já tinha feito. Trazê-la para o seu apartamento era outro prego no seu caixão. Mas o que mais ele deveria fazer? Entregar Riley e sua irmã para o Conselho Therian não era uma opção. Pelo menos ainda não.

"Durma um pouco. Resolveremos as coisas de manhã."

* * *

Uma batida alta e uma série de sinais sonoros estridentes acordaram Riley de um sono profundo. Ela sentou-se bruscamente e olhou ao redor para o quarto desconhecido. Uma velha cômoda estilo retrô estava em uma parede, o espelho rachado ao lado. As paredes nuas e descoloridas estavam desprovidas de fotos e um cobertor pesado pendurado com pregos sobre a janela. Ela levou um instante para compreender seus arredores e bile subiu até sua garganta quando os eventos do dia anterior assaltaram sua mente.

Ela empurrou as cobertas e espiou através da cortina improvisada. Um caminhão de lixo afastava-se da calçada seis andares abaixo. Ela conhecia o bairro. O complexo de apartamentos não ficava muito longe da sua casa. Era uma área turbulenta. Apesar do aluguel barato, definitivamente não era um lugar que ela teria identificado que Turner vivesse. O SUV preto que ele dirigia provavelmente custava o triplo do preço do apartamento decrepito.

Algo parecia errado. Não era só que o apartamento não combinava com ele, além da sua roupa de grife descartada, realmente não havia nada para ligá-lo ao lugar.

Seu estômago roncou, lembrando-lhe que fazia muito tempo desde que ela tinha comido algo.

Ela abriu a porta do quarto e espiou. Não havia nenhum movimento. O corredor estava nu, exceto por uma mancha amarela feia na parede.

Seu estômago roncou de novo, desta vez mais alto e com mais persistência. Ela abriu a porta e caminhou na ponta dos pés pelo

corredor.

Ela parou quando viu Turner, esparramado com o peito nu no sofá. Sua respiração ficou presa na garganta e a boca ficou seca. Puta merda ele era atraente. Um braço musculoso cobria seu rosto bonito, o outro estava flácido sobre seus músculos abdominais esculpidos. Um cobertor cobria sua metade inferior, mas tinha caído baixo e Riley engoliu em seco enquanto seguia a linha de pelos escuros até o volume grosso sob seu jeans.

Calor corou seu rosto. Não era certo encarar, mas ela não conseguiu desviar o olhar. Sua pele bronzeada pelo sol não tinha marcas, exceto por uma cicatriz que percorria a extensão do seu lado. Era leve, mas pela cor e textura, ela tinha certeza era uma marca de queimadura.

Seu olhar demorou-se no seu peito largo antes de mover para cima para estudar seu rosto bonito. No sono, suas feições fortes e angulares pareciam mais jovens do que no dia anterior. Seus lábios cheios contorceram-se em uma careta e ele murmurou algo incoerente. Ela se permitiu uma olhada final antes de se afastar e dirigir-se para a cozinha. Tudo que ela precisava era que ele acordasse e a encontrasse observando-o.

Ele nem era seu tipo. Não que ela tivesse um tipo, mas se tivesse, certamente não era Turner Payne. Ele era muito indomado, selvagem, sexy, alfa, primitivo...*quente*. A quem ela estava enganando, ele era o tipo de qualquer mulher.

Ela zombou internamente. Sempre havia uma desculpa. Pelo menos era o que Kiera diria. De acordo com sua irmã, Riley era a rainha de dar desculpas para o seu estilo de vida prudente.

O conteúdo escasso na geladeira fez sua cabeça balançar. Ela conseguiu salvar alguns ovos, metade de um queijo e um pote fechado de salsa. Não era muito, mas se conseguisse encontrar uma frigideira, ela poderia fazer uma omelete quase decente.

Havia algumas caçarolas e panelas que não combinavam sob a pia e uma garrafa de óleo de cozinhar fechada. Ela colocou seus achados sobre o balcão e começou a trabalhar. Ela gostava de cozinhar. Depois que sua mãe tinha falecido, preparar refeições tinha se tornado sua responsabilidade. Kiera, apesar de ser a artista da família, era um desastre na cozinha. Sua irmã tinha quase incendiado

a casa quando esqueceu de remover a base de papelão de uma pizza congelada antes de colocá-la no forno.

O estômago de Riley apertou com o pensamento da sua irmã. Ela estava assustada? Com fome? O animal tinha assumido sua mente completamente?

O óleo chiava na panela. Ela jogou as pimentas em cubos e colocou os ovos batidos em cima. Depois do café da manhã, ela convenceria Turner para levá-la para ver Kiera hoje. De alguma maneira, ela descobriria como tirar ambas deste pesadelo Além da Imaginação.

Sua mente flutuou, repassando os eventos do dia anterior, fazendo uma pausa no momento inesperado que Turner tinha se despido. Ombros largos, olhos acinzentados abrasadores, tufo de cabelo preto que descia pelos seus músculos abdominais duros na direção do seu — *Pare com isto, Riley!*

Ela soltou um suspiro irritado e sexualmente frustrado.

O homem era muito sexy para seu próprio bem — ou para o próprio bem dela. Ela precisava permanecer focada no que importava, porque se ela tivesse de escolher entre o Metamorfo de leão sexy e sua irmã, sua escolha era fácil.

Capítulo 9

Turner apoiou-se no batente da porta e observou Riley se mover pela cozinha. Ela murmurava baixinho. Sua expressão cintilava entre irritada e excitada. Ela tinha vestido uma calça jeans que abraçava seu bumbum firme e seu cabelo vermelho caia pelas suas costas em uma bagunça sexy e emaranhada. Sua boca estava inchada do sono e sua mente imediatamente foi para onde não deveria — aqueles lábios doces gritando seu nome enquanto ele se enterrava profundamente entre suas pernas.

Ele gemeu em silêncio. Ele acordou com uma maldita ereção. Seu cheiro intoxicante tinha se infiltrado nos seus sonhos e o deixou duro como uma rocha.

Só de estar perto dela o deixava apreensivo para caramba. Ela não era apenas uma mulher qualquer. Ela era a filha de Boyd. O homem que ele supostamente tinha matado. O homem que era responsável por matar e mutilar centenas, se não milhares, de Metamorfos. O homem que ele acreditava, sem sombra de dúvida, que era responsável pelo sequestro da sua mãe.

As lembranças brutais dos meses após sua mãe ter desaparecido ainda estavam frescas na sua mente. Não importava que ele fosse apenas uma criança, havia algumas coisas que uma pessoa nunca conseguiria esquecer — e sua mãe saindo no Cadillac preto de Boyd apenas dois dias antes do seu desaparecimento era uma delas.

Ele desistiu de muita coisa para ser distraído agora.

"Bom dia." Ele pigarreou e entrou no cômodo.

Um pequeno suspiro escapou dos seus lábios. Ela girou na sua direção, uma espátula em uma mão e um pote vazio de salsa no outro. O olhar dela deslizou pelo seu torso e um rubor feroz rastejou pelo seu pescoço, escurecendo seu rosto. "Eu es-estava apenas preparando o café da manhã."

"Perfeito, estou morrendo de fome." Ele sentou-se na ilha em frente dela e tentou ignorar a maneira como seu coração começou a acelerar no momento que ela olhou para ele.

"Sua geladeira está um pouco vazia."

"Estive fora da cidade nos últimos dias. Podemos fazer uma parada no supermercado mais tarde," ele disse, observando-a. Ela cortou a omelete e colocou o pedaço maior no seu prato. Ele olhou para a comida com apreço. "Um Giada De Laurentiis padrão."

O sorriso de Riley alcançou seus olhos, suavizando suas feições. "Você assiste o Food Network?"

Ele encolheu os ombros. "Ela é sexy."

Ela riu e sentou-se ao lado dele. "Então você gosta de mulher mais velha."

Ele sorriu e arqueou uma sobrancelha. "Com ciúme?"

Ela abaixou o olhar para sua comida e ele podia ver o rubor rastejar pelo seu pescoço. Ele se arrependeu da pergunta imediatamente. Flertar estava fora dos limites.

"Então, toda esta coisa de Metamorfo. Como isto funciona?" ela perguntou.

"O que você quer dizer?"

"Vocês vivem em matilhas ou..." Ela abaixou o queixo e cutucou seus ovos com o garfo. "Isto soou terrível, sinto muito. Não quis insinuar ..."

Ele recostou-se na sua cadeira e a estudou. "Alguns vivem. Lobos e coiotes estão mais propensos a perambular em matilhas. Ursos e felinos tendem a ser mais solitários."

"Ursos?" Ela ficou boquiaberta.

"Nós viemos em todos os formatos e tamanhos." Piscando, ele flexionou os músculos e sorriu.

Ela assumiu um tom ainda mais escuro de vermelho e desviou o olhar, mas não antes que ele percebesse a dilatação rápida das suas pupilas quando ela olhou para seu peito nu.

Mordendo o lábio inferior, ela mudou de posição no seu assento. Seu braço roçou nele e ela respirou bruscamente.

O calor daquele único toque ardeu através dele. Parte dele acreditou que fosse a adrenalina de ontem que tinha criado uma consciência aguçada um do outro, mas agora...maldição, tudo isto era muito errado.

Ele pegou seu prato quando ela terminou de comer e colocou na pia. Ele virou-se e apoiou-se no armário. Ela lambeu os lábios e ele

precisou de todas as suas forças para não reivindicá-los como seus. Ele suspirou e esfregou a parte de trás do pescoço.

"O quê?" ela perguntou, os olhos arregalados e inocentes, como se ela não soubesse o efeito que tinha sobre ele.

Seu leão resmungou e deve ter sido audível porque a respiração dela mudou e ela agarrou a bancada, levantando-se bruscamente. O movimento agitou algo primitivo dentro dele. Ele podia sentir o cheiro do seu desejo. Fazia cócegas nos seus sentidos e enviou o sangue correndo para seu pênis. Mas também havia dúvida atrás dos seus olhos.

Vá embora. Esta era a melhor coisa que ele poderia fazer. E ele tinha toda a intenção de fazê-lo — mas seu olhar o atraía e antes que pudesse se deter, ele a prendeu contra a parede, uma mão ao redor da sua cintura, a outra emaranhada no cabelo na sua nuca.

Ela respirou fundo. Seus olhos estavam arregalados, mas ela não protestou. Ela o desejava. E Deus, ele a queria. *Minha*, seu animal rosnou. Havia tanta coisa errada com toda a situação, mas naquele momento, ele não se importava.

Ele passou o polegar pela sua mandíbula. Ela estremeceu e fechou os olhos.

Uma prova.

Ele mergulhou a cabeça e os lábios dela se entreabriram. Ela colocou as mãos no seu peito e inclinou-se, o calor da sua respiração provocando sua boca. Sua respiração estava agitada. Segurando seu queixo, ele delineou o contorno da sua boca com o polegar. Sua garganta contraiu — *merda*.

O que ele estava fazendo?

Sua presença era como um tsunami, ameaçando afogá-lo se ele não corresse rápido. Ele era o rei de jogar a cautela ao vento, mas até mesmo ele tinha seus limites.

Ele recuou e deixou as mãos caírem ao seu lado.

Ela piscou para ele, emoção rodopiando nos seus olhos verdes — uma mistura de medo e desejo.

"Não pretendia..." Ele passou os dedos pelo cabelo e colocou mais distância entre eles.

Uma máscara fria de calma visitou seu rosto, mas ele não perdeu o pequeno tremor no seu lábio inferior. Ela endireitou os ombros e o

encarou.

"Você disse que me levaria para ver minha irmã."

"Sim," ele resmungou, contente e estranhamente irritado que ela tivesse mudado de assunto tão rapidamente. "Deixe-me tomar um banho e me vestir e vamos sair."

Ela assentiu solenemente e foi passar por ele.

Por instinto ou alguma outra resposta primitiva que ele não queria examinar detalhadamente, ele pegou seu braço. "Riley, espere."

Ela olhou para a mão que estava ao redor do seu pulso e franziu o cenho.

"Aprecio o que você está fazendo por mim e Kiera." Ela respirou profundamente e estremeceu, mas manteve seu olhar para baixo. "Mas acredito que seja melhor não tornarmos as coisas mais complicadas que elas já estão."

Ele passou o polegar sobre o padrão de sardas em forma de estrela ao longo do osso delicado do seu pulso e suspirou. Uma onda confusa de decepção o atingiu. Ela estava certa, mas isto não acalmou a besta irritante dentro dele. *Ela não é nossa*, ele lembrou ao animal. O leão rosnou em resposta.

Ele soltou sua mão e assentiu. "Estarei pronto em dez minutos."

Capítulo 10

A brisa da manhã possuía a primeira insinuação do inverno, mas apesar da alfinetada no ar, o sangue de Riley queimava como lava derretida.

Ele quase a tinha beijado e ela tinha desejado que ele fizesse isto. Ele agitou uma necessidade dentro dela que ela não sabia que existia. Luxúria, pura e simples, mas não havia nada simples sobre Turner Payne. Ela queria acreditar que era porque fazia muito tempo desde que ela tinha estado com alguém, mas ela sabia que era uma mentira. Seu corpo tinha estado sexualmente em comatose antes que ele aparecesse.

Ela ignorou a careta que ele lhe deu quando desceu do carro. Ele esteve temperamental e em silêncio durante toda a viagem. Mas ela não perdeu os olhares de soslaio periódicos sempre que ele acreditava que ela não estava prestando atenção.

Ele a fazia se lembrar do gato siamês, Blu, que ela tinha quando criança — brincalhão em um momento, amuado e temperamental no outro. Até mesmo seus olhos eram do mesmo cinza prateado, com tons mais escuros, fazendo com que a íris parecesse estranhamente translúcida nas sombras.

Neste momento, estes olhos estavam fixos nela por trás de uma máscara de estoicismo. Ele parecia estar tão desconcertado perto dela quanto ela estava perto dele.

O *quase-beijo* pairava no ar ao redor deles. Ele tinha recuado, o que provavelmente era melhor. Mas o 'e se' era um fogo nas suas entranhas. E cada toque sutil, cada olhar roubado, somente acrescentava querosene às chamas crescentes.

Ela o seguiu pelo caminho em direção a uma casa grande de dois andares. "Há quanto tempo seu irmão e sua, er, companheira, moram aqui?"

Ele pigarreou e desviou o olhar. "Eles a construíram há alguns meses."

Ele tocou a campainha, depois enfiou as mãos nos bolsos e olhou para ela.

Maldito querosene. Até mesmo com a cautela nos seus olhos, ela sentiu seus joelhos enfraquecerem sob seu olhar.

A porta se abriu e Riley surpreendeu-se. Não havia nenhuma dúvida que o homem na sua frente era irmão de Turner. Mesmo cabelo escuro, tez morena, estrutura óssea forte e esculpida. A principal diferença era o azul penetrante dos seus olhos. Ele era bonito, mas havia uma autoridade no homem que endurecia suas feições e o tornava menos acessível do que Turner.

Ela lhe deu um sorriso fraco quando seu olhar gélido se concentrou nela. Um músculo na sua mandíbula contraiu. Era uma expressão destinada a intimidar e ela lutou contra o desejo de recuar. Em vez disso, ela endireitou os ombros e inclinou o queixo, dando-lhe um olhar igualmente frio. Ela tinha experiência suficiente com homens arrogantes, incluindo seu pai, para saber que, recuar somente ampliaria a sensação de poder do homem.

Seus olhos suavizaram e o canto dos seus lábios contraiu no que ela tinha certeza era um raro sorriso. "Prazer em conhecê-la, Riley."

Ela pegou a mão estendida e sentiu uma conexão instantânea. Este era um homem que ela poderia respeitar. "Obrigada por ajudar."

Um som retumbante veio da direção de Turner. "Acredito que podemos levar esta festa para dentro?"

Chase bufou, mas não pareceu excessivamente surpreso pela explosão de raiva do seu irmão. "Entrem. Temos muito a examinar."

O cheiro de tinta fresca e madeira de lei recém-colocada a atingiu quando ela entrou no vestibulo. Era uma casa bonita, nova e limpa e definitivamente não era um lugar para manter um leão.

"Onde está Kiera?" Havia uma leve aresta na sua voz que traiu as emoções que ela estava tentando arduamente manter sob controle.

"Ela está confortável," Chase disse. "Nós a estamos mantendo semi-sedada, mas ela está consciente."

"Mas você acredita que pode consertá-la, certo?" Riley disse.

As sobrancelhas de Chase dispararam para cima e ele olhou para seu irmão.

Turner colocou a mão no ombro de Riley. O contato enviou um zumbido de calor percorrendo sua coluna. Ela o ignorou, concentrando-se, em vez disso, no olhar de advertência que se passava entre ele e Chase.

Ela girou sobre ele. "Você disse que poderia ajudá-la."

"Eu disse que faria tudo que pudesse." O olhar de Turner suavizou. "E irei."

Sua garganta apertou. Ela queria acreditar nele, mas algo na expressão de Chase a fez questionar as palavras de Turner.

"Posso vê-la?"

Chase coçou a parte de trás do pescoço e assentiu. "Irei levá-la lá embaixo."

Ela o seguiu através da casa, pelos degraus do porão, ciente de Turner seguindo logo atrás.

As grades de metal foram as primeiras coisas que ela viu, mas foi o rosnado baixo e violento que a fez se encolher. O animal agachou-se atrás da jaula, os caninos expostos.

"Kiera?" Ela aproximou-se da jaula lentamente. "Sou eu, Riley." O leão rosnou. "Vamos ajudá-la. Encontrar uma maneira de transformá-la de volta."

Em um flash de pelo e dentes, o leão saltou, parando antes de bater nas grades. Riley tropeçou para trás. Turner colocou as mãos nos seus ombros, mantendo-a firme.

Riley mordeu o lábio inferior trêmulo para controlar suas emoções. Isto era uma ideia ruim. Ela deveria estar lá fora procurando por respostas. Não deveria ter pedido para vê-la, não assim...isto não era sua irmã.

"É ela," Turner disse, como se lendo seus pensamentos. "Ela ainda está lá."

Chase pigarreou. "Vou lhe dar alguns minutos."

O leão caminhava de um lado para o outro da jaula, nunca desviando os olhos deles.

"Fale com ela. Ajude-a a lembrar," Turner disse baixinho, quando Chase tinha desaparecido pela escada.

"O que eu digo?"

"Apenas fale com ela como você normalmente faria." Ele apertou seu ombro. "Estarei bem aqui."

Ela poderia fazer isto.

Apesar da sua sensação avassaladora de pânico, ela deu alguns passos para frente e ajoelhou-se na frente da jaula, colocando as mãos nas grades.

"Kie-Kiera," Riley gaguejou. "Sou eu."

Os pelos arrepiaram na parte de trás do pescoço de Riley quando o leão parou e olhou para ela.

"Sinto muito que isto aconteceu." As orelhas do leão contraíram e por um instante, Riley achou que ela viu algo, uma centelha da sua irmã, atrás dos olhos dourados. Com movimentos lentos, ela aproximou-se da gaiola e segurou as grades frias que as separavam. "Irei tirá-la daí. Eu prometo..."

O leão pulou para frente. Turner reagiu antes que Riley pudesse se mover, puxando-a para trás enquanto as garras estendidas do leão batiam nela através das grades.

Turner praguejou enquanto a arrastava mais para longe da jaula. Um rugido vibrou ao redor deles e reverberou das paredes.

"Ela-ela tentou me machucar." Ela conteve as lágrimas que ameaçavam cair.

Ela não conseguia respirar e lutava para engolir além do nó crescente na sua garganta. Sua irmã tinha desaparecido. Tudo que existia era o animal. Ela tinha visto a verdade nos olhos de Chase e via agora nos olhos de Turner. O tremor começou nos seus dedos e subiu pelos seus braços como gelo, congelando-a de dentro para fora.

"Sinto muito." Os braços de Turner apertaram ao redor dela. "Não deveria ter permitido que você chegasse tão perto."

Um pequeno grito escapou dos seus lábios e ela balançou a cabeça, virando-se para ele e enterrando o rosto no seu peito.

Turner segurou seu rosto e obrigou que ela olhasse para ele. Calor espalhou-se por ela como uma segunda pele. O mesmo calor que ela sentiu no dia anterior, acalmando-a, trazendo seu rosto em foco.

O leão pareceu sentir a mudança no ar e foi para o fundo da jaula.

"Vou endireitar isto." Ele a segurou com um pouco mais de firmeza. "Independentemente do que for necessário, vamos trazê-la de volta."

Ela sussurrou trêmula, "Estou assustada."

"Eu sei." Seu olhar cinza prateado permaneceu fixo no dela. "Não vou desistir. Pode confiar em mim."

"Isto é completamente louco, mas eu confio."

Ele recuou ligeiramente e seus olhos arregalaram. Havia algo naquele olhar que fez o estômago dela dar uma cambalhota. Os dedos dele enroscaram no cabelo da sua nuca e ele colocou a testa na dela.

Ela respirou e com cada respiração, calor infundia-se nela. Ele tinha alguma habilidade anormal para acalmá-la. O pensamento deveria tê-la assustado, feito com que ela fugisse, mas em vez disso, ela se derreteu, procurando avidamente por mais.

Suas mãos subiram pelo seu peito e serpentearam ao redor do seu pescoço. Cada toque removia a dor no seu peito. Era errado. Em pé, naquele porão, com todo seu mundo desmoronando ao redor dela, ela não deveria desejá-lo da maneira que desejava.

Seus quadris pressionaram nela e ela esqueceu completamente todos os motivos por que ela não deveria beijá-lo. Suas mãos estenderam pela parte inferior das suas costas, segurando-a para ele.

Ela prendeu a respiração enquanto ele abaixava a boca mais perto da dela.

"Riley." Seu nome foi um rosnado baixo nos lábios dele. Ela quase poderia saborear suas palavras. "Nós não deveríamos..."

Enroscando os dedos no seu cabelo escuro, ela ficou na ponta dos pés e puxou sua boca para a dela. Seus lábios roçaram nos dela e ela sentiu isto — uma energia, quente e explosiva, fazendo cada terminação nervosa no seu corpo incendiar de uma vez.

A língua dele acariciou corajosamente além dos seus lábios entreabertos. Saboreá-lo só aumentou seu desejo. Ela entregou-se a ele, gemendo quando sua boca se moveu mais profundo. O barulho que ele fez em resposta fez seus joelhos enfraquecerem.

"Riley." Foi parte gemido, parte advertência.

A jaula chocalhou e um rosnado vibrou através das grades de metal.

Assustada de volta à realidade, Riley recuou. O que ela estava fazendo?

Turner praguejou baixinho e esfregou as mãos sobre o rosto.

O rosto dela queimava e ela desviou o olhar. Para longe de Turner, para longe do leão que a observava com olhos selvagens.

"Deveríamos subir." Seu tom foi monótono, mas sua voz estava rouca. "Tenho algumas coisas que preciso discutir com Chase."

Ela engoliu o nó crescente na sua garganta e abraçou-se. "Vou ficar aqui por alguns minutos."

Ele deu um aceno brusco de cabeça e dirigiu-se para a escada, em seguida parou no alto. "Não chegue muito perto da gaiola."

Ela não sabia por que, mas a advertência quebrou algo nela. "Eu sei," ela sussurrou e respirou fundo quando ele desapareceu atrás da porta. Quando ele se foi, ela deixou as lágrimas caírem.

Capítulo 11

Turner entregou o saco com a seringa para Chase. "Não sei o que é, mas o idiota tinha isto enfiado no pescoço de Riley antes que eu chegasse lá."

Chase o levantou na luz e franziu o cenho. "Algum tipo de sedativo?"

"Foi o que eu pensei." Ele deslizou uma mão sobre a parte de trás da sua cabeça. "Riley acredita que pode ser o que transformou sua irmã."

Uma careta feroz vincou a testa de Chase. "E você está me dando isto somente agora?"

"Apenas faça com que seja analisado"

"E como diabos eu deveria explicar como consegui isto?"

"Isto é problema seu" — Turner acenou com a cabeça para o saco que Chase segurava — "Se isto é, ou não, o ovo dourado, este Marcus sabe alguma coisa e vou descobrir o quê."

Chase deu-lhe um olhar penetrante e demorado. "E Riley?"

Turner cerrou os dentes para a especulação que ele viu nos olhos do seu irmão. "Ela tem o suficiente para lidar neste momento. Quanto menos ela souber, melhor."

A porta da frente fechou com um baque e Lora entrou na cozinha carregando duas grandes sacolas de supermercado. Chase se apressou para tirá-las dela e ela o recompensou com um beijo. O sorriso falhou quando ela localizou Turner.

"O filho pródigo retorna." Lora parou na frente dele, as mãos nos quadris, os olhos cor de âmbar semicerrados sobre ele. Ela mal chegava no seu peito, mas apesar do seu tamanho havia uma ousadia nela que sempre o fazia sorrir.

"Ei Lo-lo," Turner disse, puxando de brincadeira seu rabo de cavalo escuro.

Ele ainda estava se acostumando a ideia que seu irmão tinha escolhido uma companheira e que sua companheira era a irmã mais nova de Jacob Oliver. Mas se seu irmão tinha de escolher alguém, Turner ficou feliz que fosse Lora. De qualquer maneira, ela era

praticamente como uma irmã, só que agora ela estava dormindo com seu irmão.

Lora revirou os olhos, em seguida ficou na ponta dos pés e colocou um beijo casto no rosto de Turner. "Obrigada pelo presente de casa nova. Veio levá-lo para casa com você?"

"Engraçada. E não." Turner enfiou as mãos nos bolsos e apoiou o quadril na bancada. "Estava esperando que você pudesse mantê-la aqui por mais alguns dias."

Lora franziu o cenho, mas assentiu. "Chase não me conta o que está acontecendo. É melhor isto não ter nada a ver com..."

"Riley." Turner a interrompeu rapidamente quando ele viu Riley pairando na porta do porão, seu cheiro invadindo seus sentidos. Seus olhos estavam inchados como se ela estivesse chorando e suas entranhas apertaram.

O desejo de protegê-la, envolvê-la nos seus braços, disparou através dele. Ela estava provando ser uma distração. Se ele fosse esperto, ele a deixaria com Chase e Lora enquanto rastreava Marcus. Mas deixá-la, até mesmo com pessoas que ele confiava, deixava um gosto ruim na sua boca.

Lora cruzou os braços sobre o peito e encarou Turner com expectativa. Merda, isto não seria bom.

Ele pigarreou e estremeceu. "Lora, esta é Riley."

"Riley Boyd," Chase disse, a leve sugestão de uma advertência na sua voz.

"Boyd?" Lora disse, sua expressão impassível. Seus lábios apertaram em uma linha fina enquanto ela se revezava olhando entre ele e Chase, depois fixando-se em Riley, que parecia tão confusa quanto Lora.

Riley mudou de posição de maneira desconfortável sob o olhar de Lora. "Sinto muito pelo inconveniente. Queria agradecê-la por cuidar da minha ..." Sua voz falhou. "Irmã."

"Sua irmã?" Lora cerrou as mãos sobre os quadris e presenteou Turner com outro olhar reprovador. "Que diabos você fez agora?"

"Chase pode explicar para você." Ele pegou o pulso de Riley e a puxou em direção a porta. "Temos de ir."

"Explicar o quê?" O olhar de Riley fixou-se no seu rosto.

"Quanto menos você souber, melhor," Turner disse, pressentindo a raiva que estava começando a ferver dentro dela, mas sem saber como desviar sua atenção.

Riley soltou seu pulso. "Isto é besteira. Mereço saber o que está acontecendo se isto envolve a minha família."

Turner rosnou, uma rispidez baixa que passou entre dentes cerrados. "Estou tentando protegê-la."

"Me proteger de quê?" Riley deu um passo para trás de modo que ela estava parada ao lado de Lora. "Minha irmã foi transformada em um leão. O que mais você poderia me dizer que poderia ser pior do que isto?"

Turner a ignorou apesar do desejo crescente de contar tudo para ela. Expor Boyd pelo que ele realmente era. Por que permitir que ela mantivesse suas preciosas lembranças de um homem que não era nada mais do que um assassino?

Ele bateu o punho sobre o balcão, fazendo com que as duas mulheres pulassem. Chase respondeu com um rosnado que curvou o lado dos seus lábios e expôs seus caninos. Porra. Ele tinha de sair dali agora. Mas ele não iria embora sem Riley.

"Você vai ter muitos problemas quando Jacob descobrir," Lora disse, com medo real nas suas palavras.

"Se Jacob descobrir," ele disse, cruzando os braços sobre o peito.

"Sério? Você realmente acredita que pode esconder isto do meu irmão? Quando ele descobrir que você tem as duas filhas de Richard Boyd escondidas no ...merda, no *MEU* porão!" Lora virou-se para Chase e deu um soco no seu ombro. "E você sabia sobre isto?"

"Alguém pode por favor me dizer o que está acontecendo e o que meu pai tem a ver com isto?"

"Ela não sabe?" Lora jogou as mãos no ar e começou a caminhar.

"Sabe o quê?"

"Nada," Turner disse. Cerrando os punhos, ele obrigou-se a conter a raiva que martelava através das suas veias com a menção do nome de Boyd. Ele deu um olhar duro para Riley. "Vamos."

Riley cerrou as mãos ao seu lado. "Diga-me o que está acontecendo, agora!"

"Tudo bem." Um rosnado demorado chacoalhou do peito de Turner e Riley estremeceu. "Você quer saber a verdade? Seu pai não

era apenas um geneticista. Ele administrava um programa subterrâneo que dissecava e mutilava Metamorfos. Ele foi o responsável pela morte de centenas, talvez milhares, de vidas inocentes, tudo em nome da *pesquisa*."

A cor drenou do rosto de Riley.

Turner sabia que ele estava sendo muito duro, mas não conseguia afastar sua raiva crescente, o ressentimento que espreitava logo abaixo da superfície. Mesmo quando seu leão retumbou em advertência, ele continuou.

"Pouco antes da sua morte, ele não estava somente matando Metamorfos. Ele estava extraíndo seus órgãos ... coração, pulmões, rins, fígado...e transplantando em seres humanos. Ele estava tentando encontrar uma maneira de replicar o DNA Metamorfo. Para dar aos humanos a força metamórfica — nossa habilidade de curar e combater as doenças. Ele estava procurando uma maneira de transformar os humanos em Metamorfos ... parece familiar?"

Riley enrijeceu visivelmente. Ele viu o tremor no seu queixo e viu quando ela o puxou para trás, sua expressão ilegível. Ela era mais forte do que ele lhe deu crédito. Mas isto não mudava o fato que seu pai era um monstro.

"Sua irmã se transformando em um maldito leão não foi aleatório. De alguma maneira seu pai é responsável e vou descobrir como."

"Você está errado. Meu pai era um bom homem. Ele nunca machucaria intencionalmente as pessoas."

"Não éramos pessoas para ele," Turner rosnou. "Apenas animais para torturar."

Seus olhos se encobriram e ela balançou a cabeça.

"Ele está dizendo a verdade," Chase disse, avançando e colocando uma mão no ombro de Turner como se para puxá-lo da borda. "A Agência Therian passou anos compilando informações sobre seu pai."

Ela encolheu-se, para longe deles. "Não, não, não."

"Pense sobre isto, Riley." Turner afastou a mão do seu irmão e deu outro passo na direção dela. "Marcus DuPoint trabalhava para seu pai. Como você acha que ele sabia sobre mim, sobre o que eu sou? E onde você acredita que ele conseguiu a merda para infectar Kiera? Lamento contar para você, querida, mas seu pai é o monstro

responsável por transformar sua irmã em um maldito leão e quando eu colocar minhas mãos..."

"Chega." Lora colocou-se entre ele e Riley. "Você não precisa ser tão idiota sobre isto."

"Ela precisa saber o que ele fez," Turner disse.

"Talvez, mas não assim. Você a está assustando." Lora virou-se para Riley. "Por que você não vem se sentar."

Riley não se moveu, mesmo quando Lora tentou empurrá-la com gentileza para a sala de estar. Ela olhava para o chão, sua expressão ilegível. Após um longo momento de silêncio, Riley finalmente olhou para cima, encontrando o olhar de Turner, os olhos verdes brilhando com lágrimas não derramadas.

"Havia fitas," Riley sussurrou.

As palavras foram ditas tão baixinho que Turner quase as perdeu. "Fitas?"

"Fitas VHS. Centenas delas. Eu as encontrei quando estava com cerca de dez ou onze anos. Pensei que eram documentários que ele tinha gravado, mas quando coloquei um para assistir..." Ela fechou os olhos e estremeceu. Com uma respiração firme, ela abriu os olhos. Havia conhecimento e uma profunda tristeza por trás das profundezas da cor de esmeralda. "Ele não estava apenas experimentando em animais...havia pessoas?"

Ela deu um passo instável e estendeu a mão para agarrar a bancada. Uma lágrima escorreu pelo seu rosto e ela a enxugou com a parte de trás da sua manga.

Culpa bateu nele. Ele tinha feito isto com ela.

"Riley, sinto muito." Ele se aproximou para confortá-la e ela recuou.

"Quero ir para casa," ela sussurrou.

"Não posso levá-la de volta para lá. Não sei quem mais poderia estar rastreando você."

"Eu-eu só preciso deitar."

Turner jurou que ele poderia ouvir o trovejar do seu coração ou era o som dele quebrando? Ele exalou um palavrão mordaz e passou um braço ao redor do seu ombro, puxando-a para o seu peito.

"Ela pode ficar aqui," Lora ofereceu, olhando para Turner.

"Não." Ele não iria deixá-la e não acreditava que ela quisesse que ele fizesse isto também.

Riley relaxou nos seus braços, mas ela conteve os soluços que ele podia sentir se acumulando dentro do seu peito. Ele precisava levá-la para casa... para sua casa.

Ele virou-se para Chase. "Leve a seringa aos laboratórios. Se é o que eu acredito que é, então talvez tenhamos uma chance de criar um antídoto."

Chase assentiu bruscamente, seus lábios puxados em uma linha firme. "Ligarei para você quando tiver alguma informação."

Turner mal ouviu as palavras do seu irmão. Tudo que ele conseguia pensar era sobre a mulher nos seus braços. Ele tinha acabado de destruir tudo que ela acreditava que era real e, no entanto, ela se agarrou a ele como se ele fosse sua tábua de salvação.

O que ela faria se percebesse que ele mentiu para ela? É claro, era uma mentira por omissão. Não contar para ela que ele foi o responsável pelo tiro que tirou seu pai dela ainda era uma mentira e se ela soubesse ...ele afastou o pensamento. Ele apenas teria de garantir que ela nunca descobrisse.

Lora estava certa. Ele era realmente um idiota.

Ele conduziu Riley para fora da casa e a ajudou entrar no carro, aproveitando o momento para afivelar o cinto de segurança para ela. Ela ficou sentada em silêncio, olhando inexpressivamente pela janela.

Ele a levaria de volta ao seu apartamento e garantiria que ela ficasse confortável. Marcus DuPoint teria de esperar mais um dia antes que Turner afundasse suas garras no pescoço do homem.

Capítulo 12

Turner jogou as chaves do carro na mesa da cozinha junto com os mantimentos que ele comprou, depois seguiu pelo corredor até seu quarto para dar uma olhada em Riley. Ela não tinha falado desde que eles deixaram a casa do seu irmão e seu silêncio estava lhe matando. Ele não fazia ideia o que ela estava pensando ou como ela estava se sentindo. Ele xingou a si mesmo por se importar, mas por qualquer motivo insano, ele se importava.

Ele deu uma única batida no batente e olhou lá dentro.

Suas costas estavam viradas para ele, mas ele podia dizer pela sua respiração que ela não estava dormindo.

"Peguei um pouco de comida." Ele coçou a parte de trás do pescoço quando ela não respondeu. "Pensei que eu poderia preparar alguns sanduíches para nós."

"Não estou com fome." Houve um movimento minúsculo sob o edredom.

"Ok." Ele apoiou-se no batente, sem saber se deveria forçá-la a comer. "Estarei no quarto ao lado se precisar de algo"

Ele esperou um segundo e quando ela não respondeu, ele virou-se para ir embora. Ele ouviu a cama ranger e uma exalação suave.

"Turner?"

Sua voz fez o estômago dele contrair. Deus, o que ele não faria para tirar o sofrimento dela.

Ele parou na porta, em seguida virou-se. "Sim?"

Ela sentou-se com as costas apoiadas na cabeceira e mordeu o lábio inferior.

"Você ficaria comigo?" Seus olhos estavam vermelhos de chorar, fazendo que o verde vívido parecesse mais brilhante do que o normal. "Por favor."

Mesmo enquanto ele se movia na direção da cama, ele sabia que isto era uma ideia ruim, mas não se importava. Ele engatinhou até seu lado e deitou de costas, estendendo o braço para que ela pudesse descansar a cabeça no seu ombro.

A cabeça inserida sob seu queixo, ela colocou uma mão no seu peito e suspirou. Alguns minutos se passaram antes que qualquer um dos dois falasse. Riley foi a primeira a quebrar o silêncio.

"Por que você está me ajudando?"

Ele cerrou e relaxou a mandíbula. Ele nem conhecia mais a verdade? Ele não deveria ter permitido que ela chegasse até ele da maneira que ela chegou. Ela nunca poderia ser dele, mesmo se o pensamento fizesse seu leão se agitar e seu corpo endurecer. Seu animal tinha permanecido relativamente em silêncio durante todo o suplício, mas ele podia senti-lo caminhando como se a besta tivesse uma intenção oculta, aguardando nas sombras.

Seus dedos agitavam-se pelo seu peito, traçando padrões aleatórios na sua camiseta. "Depois de tudo que meu pai fez, como você pode sequer olhar para mim?"

"Você não é responsável pelas suas ações." Ele colocou a mão sobre a dela.

"Não, mas ainda sou sua filha."

"Você não é nada como ele," ele disse, sabendo nas suas entranhas que isto era verdade. Como poderia um homem como Richard Boyd ser responsável por criar uma mulher como Riley? Ele apertou sua pegada e a puxou mais para perto.

"Você realmente acredita que meu pai criou seja o que for que é responsável pela transformação de Kiera e todas estas outras pessoas?"

"Sim."

Ela ficou em silêncio por um momento. "Então você acredita que Marcus continuou sua pesquisa?"

Ele assentiu contra a sua cabeça. Era muito provável que Marcus ainda estivesse trabalhando com Boyd, mas ele não poderia dizer isto para ela.

"Marcus idolatrava meu pai e a maneira como ele ficava perto de Kiera, eu pensava que ele tinha sentimentos por ela. Por que Marcus iria querer transformar Kiera para machucá-la assim? Isto não faz sentido."

Ele esfregou o rosto com a mão livre e suspirou. "Não sei."

"Quando ele tinha a agulha no meu pescoço, ele disse que era a única maneira de consertá-la, mas eu não acredito que ele estava

falando sobre Kiera."

"Por que você diz isto?"

"Não sei, apenas algo que ele disse."

Turner apoiou-se em um cotovelo e olhou para ela. "Conte-me."

"Ele disse que precisava de Kiera, porque e/le teria de consertá-la."

"Quem?"

"Ele não disse, mas tive a impressão que ele conhece alguém que pode ser capaz de reverter o processo."

"Merda." Turner jogou-se de volta no travesseiro. Tinha de ser Boyd. Não havia outra explicação. Se o que ela disse fosse verdade, então não havia nenhuma dúvida que Boyd estava vivo e ele tinha certeza que Marcus sabia onde o bastardo estava.

"O que é?"

O que ele deveria dizer? Ele não poderia contar para ela que seu pai ainda estava vivo, não depois do que ela já tinha descoberto hoje. Quanto choque uma pessoa poderia passar sem ter um colapso nervoso completo?

"Acredito que eu possa saber com quem Marcus está trabalhando."

Os olhos dela se iluminaram. "Isto é bom então?"

Ele se encolheu internamente. "Sim, é uma boa notícia."

"Obrigada." Ela passou as mãos ao redor do seu pescoço e o beijou com força no rosto e recuou sorrindo. "Não sei o que eu teria feito se você não tivesse aparecido ontem."

Ele sabia exatamente o que ela teria feito, ele tinha visto isto centena de vezes. Ela teria chamado a polícia. A ligação teria sido sinalizada para a Agência Therian e uma equipe teria sido designada para limpar o lugar e a mente de Riley sobre o acontecimento. Kiera teria sido colocada em uma propriedade entre as outras vítimas e Riley passaria o resto da sua vida acreditando em algum conto fabricado que um dos agentes teria criado para explicar o desaparecimento de Kiera.

De certa maneira, teria sido melhor se ele não a tivesse encontrado. Ela nunca saberia, não teria de viver com o conhecimento do que seu pai tinha feito, que tipo de homem ele era. Mas era muito tarde agora e Turner estava muito envolvido para ir embora.

Ele afastou o cabelo do seu rosto. Se Boyd estivesse vivo, então isto significava que ele não era responsável pela morte do seu pai. O nó que estava apertando seu estômago começou a afrouxar lentamente.

"Você está sorrindo," ela disse, como se isto fosse um acontecimento raro.

"Estou?"

Ela assentiu, abaixou o queixo e olhou para ele sob cílios encapuzados. Porra, ela era irresistível quando olhava para ele assim. Seu coração batia dolorosamente no seu peito. Ele levantou a mão e passou os dedos sobre o contorno suave da sua mandíbula e pelo seu pescoço. Seus dedos deslizaram pela artéria batendo rapidamente, seu olhar atraído pela pele delicada que a cobria.

Ela engoliu em seco. "Sobre o que você está pensando?"

"Que não há mais nada no mundo que eu queira do que beijá-la neste momento."

Sua língua disparou sobre os lábios. Foi um convite quase aberto. Ele abaixou a cabeça e roçou seus lábios de leve sobre os dela. Quando ele recuou, um rosnado feroz rasgou da sua garganta. Ela era um maldito afrodisíaco e, no entanto, ela puxava algo mais profundo dentro dele, uma parte de si mesmo que ele não sabia que existia.

Sua respiração vinha em pequenas explosões. Ele estava ciente do seu corpo, a reação física que ela teve com seu toque. Ele tinha de se afastar antes que fizesse algo que ambos se arrependeriam. Mas algo o segurava, recusava-se a soltá-la. Ele passou a língua sobre seus caninos e saboreou a doce substância. Ele respirou fundo. Merda, não era de admirar que seu animal estivesse tão quieto — *ele estava pronto para marcá-lo.*

Capítulo 13

Turner saltou para fora da cama como se seu beijo o tivesse queimado. Riley olhou para ele, confusa. Ela tinha feito algo errado?

Ele caminhava pelo quarto pequeno e passava ambas as mãos pelo cabelo, o movimento fazendo com que os músculos nos seus braços flexionassem e estirando o tecido fino da sua camiseta. Seu rosto tinha ficado pálido e havia uma leve camada de suor na sua testa.

"Você está bem?"

"Não, não estou bem," ele disse, prendendo-a com um olhar feroz.

Ela recuou, não preparada para a intensidade que ela viu atrás dos seus olhos azuis prateados. Ele parecia que estava prestes a consumi-la com sua próxima respiração, o que não era tão improvável levando-se em consideração que ele era um *leão*.

"Sinto muito," ela sussurrou como se tivesse feito a acusação em voz alta.

Ele esfregou as mãos sobre o rosto. "Você não fez nada errado."

Ela rastejou para fora da cama e levantou-se, seguindo até a porta. "Não deveria ter pedido para você deitar comigo. Seja o que for isto entre nós, é melhor nós..."

Ele a tinha prendido antes que ela pudesse piscar, seu corpo duro pressionando contra o dela, as mãos na parede, prendendo-a. "Você não faz nenhuma ideia do que há entre nós."

Sua voz estava grossa, pesada com desejo e ela estremeceu em resposta.

Santo inferno, o homem era sexy.

"Então me diga," ela sussurrou.

Ela não acreditava que fosse possível, mas sua expressão escureceu ainda mais. Uma expressão que fez suas entranhas derreterem.

Ele estava perto o suficiente que seu hálito fazia cócegas nos seus lábios. Seu olhar deslizou até sua boca enquanto ele trazia uma mão até seu pescoço. Seu polegar acariciou a área onde seu pulso parecia bater com uma vida própria. Ele abaixou a cabeça e passou

os lábios pelo seu pescoço, mordendo suavemente o ponto onde seu polegar esteve.

Um gemido suave formou-se na sua garganta. Ele mal a tocou e, no entanto, todo seu corpo tremeu com desejo.

"Turner." Ela podia ouvir a súplica na sua voz, exigindo mais.

Um rosnado, mais animal do que humano, ressoou do seu peito. "Meu leão quer marcá-la."

"Marcar?"

Ele assentiu lentamente, seu olhar retornando para o dela. "Torná-la minha companheira."

"Oh." Ela não sabia o que mais dizer. A ideia enviou uma sensação de animação pela sua coluna. Seu animal a queria, mas pela reação dele, ela sabia que o homem nele não estava muito interessado na ideia. "E isto o deixa zangado?"

Ele inclinou a cabeça e a estudou. "Apenas complica as coisas."

"Por causa do meu pai."

Ele assentiu e ela pensou por um segundo que ele recuaria.

Ela colocou as mãos no seu peito, encorajando-o a ficar. "Não precisa ser complicado. Não estou à procura de nada a longo prazo. Ser a... companheira de alguém."

Uma pequena risada chacoalhou no seu peito e ele agarrou a parte de trás do seu pescoço, colocando a testa na dela. A outra mão apertou ao redor da sua cintura, atraindo-a mais para perto dele. Ela podia sentir seu comprimento grosso pressionando sua barriga.

Ele soltou um suspiro áspero e demorado. "O que você *quer* fazer, Riley?"

Arqueando para ele, desesperada pelo seu toque, ela passou os dedos pelo seu peito, barriga até que ela estava segurando-o de maneira ousada.

Todo seu corpo tremia enquanto ela dava voz ao seu desejo. "Você. Eu quero..."

Os lábios dele desceram sobre os dela antes que ela pudesse terminar, devorando sua boca até que ambos estavam sem fôlego. Havia um elemento de algo sombrio, perigoso, quase feroz no beijo e por um instante, ela se perguntou se deveria ficar com medo. Quando sua língua varreu para dentro da sua boca de novo, o pensamento desapareceu.

Ela não deveria estar tendo estes sentimentos, mas não havia mais como negá-los. Ela estava de pernas para o ar com *luxúria* com Turner Payne.

Seus dedos deslizaram no seu cabelo, puxando sua cabeça para trás para que ele pudesse passar a língua ao longo da sua mandíbula e pelo seu pescoço.

Ela ansiava para tê-lo dentro dela, sentir suas mãos e boca no seu corpo. "Por favor."

Sem esforço, ele levantou seus braços ao redor do seu pescoço e a pegou no colo, carregando-a para a cama. Quando ele a colocou sobre o colchão e ficou em pé, ela choramingou com a perda do contato entre eles.

Ele puxou a camisa por cima da cabeça e jogou-a no chão. "É isto que você quer?"

Tudo que ela conseguiu fazer foi assentir e observar enquanto ele desafiava lentamente seu cinto. Sua boca salivou e ela engoliu em seco quando sua calça caiu no chão. Seu pênis estirava o tecido da cueca boxer e ela podia ver sua extensão deliciosa. Ela tinha visto seu corpo maravilhoso antes, mas nunca com a intenção do que eles estavam prestes a fazer e ela sentiu seu rosto queimar.

"Tire suas roupas, Riley."

O domínio na sua voz fez suas coxas contraírem. Ela obedeceu, intensamente ciente da maneira que seu olhar acompanhava cada movimento seu. Esticando a camisa por cima dos braços, ela a descartou no chão. Ela ajoelhou-se na sua frente, sobre a cama, de calcinha e sutiã. Seus joelhos tremiam e ela precisou de toda sua força para ficar ali, enquanto seus olhos vagavam pelo seu corpo.

"Você é perfeita," ele disse, caminhando na sua direção e passando o dorso dos dedos pelo seu ombro e pela curva do seu seio.

Suas costas arquearam automaticamente quando seu polegar circulou seu mamilo através da renda do seu sutiã. "Turner."

Ajoelhando-se na cama, ela passou as mãos pelo seu peito e agarrou seus ombros largos. A palma da mão dele deslizou mais para baixo, deslizando por baixo da sua calcinha para segurar seu sexo. Ele abaixou seus lábios até os dela e a língua mergulhou na sua boca enquanto ela balançava na sua mão.

Ela ofegou quando a ponta do seu polegar encontrou seu clitóris, fazendo com que ela praticamente derretesse de dentro para fora. Ele deslizou um dedo para dentro dela e ela empurrou contra ele. A dor latejante que estava centrada nas profundezas do seu sexo era intolerável. Ela não conseguia pensar, só sabia que precisava dele mais perto, precisava que ele a preenchesse.

* * *

Deus, o que ele estava fazendo?

Era errado e ele sabia disto muito bem, mas apesar dos sinos de advertência que estavam retumbando na sua cabeça, ele não conseguia recuar. Nada importava além de tocá-la, reivindicá-la, torná-la dele.

Riley gemeu sob seu beijo enquanto seus dedos a levavam à beira de um orgasmo. O cheiro da sua excitação era demais, exaurindo o pouco autocontrole que ele tinha.

Ainda havia muito material entre eles. Ele precisava de contato, sentir sua pele macia contra a dele. Ele abriu seu sutiã e permitiu que deslizasse pelos seus braços. Ela gemeu quando ele retirou os dedos das suas dobras molhadas, para passá-los sob a faixa de renda da sua calcinha e puxá-la pelas suas coxas.

Os dedos delicados vibravam pela sua barriga, hesitando na costura da sua cueca boxer. Sua respiração saiu como um suspiro fechado enquanto ela empurrava o material para baixo, sobre a cabeça inchada do seu pênis.

Com nada além do desejo incandescente entre eles, seus olhos se encontraram e uma emoção avassaladora disparou através dele. Nunca na sua vida ele ansiou para saborear e possuir uma mulher como ele ansiava fazer com Riley. Uma fome para tocar não somente seu corpo, mas também sua alma.

Como ele iria embora quando tudo isto acabasse? Ele afastou aquele pensamento. Tudo que importava era que ela estava com ele agora.

Ele a abaixou para a cama e posicionou-se acima dela. Ele passou a língua pelo seu pescoço. Era tudo que ele podia fazer para

não marcá-la, para deixar seus caninos afundarem na carne sensível e permitir que o hormônio de acasalamento a reivindicasse como sua.

Ela estava molhada, pronta para ele. Quando ele pressionou a cabeça do pênis no seu sexo, ela empurrou contra ele.

"Mais. Preciso tudo de você." Ela contraiu ao redor dele, enterrando as unhas nos seus quadris.

Um rosnado retumbou no seu peito e ela ofegou, os olhos arregalando enquanto ele empurrava até a base. Ele recuava e balançava para frente repetidamente, acariciando-a em estágios lentos e alongados. Ela se movia com ele, passando as pernas ao redor dos seus quadris enquanto seu pênis embrenhava-se duro e rápido dentro dela.

Seus quadris trabalhavam nela, empurrando até que ele sentiu seu êxtase aumentando, o orgasmo ordenando seu pênis. Ela gritou, os olhos fechados, atordoados enquanto seu corpo tremia debaixo dele.

Um rosnado de puro êxtase rasgou da sua garganta e ele cedeu ao seu próprio orgasmo. Prazer atormentava sua alma, enquanto cada músculo no seu corpo endurecia e jatos quentes da sua liberação a preenchiam. Havia muita sensação, muito prazer ofuscante.

Ele desmoronou em cima dela, com cuidado para não esmagá-la sob seu peso. Ela agarrou-se a ele, mesmo após o último tremor do seu orgasmo combinado.

As emoções que o inundaram deixaram-no morto de medo. Não havia como negar os instintos primitivos assolando-o. Seu leão a tinha escolhido, exigia que ele a reivindicasse. Era uma situação impossível. Quando ela descobrisse quem ele realmente era, nada, nem mesmo uma marca de acasalamento, impediria que ela o odiasse.

Ele rolou e a puxou para perto, colocando sua cabeça debaixo do queixo para que ela descansasse no seu peito, afastou o cabelo do seu rosto e rezou para que ele não tivesse acabado de destruir ambos.

Capítulo 14

O cheiro de Turner permanecia vivo nas cobertas que estavam enfiadas ao redor dos ombros de Riley. Ela não teve a intenção de dormir, mas quando acordou, o sol se pondo lançava um brilho alaranjado no quarto.

Ela inalou e fechou os olhos, mas quando fez isto, sua mente foi inundada com imagens de Turner, nu, em cima dela...dentro dela. Sua reação a ele não tinha sido apenas chocante, tinha sido completamente assustadora. Nunca na sua vida ela tinha experimentado um prazer físico tão intenso. Somente a lembrança enviou uma ondulação quente de desejo entre as suas pernas.

Seu estômago contraiu e ela balançou a cabeça no travesseiro, trazendo sobriedade enquanto se lembrava o que a levou para a cama de Turner em primeiro lugar. Kiera, Marcus ... seu pai. Mentiras e decepções. Ainda havia muita coisa que ela não compreendia.

Ela ficou parada quando a porta abriu e jurou que podia sentir a carícia do olhar de Turner enquanto ele atravessava o quarto. A cama rangeu quando ele se sentou ao seu lado.

"Fiz um sanduíche de peru." Palavras inocentes, mas sua voz, sombria e rouca, enviou um arrepio pela sua coluna.

Ela respirou fundo e rolou de lado. Seu corpo tremeu quando roçou na sua perna através dos lençóis finos. Ela sentou-se e passou o cobertor com força ao redor dela, desconfortavelmente consciente que ela estava nua enquanto ele estava completamente vestido com jeans e uma camiseta preta.

Os lábios de Turner se curvaram em um sorriso de pura apreciação masculina. Ela corou e desviou o olhar. O homem tinha um efeito estranho sobre ela e era mais do que um pouco irritante.

"Você precisa comer," ele disse, entregando-lhe o prato.

Ela olhou para o pão preto. "Pão de centeio integral?"

Ele encolheu os ombros. "Era o favorito da minha mãe."

Ela deu uma pequena mordida e sorriu. "É bom."

Ele estendeu a mão como se para tocar seu rosto, em seguida recuou. "Chase ligou. Ele conseguiu rastrear Marcus. Ele está

escondido em um apartamento não longe daqui. Vou até lá agora."

Ela ergueu os olhos do seu sanduíche. "Sozinho?"

"Chase vai se encontrar comigo."

"Vou com você." Ela colocou o prato na mesa de cabeceira.

Ele enrijeceu, seu olhar semicerrando. "Não sei com quem Marcus está trabalhando ou o que ele tem na sua manga. Você estará mais segura aqui, mas se quiser posso deixá-la na casa de Chase e você pode ficar com Lora."

"Não." Ela balançou a cabeça e empurrou as cobertas de lado. "Sou parte disto."

"Você é." Ele rosnou, bloqueando-a quando ela tentou sair da cama. "Mas não vou colocá-la em perigo. O homem enfiou uma maldita agulha no seu pescoço com a intenção de transformá-la."

Ela pressionou-se no seu peito e a mão dele serpenteou pelas suas costas, agarrando o cabelo na nuca do seu pescoço. Ele a puxou na sua direção e ela sentiu seus músculos relaxarem, sua determinação enfraquecer. Seu olhar permaneceu no pescoço dela e ela estremeceu com o estranho desejo que ela teve que ele a mordesse. Que afundasse seus dentes nela enquanto ela o abraçava com força enquanto ele a possuía até que ela gritasse seu nome em êxtase. Ela lambeu os lábios quando um soco pesado de desejo fez suas coxas contraírem e calor líquido derramou das suas dobras.

Deus, o que ele fazia com ela.

Um sorriso astuto brincou nos seus lábios, fazendo seu rosto queimar.

Ela balançou a cabeça lentamente e fechou os olhos. "Preciso falar com Marcus, olhar nos seus olhos quando..." Sua voz falhou. "Quando ele admitir por que ele fez isto."

Turner inclinou-se e colocou a testa na dela, exalando lentamente. Ela podia ouvir o leve ronco na sua garganta.

"Por favor."

Ele recuou e a estudou. "Você precisa fazer o que eu disser."

"Eu irei." Ela sorriu, sabendo que tinha vencido.

Ele lançou para ela um olhar sombrio e ameaçador. "Estou falando sério, Riley. Se eu disser fique, você fica. Corre, você corre. Compreende?"

"Goze, eu gozo," ela provocou, mordendo o lábio quando ele gemeu, profundo e gutural.

"Mais tarde," ele prometeu, antes de sair pela porta.

A promessa de mais tarde enviou uma onda nova de excitação colidindo através do seu organismo e de algum lugar no final do corredor, ela jurou que ouviu Turner rir.

* * *

Turner fechou a porta do carro e contornou o capô para se juntar a Riley. Chase e Lora esperavam por eles no lado de fora de um complexo de apartamentos decrepito. Uma sirene gritava algumas ruas acima. A lua cheia iluminava o estacionamento escuro o suficiente que Turner conseguiu distinguir a careta profunda no rosto do seu irmão.

Chase ergueu a sobrancelha para Turner quando ele se aproximou e acenou com a cabeça para Riley que falava com Lora. "Tentando ver quantas regras você quebra em uma semana?"

"Ela ficará bem." Ele pegou o aparelho que Chase lhe entregou e examinou as plantas do prédio. "Ele está no apartamento 890?"

Chase assentiu, depois olhou para Riley. "É perigoso trazê-la aqui."

Turner imitou a expressão do seu irmão e inclinou o queixo para Lora. "Então por que ela está aqui?"

Como se ouvindo-o por acaso, Lora lançou lhe um olhar sombrio, depois voltou-se para Riley. Sim, foi um comentário idiota e ele sabia.

Chase coçou a mandíbula. "Lora é uma agente Therian e uma Metamorfo. Ela pode cuidar de si mesma."

"Como eu disse. Riley ficará bem." Turner devolveu o aparelho e olhou para a estrutura desmoronando. "Vou me certificar disto."

"Merda." As narinas de Chase dilataram e um rosnado ergueu a beirada do seu lábio superior.

"O quê?"

"Você dormiu com ela."

Turner sentiu os músculos da sua mandíbula flexionarem. "Não é da sua maldita conta. Podemos começar com esta merda?"

Chase gemeu e passou as mãos sobre o rosto. "Você está caminhando por uma estrada perigosa. Um dia desses não vou estar aqui para salvar sua bunda inútil."

Turner apontou o dedo contra o peito do seu irmão e sibilou, "Nunca pedi por salvação."

O rosnado que vibrou do peito de Chase ecoou para o céu noturno. "Certo. Então devo apenas ficar sentado e observar você se auto implodir. Pela primeira vez na porra da sua vida pare de ser um idiota egoísta e perceba que suas mancadas afetam as pessoas ao redor de você."

Turner cerrou as mãos ao seu lado. Com o humor que ele estava agora, ele ficaria mais do que feliz em bater em alguém ou alguma coisa. Ele não queria admitir a verdade das palavras do seu irmão, mas Chase estava certo... ele era um fodido. Quando tivesse feito o que se determinou a fazer, ele faria um favor para todo mundo e daria o fora desta cidade miserável. Havia lugares que um metamorfo poderia se esconder, lugares onde nem mesmo a Agência Therian poderia encontrá-lo.

"Está tudo bem por aqui?" Lora perguntou, colocando a mão no braço de Chase, seu olhar disparando entre eles.

"Sim, estamos bem," Chase resmungou.

Os olhos de Riley estavam arregalados com preocupação e ele sabia que o olhar que ele lhe deu era menos do que tranquilizador.

Passando os dedos pelo cabelo, Turner cerrou a mandíbula e lutou para manter o controle do seu leão. O animal já estava no limite e as acusações de Chase somente moveram o animal para mais perto da superfície.

"Lora, fique com Riley," Turner ordenou antes de abrir o portamalas e pegar duas tasers dos seus estojos. Ele entregou uma para Chase. "Quando o lugar estiver seguro, vamos chamar vocês."

Ele ignorou o olhar teimoso que Lora lhe deu e virou-se para Riley. Ela olhou para a arma que ele segurava, os olhos arregalando.

"É uma taser. Não vamos machucá-lo a não ser que for preciso."

Ela assentiu e piscou. "Tenha cuidado."

Sua garganta apertou com a preocupação genuína na sua voz. A maneira como ela olhou para ele como se ele não fosse o fodido que todo mundo acreditava que ele era, fez com que ele quisesse

envolvê-la nos seus braços e nunca deixá-la ir. Ela estava despertando uma parte dele que ele não fazia ideia como reprimir.

Chase tossiu atrás dele. "Você está pronto?"

"Sim." Ele começou a se virar, em seguida pensou *foda-se*. Ele estava se movendo antes que ele pudesse se impedir. Em um movimento rápido, ele puxou Riley para si. Seus lábios colidiram com os dela, a língua varrendo seus lábios, passando por eles para prová-la.

Sangue trovejava através das suas veias, o desejo feroz para possuí-la, para reivindicá-la, espalhava-se pelo seu corpo, queimando quaisquer dúvidas que ela tivesse sobre ser dele.

Ele a soltou, pressionou um beijo abrupto final nos seus lábios e afastou-se.

"Agora estou pronto." Ele atravessou o estacionamento, ignorando os olhares atordoados nos rostos de Chase e Lora.

Capítulo 15

A primeira coisa que Turner notou quando entrou no pequeno apartamento decrepito de Marcus foi o cheiro estagnado de medo.

"Mãos onde possamos vê-las," Chase ordenou.

Marcus mal se encolheu, mas continuou a bater com persistência no teclado, os ombros debruçados sobre seu laptop. Seu cabelo estava em pé e havia manchas escuras de suor sob seus braços e pelas suas costas.

Turner mantinha sua arma sacada e apontada para a cabeça do homem enquanto contornava lentamente ao redor dele para conseguir uma visão mais clara do seu rosto.

"Acabou," Marcus murmurou, sua pele pálida, os olhos brilhavam.

"Acabou. Agora levante as mãos," Turner avisou.

Chase movia-se através do apartamento, verificando cada quarto. "Tudo limpo."

Marcus continuava a digitar enquanto algum tipo de código era escaneado na tela. Ele pressionou um botão final e a tela ficou preta. Ele recostou-se, as mãos acima da cabeça e esperou em silêncio que Chase o algemasse. Seu olhar sem piscar moveu-se para Turner.

"Temos algumas perguntas," Chase disse.

Os olhos de Marcus moveram-se lentamente para Chase e ele riu, o som áspero. "Com toda a tecnologia que a Agência Therian tem, vocês ainda não fazem nenhuma ideia, não é?"

"Sabemos mais do que você pensa." Os dedos de Turner relaxaram. "Para começar, sei que Boyd está vivo e que você está trabalhando com ele."

"Trabalhando com ele?" Marcus zombou, em seguida balançou a cabeça. "Seu ressentimento o cegou."

"Você não sabe nada sobre mim."

"Não?" Ele bufou através do nariz. "Não importa o que você acredita. Todos vocês são peões no jogo dela."

"Dela?"

"Vocês realmente são ignorantes, não é?" Marcus cuspiu no chão. "Eu poderia tê-la salvo, salvo todos, se você não tivesse aparecido."

Agora eles vão morrer e é tudo culpa sua."

Chase cruzou os braços sobre o peito e franziu o cenho. "Você queria salvá-los?"

"Besteira," Turner disse. "Você enfiou uma maldita agulha no pescoço de Riley. Você estava tentando infectá-la como você fez com Kiera?"

Marcus balançou a cabeça. "Não queria machucá-la, mas..."

"Mas, o quê?" Turner agarrou o homem pelo pescoço, suas unhas alongando e perfurando a carne.

"Turner," Chase advertiu.

Turner o soltou e deu um passo para trás, ignorando a necessidade de surrar o homem.

Marcus tossiu. "Você acredita que suas ameaças me assustam? Já sou um homem morto. Ele sabe o que eu fiz, quando ele me encontrar..." Ele engoliu em seco e fechou os olhos. "Estava apenas tentando salvá-la."

"Você quer ajudar Kiera?" Chase exigiu. "Então nos conte o que você sabe."

Marcus olhou para longe, seus olhos vazios, distantes. "Os primeiros experimentos. Minha irmã, Ana, ela foi testada positivo para o gene recessivo. Ela se voluntariou. Tentei impedi-la, mas ..."

"Ela se voluntariou para ser infectada?"

Marcus assentiu. "Ela acreditava no programa. Todos eles acreditavam. Eles acreditavam que a droga iria transformá-los, torná-los Metamorfos. Mas..." Sua voz falhou. "Bem, você viu o que isto faz. Era pior nos primeiros experimentos, a maioria não conseguiu. Ana não foi uma das poucas que sobreviveu."

"Então por que infectar outros?" Chase perguntou. "Vingança?"

"Não. Não queria machucar Kiera, apenas pensei... Pensei que se sua filha estivesse infectada que ele trabalharia mais arduamente para encontrar uma cura."

Chase ficou boquiaberto. "Você está dizendo que Boyd ainda está vivo?"

Marcus deu um encolher de ombro evasivo, mas sua omissão tinha sido clara. Chase olhou para Turner, sua expressão ilegível, em seguida soltou um longo suspiro.

"Você sabe onde ele está?" Turner perguntou.

Marcus bufou. "Mesmo se eu soubesse, você nunca o encontrará. Ela tem olhos em todos os lugares."

"Ela?" Era a segunda vez que ele mencionava a mulher desconhecida.

Os lábios de Marcus se contraíram em um sorriso zombeteiro. "Vocês não acreditam que Boyd esteve trabalhando sozinho todos estes anos? Vamos lá, vocês são mais espertos do que isto. Juntem as peças." Ele riu, seus olhos passando sobre Turner com desprezo. "Talvez você não seja tão esperto quanto ela pensa?"

As entranhas de Turner contraíram.

"Circe..." O nome passou pelos lábios de Marcus no mesmo momento que uma bala perfurou e quebrou a janela da sala de estar, enterrando no crânio do homem.

"Abaixe-se," Chase gritou sobre o rugido nos ouvidos de Turner.

Um fio de sangue escorria pelo canto dos lábios de Marcus, seu corpo sem vida despencou para frente.

Mais dois tiros, desta vez apontados para o computador, enviando pedaços de plástico e metal voando.

Chase agachou-se contra a parede e socou os números no seu celular. "Lora, tire Riley daqui. Encontraremos com vocês em casa."

Turner balançou a cabeça e sibilou, "Se Marcus estava certo e Boyd sabe onde Kiera está, ele pode ir até lá."

Chase praguejou e lançou-lhe um olhar que refletia quão fodida era toda a situação.

Turner inclinou a cabeça para trás contra a parede. "Lora tem o código para o meu apartamento. É seguro."

Seu peito apertou, sabendo o que Riley encontraria lá, mas a única alternativa era levá-la para a agência e isto estava fora de questão.

Chase assentiu e transmitiu a informação para Lora.

Os tiros tinham parado, mas o cheiro de metal chamuscado e sangue fizeram a cabeça de Turner rodopiar. Ele não queria mais nada além de ir atrás de Riley, garantir que ela estivesse segura e pela expressão no rosto do seu irmão, ele sabia que ele se sentia da mesma maneira sobre sua companheira.

"Precisamos salvar o que pudermos," Chase disse, espiando por cima do ombro a sala onde o corpo de Marcus estava, depois olhou

de volta para ele. "Preciso reportar isto."

Turner assentiu resignado. Não havia como esconder isto da Agência agora. "Faça a ligação."

Ele se levantou, passou as mãos pelo cabelo e deixou seu olhar descansar no corpo sem vida. Ele sabia. Marcus sabia que eles viriam atrás dele. Por que ele não fugiu? O que havia no computador que ele estava tão desesperadamente tentando esconder?

Circe, Circe, Circe. O maldito nome soava nos seus ouvidos como um disco quebrado. Os dentes de Turner cerraram ao ponto que ele ficou surpreso que eles não quebraram.

Se Circe não era Boyd, então quem ela era?

Capítulo 16

Riley estava sentada no banco de passageiro e olhava para Lora com nervosismo. A boca da mulher estava puxada em uma linha firme e Riley jurou que conseguiu ouvir um leve rosnado vindo do peito da mulher mais baixa.

Seu peito apertou enquanto Lora acelerava pelas estradas secundárias e dava uma guinada para não acertar um cachorro viralata.

Ela ainda não fazia nenhuma ideia do que tinha acontecido. Ela ouviu tiros, embora leves e vidro quebrando. Mas foi o medo que brilhou nos olhos da outra mulher quando os tiros soaram que fizeram o seu estômago contrair com medo.

Lora não tinha falado desde que ela mandou Riley entrar no SUV e arrancou do estacionamento como se o próprio diabo as seguisse.

Os pneus cantaram quando Lora fez uma curva rápida. Riley teve de se apoiar enquanto batia na porta.

"Sinto muito," Lora murmurou, olhando pelo espelho retrovisor. "Você poderia querer colocar seu cinto de segurança."

"O que aconteceu lá atrás?" Riley colocou o cinto.

Lora olhou para ela e depois voltou rapidamente seu olhar de volta para a estrada. "Havia um franco atirador, muito provavelmente no prédio em frente. Eles eliminaram DuPoint. Chase está chamando a Agência."

Riley empalideceu. Ela podia literalmente sentir o sangue drenar do seu rosto. Seus dedos ficaram frios quando a realidade das palavras de Lora a atingiram. Marcus estava morto. A única esperança de salvação da sua irmã tinha desaparecido.

Ela esfregou as mãos na calça e tentou fazer o sangue circular. Como se seu cérebro somente agora registrasse as implicações, Riley disse, "Houve três tiros."

"Turner está bem." Lora deu um tapinha na sua mão.

Riley sentiu a tensão nos seus ombros diminuir, mas só por um momento.

Lora praguejou quando o veículo entrou na rodovia. "Parece que temos companhia."

Riley olhou por cima do ombro para os faróis que se aproximavam rapidamente atrás delas. Ela gemeu e virou-se no seu assento e jogou as mãos para cima. "É claro que há alguém nos perseguindo, por que não haveria?"

Lora deu-lhe um olhar intrigado e em seguida caiu na gargalhada.

Era completamente inadequado considerando a situação delas, mas a histeria acumulando dentro de Riley precisava sair de uma maneira ou de outra e ela se viu participando até que as lágrimas caíram dos seus olhos.

"Acredito que vamos nos dar muito bem," Lora disse através de um rosnado de risada. "Especialmente se você vai ser minha cunhada."

Riley tossiu, de repente séria. "Como?"

Lora enxugou o rosto com o dorso da mão e soltou um suspiro exagerado. "Vi a maneira como Turner olhou para você." Ela deu um sorriso astuto. "Como ele a beijou. Eu o conheço a minha vida toda e nunca o vi agir assim. Ele está perdidamente apaixonado."

Riley encolheu os ombros e ignorou as borboletas que começaram a dançar pelo seu estômago. "Acabamos de nos conhecer. Ele mal me conhece."

Lora franziu o cenho. "Certo."

"Mas sério. O que vamos fazer sobre os perseguidores?" Riley empurrou o polegar para trás, indicando o carro que estava agora andando no seu para-choque.

Lora sorriu com malícia, seus olhos cor de âmbar dançando com animação.

Ela está apreciando isto.

"Segure-se," Lora disse, um sorriso brincando nos seus lábios.

Riley mal teve tempo de se apoiar. Lora virou o volante e o veículo derrapou pelas quatro pistas, na direção da rampa de acesso. Por um momento aterrorizante, elas pareceram pairar, suspensas no meio do ar. Riley prendeu a respiração, que saiu dela quando elas aterrissaram com um baque.

Os pneus cantaram e ela pensou que Lora também fez isto enquanto elas deixavam seus perseguidores para trás.

"Bem, isto foi divertido," Lora disse.

Riley colocou a mão sobre a boca, seu estômago agitado.

"Acredito que temos definições diferentes sobre diversão," Riley murmurou.

* * *

Turner observava a partir do canto da sala, os punhos cerrados, a mandíbula doendo de tensão enquanto Chase falava com Jacob Oliver. Um grupo de agentes já tinha ensacado o corpo e confiscado o computador, mas Jacob mandou que ele ficasse.

Ele precisava voltar para seu apartamento. Precisava chegar até Riley antes que ela visse a sala. Seu leão caminhava, exigindo que ele fosse embora, encontrasse sua companheira — *reivindicasse-a*. Mas ele ainda era um agente Therian e Boyd ainda estava lá fora, perseguindo suas filhas como o predador que era.

Os outros agentes foram embora e ele foi deixado a sós com Jacob e seu irmão.

Jacob dobrou um dedo, mandando que ele avançasse. Seus olhos brilhavam com um amarelo dourado misterioso enquanto ele olhava para Turner com a paciência forçada e avaliação crítica de um pai.

Turner irritou-se sob seu escrutínio. Era verdade que Jacob subiu rapidamente as fileiras, mas ele era somente alguns anos mais velho do que ele. Ele cerrou os dentes a fim de impedir o comentário frustrado que estava enroscando na ponta da sua língua.

Jacob semicerrou os olhos. "Parece que você estava certo sobre Boyd."

Turner assentiu e olhou para seu irmão. Quanto Chase tinha contado para ele? Muito provavelmente tudo. Mas e sobre Riley, ele tinha contado para Jacob sobre seu relacionamento com ela? Ele entrou na mente do seu irmão, mas Chase empurrou de volta, apenas balançando a cabeça.

"O que você vai fazer?"

"Primeiro vamos trazer sua filha." Jacob disse. "Ela estará mais segura na Agência."

"Segura entre nossos cientistas para que eles possam furá-la e cutucá-la?"

"Ele não está falando sobre Kiera," Chase disse, sua expressão tensa. "Ela desapareceu. Marcus estava certo. Boyd sabia onde ela estava. Eles devem tê-la levado logo depois que saímos para vir aqui."

"Merda." Medo brilhou forte e duro na boca do seu estômago. Riley jamais iria perdoá-lo se algo acontecesse com sua irmã, ele prometeu protegê-la, mantê-la segura. Se Boyd a tinha, não havia como dizer o que o homem faria, inclusive com sua própria filha. "Vocês conseguiram rastreá-los?"

Jacob assentiu, observando-o com cuidado. "Seu irmão foi esperto o suficiente para colocar um dispositivo de rastreamento nela. Temos agentes se aproximando do prédio para onde eles a levaram."

Turner bateu o punho na sua mão. "Então, nós o temos, precisamos..."

"Não." Jacob aproximou-se dele, seu lábio curvado exibindo os caninos alongados. "Você e Chase estão em condicional até novo aviso. Não o quero em nenhum lugar perto desta investigação. Nem de Boyd ou sua filha."

Os músculos no seu pescoço e costas estavam tensos com tensão. "Você não pode estar falando sério. Fui eu quem..."

De novo Jacob o interrompeu, seu leão se irritando sob sua pele, tão perto que Turner sentia seu cheiro. "Foi você quem desafiou minhas ordens todas as vezes. Cobri seus rastros mais vezes do que eu consigo contar." Jacob endireitou-se e respirou fundo. "Desta vez, somente o Conselho pode decidir seu destino."

"Mas ele estava certo." Os olhos de Chase brilhavam com simpatia. "Boyd estava vivo o tempo todo."

"E isto funcionará em seu benefício quando você ficar diante do Conselho. Até lá, seu distintivo."

"Isto é besteira e você sabe." A voz de Turner era um rosnado de fúria grosseiro e incontido. "Você sabe quão duro eu trabalhei para prender este bastardo."

Ele jogou o distintivo aos pés de Jacob e passou por ele. Ele não precisava de um maldito distintivo para ir atrás de Boyd. Talvez seria mais fácil assim. Ninguém para observá-lo, para garantir que ele seguisse o protocolo.

"Turner." A voz de Jacob foi um rosnado baixo e perigoso. "Há outro motivo por que eu o quero fora deste caso. Nós descobrimos algo que você e Chase precisam saber, algo que poderia ser um perigo para vocês dois."

Ele não parou para ouvir a advertência de Jacob. O que ele queria estava ao alcance das suas mãos. Tudo que ele precisava fazer era pegá-lo. O problema era que ele não sabia qual pegar.

Vingança ou Amor.

Capítulo 17

Riley olhou para o prédio de apartamentos de stucco branco, de estilo executivo e franziu o cenho. "Pensei que íamos para a casa de Turner."

"Nós estamos. Você não ficou aqui ontem à noite?" Lora digitou um código e a porta do estacionamento abriu. Ela virou-se para Riley, as sobrancelhas franzidas.

Sinos de alarme soaram na cabeça de Riley. O que estava acontecendo? Lora a estava levando para algum outro lugar ou Turner mentiu para ela? Nenhum dos dois fazia sentido, mas definitivamente este não era o apartamento que ela tinha ficado ontem à noite.

Lora não pareceu notar sua confusão enquanto descia do carro. "Tomara que Turner tenha algo para comer. Estou morrendo de fome."

"Chase lhe disse quando eles estariam de volta?" Riley esfregou os arrepios nos seus braços e seguiu Lora através da garagem até um elevador de alta tecnologia.

Lora franziu o cenho enquanto digitava outro conjunto de códigos. A porta do elevador abriu. Ela balançou a cabeça, sem encontrar o olhar de Riley. "Eles levarão algumas horas, pelo menos. Chase terá de ligar para meu irmão sobre isto."

Ela hesitou antes de entrar. "Seu irmão?"

"Jacob." Lora encolheu os ombros. "Ele é o Diretor de Assuntos Therian."

Não havia nenhum andar listado no teclado da parede. Lora digitou outra série de números e o elevador moveu-se bruscamente.

"Você tem de digitar todos estes números todas as vezes que entra e sai?" Riley perguntou, ansiedade rastejando sob sua pele.

"Apenas para entrar."

O elevador abriu-se em um grande vestíbulo. Riley saiu e engoliu o nó na sua garganta. Puta merda, o lugar é enorme.

"Há quanto tempo Turner mora aqui?"

"Dois, talvez três anos." Lora caminhou até a cozinha e abriu a porta da geladeira. Ela suspirou e balançou a cabeça. Ela tirou duas cervejas e entregou uma para Riley. "Isto terá de servir por enquanto."

Riley olhou para a garrafa, uma sensação de agouro devorando-a. Ela abriu a tampa e tomou um longo gole.

"Imagino que nossas opções sejam comida chinesa ou pizza."

"Pizza está bom," Riley disse, forçando um sorriso.

Lora fez a ligação, dando a Riley a oportunidade de explorar. A sala de estar estava impecável, como se alguém viesse para limpar regularmente. As janelas do teto ao chão revestiam uma parede com portas de pátio conduzindo para uma grande varanda com vista da cidade. Móveis de couro preto e duro formavam um semicírculo ao redor de uma tela plana de Tv enorme pendurada sobre uma lareira a gás.

Uma foto solitária, com moldura prateada, estava em uma das mesas de canto. Riley a pegou e passou os dedos sobre o vidro frio. Era uma foto espontânea de uma mulher atraente, de cabelos escuros, abraçando dois meninos. O mais novo era nitidamente Turner, seus grandes olhos azuis prateados olhavam para a mulher com a adoração que somente uma criança tem por um pai.

"Chase tem a mesma foto na sua carteira," Lora disse, assustando Riley. "Acredito que seja uma das únicas fotos que eles têm dela."

"O que aconteceu com ela?" Riley colocou a foto de volta sobre a mesa.

"Ninguém sabe com certeza, mas acredita-se que ela possa ter sido sequestrada." Lora sentou-se em uma das namoradeiras enormes e dobrou as pernas debaixo dela. "Isto é o que Turner acredita, de qualquer maneira."

"Sequestrada?" Ela olhou de volta para a foto. A mulher compartilhava as mesmas feições que Turner e Chase, mas havia algo duro ao redor dos seus olhos, algo que fez os pelos na parte de trás do pescoço de Riley arrepiarem.

"Chase não tem tanta certeza. Ele era apenas uma criança quando ela desapareceu, mas havia coisas levando ao seu desaparecimento que não faziam sentido." Lora encolheu os ombros e puxou uma almofada para seu peito. "De qualquer maneira, isto

destruiu a família deles. O pai deles começou a beber logo depois. Eventualmente matou-se, anos mais tarde."

"Isto é terrível." Ela sabia o que significava perder um pai, perder ambos.

"Eles eram companheiros." Lora inclinou a cabeça e a observou. "Não sei se você compreende o que isto significa, mas para um Metamorfo, nós acasalamos para a vida. Perder um companheiro é como perder um pedaço de si mesmo. Isto quebra você."

"Então o que aconteceu com eles?"

"Chase tinha se formado no ensino médio no momento em que seu pai morreu, então ele recebeu a custódia de Turner. Minha mãe ajudou. Eles moravam a poucos quarteirões de nós, então ela os trazia para a nossa casa sempre que possível. Foi difícil para ambos, mas acredito que Turner teve maior dificuldade em esquecer. Ele precisava de alguém para culpar e quando alguém não pôde ser encontrado...ele criou um."

"O que você quer dizer?"

Lora balançou a cabeça e pegou o controle remoto. "Provavelmente eu falei demais. Você precisa conversar com ele." Ela ligou a TV. "Quer ver um filme enquanto esperamos pela pizza?"

"Vou apenas me lavar primeiro."

Lora assentiu e começou a zapear pelos canais.

No banheiro, Riley jogou água fria no rosto. Tudo estava acontecendo tão rápido e seu cérebro mal começava a compreender uma coisa antes que ela fosse atingida por outra. Marcus estava morto, Kiera era um leão e seu pai aparentemente tinha sido um assassino sociopata.

Ela olhou para seu reflexo no espelho e soltou um suspiro áspero. Seu rosto estava pálido e havia manchas escuras sob seus olhos. Nada parecia certo. Tudo estava de pernas para o ar. Ela se sentia como Alice através do espelho, só que a vida de Alice fazia mais sentido.

Endireitando os ombros, ela abriu a porta e começou a seguir pelo corredor. Um barulho, o sinal sonoro de uma máquina de fax chamou sua atenção para uma porta que estava ligeiramente aberta. O luar se infiltrava, lançando sombras sobre a grande mesa de mogno, mas foi

o quadro branco e as várias fotos que o revestiam que fizeram com que ela parasse imediatamente.

Ela fechou os olhos com força, sentindo o mundo deslocar-se ao seu redor. Isto não estava acontecendo. Ela abriu os olhos, esperando que sua mente estivesse fazendo truques com ela, mas quando ela acendeu as luzes do escritório, não havia nenhum engano sobre as fotos coladas no quadro.

"Riley, você está bem?" Lora chamou da outra sala.

"Sim," sua voz foi um grasnado. Ela caminhou aos tropeços na direção do quadro. "Bem."

Uma grande foto preto e branco dela e Kiera, tirada somente algumas semanas antes, estava colocada no centro do quadro. Havia várias fotos dela, algumas eram recentes, outras tinham sido tiradas pelo menos três anos antes. Havia fotos de Kiera também enquanto ela estava fazendo compras, no trabalho, cuidando do jardim.

"Oh, meu Deus." Lora estava na porta, as mãos cobrindo a boca. "Riley, não é o que você pensa."

Riley olhou de novo para as fotos. "Não é o que eu penso?"

Ela arrancou uma folha do quadro e olhou para ela horrorizada. Era uma impressão, um relatório sobre seu pai, mas foi o texto destacado que transformou seu sangue em gelo.

Após uma análise cuidadosa, o Conselho Therian tinha abandonado todas as acusações contra Turner Payne em relação ao incêndio químico que matou Richard Boyd.

Riley leu e releu o texto. Turner esteve lá quando seu pai morreu e houve evidência suficiente para iniciar uma investigação se ele tinha iniciado o incêndio. Não importava para ela que o papel dissesse que ele era inocente, ele esteve lá. Por quê? E por que seu escritório estava cheio de fotos dela e da sua irmã?

Ela amassou o papel na sua mão e olhou para Lora, cujo rosto estava agora franzido em uma careta firme.

"Você sabia sobre isto." Não era uma pergunta.

Lora fez uma careta e ficou na frente da porta quando Riley moveu-se para ir embora.

"Você precisa conversar com Turner."

"Deixe-me ir." Ela precisava sair daqui.

Riley não tinha nenhuma dúvida que a mulher possuía força suficiente para mantê-la ali, mas Lora suspirou e saiu do caminho.

"Não posso deixá-la sair daqui sozinha. É perigoso. Não sabemos quem mais está atrás de você."

Uma risada histérica escapou dos lábios de Riley. "Perigoso?" Ela bateu o polegar no painel de controle do elevador, em seguida virou-se para Lora. Ela enfiou a impressão na cara de Lora. "Você sabia que ele estava envolvido na morte do meu pai?"

Lora esfregou a parte de trás do seu pescoço. "Sim, mas..."

A admissão da mulher a sufocou. "Todos vocês são mentirosos!" As portas do elevador se abriram e Riley levantou uma mão para impedir Lora de continuar. "Fique longe de mim. Todos vocês."

Pânico brilhou nos olhos de Lora. "E Kiera?"

Riley fez uma pausa. Oh, Deus, na sua confusão ela quase tinha esquecido sobre sua irmã. Ela segurou a porta quando começou a fechar e colocou a testa no metal frio da moldura.

"Confiei em você. Pensei que vocês estavam tentando ajudar."

Lora colocou uma mão no braço de Riley. "Estamos. Prometo que faremos tudo que pudermos para ajudá-la, ajudar você."

Como ela poderia acreditar nela depois de tudo que ela tinha visto? Mas agora, com Marcus morto, a quem ela poderia recorrer?

O interfone tocou.

Lora olhou para a tela e sorriu com hesitação. "A pizza está aqui. Vamos comer e conversar sobre isto. Se você realmente quiser ir embora depois, vou lhe dar as minhas chaves. Ninguém está mantendo você aqui contra sua vontade."

Seu corpo parecia borracha. Ela não tinha a força para ir embora agora. E para onde ela iria?

"Sente-se. Vou pagar a pizza."

Atordoada, Riley caminhou para a sala de estar e sentou-se com força no sofá. Ela fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás, mas sua mente continuava flutuando para o estranho santuário que Turner tinha construído na outra sala. Não era de admirar que ele não a trouxe aqui. Mas por que o outro apartamento?

Mais perto para espiá-la.

Ela estremeceu. A impressão ainda estava apertada na sua mão, o papel úmido das suas mãos suadas.

O som do elevador soou atrás dela e o cheiro da pizza fez sua boca salivar. Lora murmurou algo e em seguida houve um baque.

"Lora?" Não houve resposta, só o som do elevador fechando. "Está tudo bem?"

"Tudo ficará bem, Riley." A voz familiar do seu pai atravessou seu coração.

Não poderia ser.

Ela se levantou lentamente. Suas pernas tremiam e ela teve certeza que elas cederiam a qualquer momento. O tempo pareceu desacelerar, os segundos prolongando-se como minutos. Ela cerrou os dentes e virou-se, sua respiração saindo dela em um jato, como se ela tivesse sido socada no estômago.

Duas figuras sombrias e robustas estavam no corredor, suas armas apontadas para ela. Mas foi o homem entre elas que chamou sua atenção.

"Pai?"

"Olá, Riley."

Havia algumas rugas novas ao redor dos seus olhos, seu cabelo escuro agora manchado com prata, mas não havia como não negar que o homem era seu pai.

Ela balançou a cabeça, o desejo de chorar, correr para ele, lutando com o novo conhecimento do que ele tinha feito, quem ele realmente era.

Ele levantou a mão e os homens abaixaram suas armas. Ele deu um passo à frente e ela começou a recuar. Através da brecha entre ele e seus homens, Riley podia ver o corpo de Lora caído no chão.

"O que você fez com Lora?"

"É apenas um sedativo. Irá passar em algumas horas." Ele sorriu, os olhos azuis observando-a com cuidado. Sua voz estava calma, controlada, como se falando como uma criança pequena. "Estou aqui para levá-la para casa, Riley."

"Casa?"

Ele assentiu e estendeu a mão. "Ninguém precisa se machucar. Apenas venha comigo e vou explicar tudo."

Ela deu um passo desconfortável para trás. Os dois jagunços atrás do seu pai ergueram suas armas. Ele atiraria nela se ela tentasse fugir?

"Não sei o que estas...coisas disseram para você, mas não sou o inimigo."

Seus olhos brilhavam com algo que ela nunca tinha notado antes — insanidade, sombria e perversa. O que ele faria se ela se recusasse? Ela olhou para o corpo imóvel de Lora.

"Se eu for com você, você promete deixar Lora em paz?"

Seus lábios curvaram para cima. "É claro."

Apesar da sua garantia, medo continuava a dominar dentro dela. Mas quais eram as suas escolhas?

Obrigando-se a reprimir a raiva, ela caminhou para o elevador. O peito de Lora subia e descia em respirações superficiais. Ela estava viva. A pizza estava descartada no chão ao seu lado, fazendo Riley se perguntar o que tinha acontecido com o entregador.

O elevador abriu e um dos guardas a empurrou para frente.

"Sinto muito por ter tido de esconder as coisas de você." As portas fecharam e eles começaram a descer. "Mas agora que você sabe, podemos voltar a como as coisas eram. Quando Kiera estiver de volta..."

Ela virou-se para ele. "Você sabe sobre o que aconteceu com ela?"

Ele estendeu a mão e acariciou seu rosto, o toque enviando um arrepio de repugnância pela sua coluna. "Vou fazer tudo ficar bem. Agora que tenho vocês duas de volta..."

As portas do elevador se abriram e um rosnado retumbante profundo ecoou através da pequena área cercada.

Turner.

Os olhos de Turner arregalaram, uma miríade de emoções explodindo sob seus olhos prateados. Ele olhou para ela, para a mão que descansava no seu rosto e ela jurou que podia ver traição atravessar sua expressão. Seja o que fosse, foi rapidamente substituído pela raiva.

Os homens do seu pai engatilharam suas armas. Turner sacou tão rápido quanto.

"Não." Ela pulou na frente de Turner, bloqueando-o da mira dos homens.

"Saia do caminho, Riley," Turner rosnou no seu ouvido.

Os olhos do seu pai semicerraram, os lábios curvados em repulsa. "Deixe-nos passar, menino e vou deixar você viver."

Ela virou-se e colocou as mãos no peito de Turner. "Por favor, nos deixe ir."

Seus olhos procuraram os dela, as sobrancelhas franzidas. Ela não conseguia respirar, pensando que ele atacaria, sabendo que seu pai não hesitaria em abrir fogo sobre ele.

Turner deu um rápido aceno de cabeça e afastou-se da porta, colocando sua arma no chão.

Riley soltou um suspiro instável. "Obrigada."

Ele rosnou em resposta, mas ficou para trás enquanto eles saíam do elevador. Os homens mantinham suas armas apontadas para Turner.

Um furgão preto aguardava por eles. A porta lateral abriu quando eles se aproximaram.

"Entre," seu pai ordenou.

Ela hesitou, olhou para Turner e balbuciou, "Sinto muito."

Turner enrijeceu e então ela viu... um lampejo do animal dentro dele.

Oh, Deus, não. Ele iria atacar. Ela abriu a boca para gritar, para detê-lo, mas era tarde demais. O animal pareceu rasgar da sua pele. Aconteceu tão rápido que os homens do seu pai mal tiveram tempo para reagir quando o leão saltou sobre eles. Seus dentes afundaram no ombro do primeiro guarda. O homem largou a arma em um uivo de dor.

O segundo guarda atirou, roçando na perna do leão.

O leão rugiu.

"Pare." Ela correu para o homem, derrubando a arma da sua mão.

Outro tiro disparou e ela observou horrorizada quando o leão caiu diante dela. Ela caiu ao seu lado, enterrando os dedos na sua juba grossa.

"Você o matou," ela gritou, passando as mãos sobre a sua pelagem grossa, tentando encontrar uma ferida.

"Foi um dardo tranquilizante. Ele ficará bem." Ele fez um gesto para seus homens. "Coloquem-no no furgão."

Os dois guardas olharam entre si nervosamente. Aquele com o ombro ferido falou, "Circe vai ficar irritada se você o levar."

Seu pai deu uma risada dura e fria. "Cuidarei de Circe. Payne sabe demais. Agora coloque-o no furgão antes que tenhamos mais companhia."

Os homens fizeram uma careta e caminharam na sua direção, na direção de Turner. Seu pai a agarrou com força pelo braço e a levantou.

"Você é um monstro," ela sibilou, afastando seus dedos.

"Não sou o monstro, eles são." Cuspe voou dos seus lábios. Suas feições selvagens, tensas cm raiva. Os olhos outrora tão familiares tinham um brilho febril. "Agora entre no furgão."

A arma descartada do segundo guarda estava a poucos metros dela, escondida debaixo do pneu do furgão.

Uma respiração dura e áspera estremeceu através dela quando ela percebeu o que precisava fazer. "Nunca!"

Ela mergulhou para a arma, mas seus dedos mal passaram ao redor do cabo quando outro tiro disparou. Uma dor penetrante rasgou seu pescoço. Sua boca abriu em um grito silencioso. Ela caiu para frente enquanto a escuridão a consumia.

Capítulo 18

Turner piscou para a iluminação fluorescente ofuscante. Sua cabeça doía como se alguém tivesse usado uma marreta no seu crânio. Nu, ele estremeceu contra a cama fria de metal. O quarto era estéril. Paredes brancas de concreto o enjaulavam em três lados e grades grossas de metal asseguravam sua prisão.

Maldito Richard Boyd. Ele deveria ter eliminado o homem no momento em que o viu, mas ele tinha hesitado... por causa de Riley, da expressão no seu rosto. Ela tinha implorado para ele, aqueles grandes olhos verdes desesperados, implorando que ele não atacasse.

Ele bateu o punho na cama. As vibrações enviaram pontadas violentas através da sua cabeça. Ele gemeu e rolou para uma posição sentada, ignorando a náusea que ameaçava esvaziar o conteúdo do seu estômago.

Ela tinha brincado com ele este tempo todo. Ele tinha visto nos seus olhos, implorando que ele não atacasse. Ele estava tão atordoado que quase permitiu que Boyd fosse embora. Porra, se ele tivesse apenas eliminado o homem quando o viu, ele não estaria nesta bagunça.

Como ele não soube, não viu a mentira por trás daqueles olhos verdes assombrados? Ela tinha levado o homem ao seu apartamento, sua casa. Medo avolumou-se através dele com o que eles tinham feito com Lora.

Ele agarrou a beirada da cama e permitiu que seus olhos se ajustassem a luz. O cheiro de antisséptico dominava os outros cheiros mais leves — humanos, Metamorfos e um cheiro familiar que ele não conseguiu identificar.

Uma porta se abriu no final do longo corredor e Turner enrijeceu.

O cheiro doce, intoxicante — *desonesto* — de Riley mantinha-se vivo no longo corredor, obscurecendo seu cérebro.

Seus lábios tremeram quando ela se aproximou da jaula. A incerteza nos seus olhos confirmou sua desconfiança. Ela era culpada. Ele podia sentir o cheiro do medo irradiando dela em ondas.

Ela não tinha direito de estar com medo, companheira ou não, ela pagaria por enganá-lo.

Ele passou seu olhar sobre ela e franziu o cenho, toda a raiva que ele já tinha sentido pelo seu pai agora dirigida para ela. "Por que você está aqui?"

Riley respirou fundo, os olhos arregalados. Ela piscou várias vezes, em seguida balançou a cabeça. Seu rosto corou enquanto seu olhar vagava pelo seu corpo.

"Trouxe isto para você." Ela estendeu uma calça verde de hospital.

Cada célula no seu corpo gritava para tocá-la. Ele afastou a mistura perigosa de luxúria e carinho que se agitou com a visão dela. Ela era o inimigo e, no entanto, seu animal ainda rosnava com uma possessividade que o chocou até seu âmago.

Ele agarrou a calça e enfiou as pernas, em seguida amarrou o cordão frágil ao redor da sua cintura.

Houve um clique no final do corredor.

Riley olhou por cima do ombro com nervosismo. "Não tenho muito tempo. Eu o convenci a me deixar vê-lo, mas ele tem nós dois sob vigilância." Ela deu um sutil aceno de cabeça para uma pequena câmera no canto da cela de Turner.

"Parece que eu sou o único prisioneiro aqui." Ele abaixou o queixo e olhou com cara feia para ela, dando um passo calculado na sua direção. Ela estava perto o suficiente da jaula que ele poderia facilmente passar as mãos ao redor do seu pescoço. O quanto exatamente Boyd estava disposto a sacrificar pela sua pesquisa?

Os olhos dela arregalaram. Ela olhou para ele por um momento longo e tenso. Quando ela falou, sua voz estava rouca com emoção. "O que você está dizendo?"

"Não me engane. Você brincou comigo. Você me fez pensar que era inocente." Seus punhos cerraram ao seu lado. "Transou comigo como se eu realmente significasse algo para você."

Um pequeno suspiro escapou dos seus lábios. Ele bateu as mãos nas grades de metal e ela pulou para trás.

Seus olhos contraíram, sua respiração irregular. "Mas você é como ele... fria, enganadora... sem coração."

Ela olhava para ele, sua expressão contorcida com descrença. Por um momento, ele pensou que talvez estivesse errado, mas em

seguida ela endireitou os ombros e seus olhos ficaram inexpressivos, impassíveis, indiferentes.

"Você acha que eu sabia sobre isto? Que eu usei você?" Ela caminhou na direção da jaula, um desafio na sua expressão. "E você, Turner? Vi seu escritório. As fotos que você tirou de Kiera e de mim. Há quanto tempo você estava nos espiando? Meses, anos? Dormir comigo foi apenas outra maneira para conseguir se aproximar do meu pai? Talvez ele esteja certo. Você realmente não é nada além de um animal."

Fúria tomou conta dele. Seu braço disparou através das grades e ela ofegou quando seus dedos grossos passaram ao redor do seu pescoço delicado.

"Turner." Seu nome foi um grito rouco nos seus lábios. Ela enterrou as unhas nas suas mãos e ofegou, "Pare."

Seu leão rosnou, mas não para ela, para si mesmo. Merda, o que ele estava fazendo? Ele a soltou e ela caiu para trás, agarrando o pescoço e tossindo.

A porta no final do corredor abriu e dois guardas entraram correndo, suas armas sacadas. Boyd seguia atrás deles. Ele varreu Turner com um sorriso desdenhoso antes de se virar para Riley. Ele colocou uma mão no seu ombro e ela afastou-se dele.

"Você escolheu isto..." Boyd apontou para Turner, "... ao invés do seu próprio pai?"

Turner congelou. *Escolheu?*

"Você vê o que ele é, o que todos eles são." Boyd cuspiu nos pés de Turner. "Animais incontroláveis."

Ela inclinou o queixo e voltou seu olhar para Boyd. "O único animal que eu vejo aqui é você."

Os olhos do homem eram frios e impiedosos, seu olhar indiferente mesmo quando ele olhava para sua filha. Tão diferente do fogo e da paixão no olhar verde e firme de Riley. Era possível que ela não o tivesse enganado? Mas então como Boyd entrou no seu apartamento e por que ela o impediu de atacar o homem?

Turner entrou na sua mente, procurando pela verdade. Ela olhava para ele como se pressentindo o que ele estava fazendo. Ele podia sentir sua dor, a raiva que ela controlava com tanta firmeza que apodrecia como uma ferida aberta.

"Riley." Turner agarrou sua mão quando ela passou por ele.

Os guardas reagiram rapidamente, as armas apontadas para seu peito.

"Tire suas mãos da minha filha, Payne."

Turner não se moveu ou interrompeu o contato visual com Riley. Com o contato pele-com-pele, ele foi capaz de entrar mais na sua mente.

Ficará tudo bem. Vou nos tirar daqui.

Você vai nos matar, ela empurrou de volta, assustando-o o suficiente que ele largou sua mão. Ela sabia o que tinha feito?

"Ele tem Kiera," ela disse baixinho, para que somente Turner pudesse ouvir.

Eu sei. E lá estava o motivo por que ela queria seu pai vivo. Ele compreendia agora e sentiu-se como o tolo que era por não confiar nela.

Ela balançou a cabeça e olhou para o chão. "Por quê?"

Ele pensou que ela estava falando com ele até que ela caminhou lentamente na direção de Boyd.

"Diga-me por que você fez isto? O que poderia fazer você odiar tanto que estaria disposto a matar pessoas inocentes?"

"Inocentes?" A voz de Boyd foi um grito zombeteiro. "Você viu o que ele é, o que ele pode fazer. Ele é um predador, seu único instinto é sobrevivência. Ele não se importa com quem ele machuca no processo."

"Você não sabe nada sobre mim," Turner rosnou, sentindo seus caninos alongarem, os lábios curvando sobre eles em uma careta feroz.

"Sei mais sobre você do que você pensa, menino. Todos vocês são iguais. Assassinos selvagens. Vocês veem os humanos como fracos, inferiores... *presa.*"

Turner rosnou, seu leão respondendo ao desafio. "Foi seu pai?" A cabeça de Boyd virou bruscamente na sua direção. Por um segundo, medo brilhou nos olhos do homem, estava lá e desapareceu, mas foi o suficiente para Turner saber que estava certo. "Ele era um Metamorfo, certo?"

Boyd avançou lentamente, parando na distância de um braço da jaula. "Mantenha sua boca fechada."

Riley movia-se silenciosamente atrás de Boyd, os olhos fixos na argola de chaves no cinto do guarda. *Mantenha-o falando*, ela disse na mente de Turner.

Turner ficou boquiaberto e teve de balançar a cabeça para se concentrar. Ela estava se comunicando com ele telepaticamente. Era quase inaudito, mesmo entre os Metamorfos e normalmente somente entre companheiros ou irmãos. Se ele tinha alguma dúvida que ela era sua companheira, esta ligação provava o contrário.

Ele voltou a olhar para Boyd.

"É por isto que você nos odeia, por que você nunca conseguiu estar à altura das expectativas de papai?" Turner zombou, caminhando pelas grades da jaula, distraindo os homens. "Apenas um humano comum. Ele se ressentia de você por isto?" Turner riu profundamente. "Não era suficiente nos odiar, você queria ser como nós. É por isto que você criou o soro, para que possa deixar o papai orgulhoso."

"Você sabe tudo sobre problemas com papai, não é?" O rosto de Boyd era uma tonalidade escura de vermelho. Seus olhos avolumaram-se e uma veia grossa na sua testa pulsava com fúria. "Ou são problemas com mamãe? Abandonado em uma idade tão jovem. E depois seu pai..." Boyd estalou a língua e balançou a cabeça. "Ele colocou uma bala no próprio crânio, não foi?" Ele cruzou os braços sobre o peito e sorriu com arrogância. "Oh, bem, menos um Metamorfo para poluir a terra."

"Minha mão não nos abandonou." Turner forçou as palavras pelos dentes cerrados. "Você a levou, usou nos seus experimentos. Vi a placa quando o carro se afastava. Era o seu carro."

Boyd jogou a cabeça para trás e riu. "É isto que você acha, que eu a sequestrei?"

Seus olhos brilhavam com conhecimento oculto, Turner estremeceu.

Atrás dele, Riley alcançava a chave do guarda. Ela pressionou o fecho na argola e a soltou lentamente. O guarda franziu a testa e olhou para baixo.

Turner passou os dedos ao redor das grades frias e rugiu. Teve o efeito desejado. A atenção do guarda voltou para ele.

"Chega," Boyd disse, balançando o pulso. "Acostume-se com sua nova casa. Você finalmente está onde pertence: em uma jaula."

Boyd girou nos calcanhares e foi embora. Os guardas seguiram, dando a Riley a oportunidade de passar as chaves para Turner.

Ele agarrou a parte de trás do seu pescoço, emaranhando os dedos no cabelo da sua nuca. "Sinto muito," ele disse com a voz rouca, esfregando o polegar sobre os leves hematomas no seu pescoço.

Ela deu um aceno de cabeça brusco e sussurrou, "Ele tem de viver. Ele pode ser o único que pode salvar Kiera."

Ele semicerrou seus olhos e em seguida soltou um suspiro de conformidade. Ela lhe deu um pequeno sorriso em troca.

"Dê o fora daqui quando puder."

Ele balançou a cabeça. *Não sem você.*

"Riley," Boyd gritou. "A não ser que você queira se juntar a ele em uma cela, sugiro que me siga."

Turner deixou sua mão cair.

"Não posso deixar Kiera." Ela hesitou brevemente, em seguida caminhou na direção do seu pai.

Sua mandíbula contraía e relaxava enquanto ele continha sua frustração. Ela fazia alguma ideia o quanto lhe custava deixar Boyd ir embora? Ele colocou a testa nas grades frias e fechou os olhos. Mas ir embora era o que ele teria de fazer se algum dia seria capaz de reivindicar sua companheira.

Capítulo 19

Riley estava em silêncio atrás de um espelho unidirecional e observava enquanto dois dos homens do seu pai injetavam sua irmã com outra série de doses. O leão rugiu, seus músculos ondulando de maneira não natural sob as contenções. Por um momento, Riley pensou que o rosto do animal tornou-se ligeiramente mais humano, seus membros esticaram e alongaram, mas logo o animal estava parado, sem se mover, sobre a mesa fria de metal.

Quatro dias tinham se passado desde que seu pai a trouxe para cá. Quatro dias desde que ela tinha visto Turner. Ele tinha escapado ou ainda era um prisioneiro? Ela respirou profundamente e colocou as mãos no vidro frio.

A porta atrás dela se abriu, mas ela não se virou, conhecendo o monstro que estava atrás dela.

"Estamos perto," seu pai disse. Sua voz outrora doce enviou um arrepio pela sua coluna.

"Você a está matando." Riley endireitou-se e esfregou as mãos sobre os arrepios nos seus braços nus.

"Ela é forte e o soro parece estar funcionando." Ele colocou uma mão fria no ombro de Riley e a virou na sua direção. "*Vou* consertar isto."

Por um momento, Riley viu o homem que a criou. O homem que lia para ela a noite, que tinha beijado seus cortes e hematomas quando ela era pequena, que a embalava para dormir quando ela tinha pesadelos. Uma parte dela queria passar os braços ao redor dele, confiar nele para melhorar tudo, mas este não era o pai que ela conhecia. O homem na sua frente era a causa dos pesadelos, não o protetor contra eles.

"Vamos conseguir Kiera de volta. Eu prometo," ele disse, inclinando-se na direção dela como se para abraçá-la.

"E depois o quê?" Riley disse, retirando sua mão e afastando-se do seu alcance. Ela olhava com cara feia, vendo o homem por quem ele realmente era. "Voltamos a ser uma grande família feliz enquanto você continua a matar pessoas inocentes?"

Ele semicerrou os olhos. "Sei que você não compreende o que estou fazendo aqui, mas ainda sou seu pai e..."

"Pai?" Uma risada estridente fez cócegas na sua garganta. "O pai que eu conhecia morreu em um incêndio anos atrás. Gostaria que você tivesse permanecido morto." Ela deu um passo na sua direção e bateu um dedo no seu peito. "Quando você consertar Kiera, nós vamos embora. Nunca quero voltar a vê-lo." Ela ignorou a advertência irritante no fundo da sua mente e avançou, soltando sua raiva em um único empurrão.

Seus olhos arregalaram enquanto ele tropeçava para trás, antes de se apoiar e endireitar os ombros. Ela o empurrou de novo, mas desta vez ele não se moveu.

"Você não escapará desta vez." Ela bateu um punho no seu peito, uma, duas vezes. Lágrimas embaçavam sua visão e ela continuou a bater nele. "Espero que você apodreça na prisão pelo resto da sua vida miserável."

"Chega." Ele bateu no seu rosto com força. Ela tropeçou para trás. Ele agarrou seu braço e puxou-a para ele, seu rosto a centímetros do dela. "Esta é a sua casa agora. Sugiro que você se acostume."

Ela colocou a mão sobre seu rosto ardente. "Ou o quê? Você irá me amarrar em uma mesa como um dos seus experimentos?"

Seus lábios recuaram em um escárnio e ele levantou a mão. Ela pensou que ele iria bater nela de novo e ela encolheu-se.

"Venha comigo. Você pode se sentir de maneira diferente quando ver o que eu tenho para lhe mostrar." Sua expressão transformou-se em uma máscara de estoicismo. Ele soltou seu braço, virou-se e caminhou na direção da porta.

Ela hesitou e olhou de volta para o leão que estava imóvel na outra sala. Não havia nada que seu pai pudesse lhe mostrar que mudaria o que ele tinha feito.

Seu pai segurou a porta aberta e esperou. Com um suspiro silencioso de resignação, ela o seguiu. Ele a conduziu por uma série de corredores e portas até uma sala de observação semelhante e fez um gesto para ela entrar. Um sorriso sem humor brincava no canto dos seus lábios.

Ela olhou para ele com desconfiança antes de entrar na sala mal iluminada.

Na sala paralela, atrás da parede de vidro, um homem estava esticado de lado, os braços e pernas presos por tiras de couro a uma mesa cirúrgica. Um lençol branco estava puxado para baixo, revelando os músculos firmemente contraídos das suas costas. Sua cabeça estava virada ligeiramente, o cabelo escuro sombreando seu rosto, mas ela soube imediatamente que era Turner.

Riley inalou bruscamente.

Outro homem usando um casaco branco e máscara cirúrgica estava ao lado inspecionando o equipamento médico. Ele pegou uma agulha que era quase o dobro do comprimento da mão do homem.

Bile subiu na sua garganta. Turner moveu-se ligeiramente, como se ele a ouvisse. Seus olhos era um cinza opaco, seu rosto exausto e pálido. Ele lambeu os lábios secos e rachados, aparentemente olhando direto para ela. Ele sabia que ela estava lá, ela podia sentir nas suas entranhas.

Por que ele não escapou quando ela tinha lhe dado a oportunidade?

Ela bateu o punho contra a janela uma segunda vez, em seguida virou-se para seu pai. "O que você fez com ele?"

"Nada que ele não tenha autorizado."

Ela sibilou um suspiro. "Besteira."

Um uivo de dor ecoou na outra sala. O homem tinha inserido a agulha na coluna de Turner.

"Você o está matando. Se não o soltar agora, eu juro que irei... irei..."

Seu pai revirou os olhos. "Não seja tão dramática. É apenas uma punção lombar. Ele conhece o risco. Eu lhe dei uma escolha. Quero ganhar sua confiança de novo. Endireitar as coisas entre nós. Para nossa sorte, parece que seu *amigo* tem um carinho especial por você."

"Não acredito em você. Você não pede, você pega. Por ele permitiria isto?"

"O antissoro parece funcionar somente quando administrado com células tronco de um Metamorfo. O motivo que Kiera está respondendo tão bem ao tratamento é por causa dos seus " — ele fez um gesto para Turner com desprezo — "anticorpos naturais."

"Anticorpos podem vir do sangue ou fluido linfático, que é muito menos invasivo."

"A biologia metamórfica é diferente." Ele colocou as mãos nos bolsos e olhou de maneira esnobe para ela. "Células tronco contém a chave para a recuperação de Kiera. É isto que você quer, não é. Que Kiera seja humana de novo."

Pânico serpenteou através dela. Turner estava tentando ajudar Kiera, mas a que custo? É por isso que ele não foi embora?

"Quero falar com ele."

"O procedimento está quase completo." Ele acenou com a cabeça na direção de uma segunda porta que ela não tinha visto antes. "Você pode se despedir então."

Ela estremeceu com a finalidade na sua voz. "O que você quer dizer?"

"Ele está sendo transferido para outra instalação amanhã." Ele lhe deu um sorriso que não alcançou seus olhos. "Mas posso lhe prometer que ele não será machucado desde que ele continue a cooperar."

Turner cooperar? Isto não era provável. Ela tinha de tirá-lo daqui. Hoje à noite. "Quero falar com ele sozinha."

Sua mandíbula endureceu e ele procurou seu rosto.

Ela enrijeceu-se, mordeu a bochecha e disse da maneira mais calma que ela poderia conseguir, "Se você quer realmente ganhar minha confiança, então terá de confiar em mim em troca."

Ele assentiu e moveu a mão na direção da porta. "Cinco minutos."

Quando o homem mascarado tinha saído através de outra porta, levando o frasco com o fluido espinhal com ele, Riley entrou na sala esterilizada.

Havia uma pequena câmera no canto mais distante da sala e apesar do espelho unidirecional, ela estava ciente dos olhos atentos do seu pai. Ela não fazia ideia o que iria fazer. Só que tinha de fazer algo.

Turner permanecia deitado de lado e Riley estremeceu com os hematomas escuros no centro da parte inferior das suas costas. Ela contornou a cama, puxando o lençol por cima dos seus ombros para cobrir seu corpo exposto e tremendo.

"Riley?" Sua voz estava rouca. Ele tentou se virar, mas as amarrações o mantinham seguro.

"Estou aqui." Ela puxou um banquinho para o lado dele e sentou-se, alcançando suas mãos amarradas.

Seus olhos se abriram completamente e fixaram-se nela. "Você está bem?"

Ela assentiu e apertou seus dedos. Ela inclinou-se mais perto do seu rosto e sussurrou. "Tenho de tirá-lo daqui."

Use seus pensamentos, Riley. As palavras flutuaram através da sua cabeça como um vento quente.

Você consegue caminhar? Ela começou a soltar as amarras que seguravam suas mãos. Quando ele começou a projetar seus pensamentos, pareceu mais fácil do que falar, como se seus cérebros estivessem ligados. *Meu pai está esperando com um guarda no outro lado da porta, mas seu pudermos levá-lo...*

Ele agarrou sua mão para detê-la. *Mesmo se eu tivesse força. Há muitos guardas. Nunca serei capaz de lutar contra todos eles.*

Riley hesitou, seu olhar vagando pela sala, da câmera para o espelho para a bandeja de aço que continha uma variedade de instrumentos médicos. A luz fluorescente refletia de um bisturi e Riley soube o que ela tinha de fazer.

Com movimentos lentos e sutis, ela começou a soltar suas contenções de novo. *Há uma bandeja de instrumentos atrás de você. Quando estiver livre, quero que você pegue o bisturi.*

Suas sobranceiras franziram e ela soube que ele compreendeu o que ela queria que ele fizesse.

Não vou colocá-la em risco.

Seu peito apertou com o conhecimento que ele ainda estava tentando protegê-la. *Meu pai não permitirá que você me machuque.*

A expressão de Turner não mudou, mas seu olhar ficou mais intenso. *Você está disposta a deixar Kiera?*

"Obrigada por ajudar minha irmã," ela disse, mantendo sua voz e olhar firmes, sabendo que seu pai estava ouvindo. Ela removeu o último fecho das suas mãos e levantou-se. "Ela vai ficar bem por sua causa."

Ela caminhou até o final da cama, suas costas para o espelho, para seu pai e descansou as mãos nos seus tornozelos.

Turner a observava com os olhos semicerrados. *Você tem certeza que quer fazer isto?*

Ele não machucará Kiera, mas machucará você. Ela soltou a primeira fivela e depois a segunda. Um som atrás dela fez seu coração perder um batimento. Ela soltou rapidamente as duas últimas fivelas e virou-se para encarar o olhar furioso do seu pai.

Seu pai olhou para as restrições soltas e gritou, "O que você está fazendo?"

Turner saiu da cama em um movimento atrapalhado e letárgico enviando a bandeja de metal e seu conteúdo voando.

Seu pai pegou a pistola do seu coldre e apontou para as costas de Turner.

Riley gritou. Sem pensar, ela agarrou uma tesoura alongada que ainda estava girando no chão aos seus pés. Com a tesoura firme na sua mão, ela correu para seu pai. Ela abaixou a tesoura com uma investida brusca, enterrando-a profundamente no lado do seu pescoço.

Ele largou sua arma e caiu de joelhos. Ele agarrou a tesoura e a retirou, jogando-a no chão. Um suspiro ficou preso na sua garganta e seu rosto ficou tenso. Ele segurou a mão contra a ferida, mas o sangue escorria através dos seus dedos. Seus dentes cerraram e em seguida entreabriram-se em um grito que ressoou das paredes azulejada. Ele caiu de lado, a boca abrindo e fechando.

Turner cambaleou até Riley e a puxou contra o seu peito.

"O que-o que você fe-fez?" Os olhos do seu pai estavam arregalados com medo e traição.

Sangue acumulava-se ao redor dele, tornando os azulejos vermelhos. Ele exalou uma última vez.

Ácido queimou sua boca e continuou pelos seus pulmões. Ela cambaleou para frente e atrapalhou-se para sentir um pulso. Ela afastou a mão como se queimasse, os dedos manchados com seu sangue.

"Eu o matei."

"Riley." Turner a afastou pelos ombros. Seu nome soou quebrado nos seus lábios. Ele a obrigou a desviar o olhar do corpo, abraçando-a com força contra o seu peito. Ela tremia nos seus braços. "Logo haverá guardas aqui. Temos de nos mover."

Seu corpo tinha ficado entorpecido. Ela pressionou a mão no peito, onde uma dor aguda parecia perfurar seu coração, quebrando-o em um milhão de pedaços. Tanta dor não deveria ser possível sem uma ferida aberta. "Eu-Eu o matei," ela repetiu, insegura.

"Eu sei, querida." Ele a puxou com mais força, afastou o cabelo do seu rosto e beijou sua testa. "Obrigado por me proteger."

Ela agarrou-se a ele, seu corpo tremendo. Seu pai tinha torturado, matado e destruído mais vidas do que Riley poderia contar, mas ela nunca imaginou que seria a sua própria mão que acabaria com a vida dele.

Turner enrijeceu como se intensamente ciente do perigo que se aproximava. "Há guardas no corredor. Você está pronta para isto?"

Ela assentiu e ele a soltou, movendo-se para pegar a arma descartada do seu pai. Eles não poderiam mais usá-la como uma vantagem, não depois que ela matou o único homem que a manteve viva. Eles teriam de lutar para sair.

"Merda," o olhar de Turner balançava entre as duas portas. "Fique atrás de mim."

As duas portas abriram e vários pistoleiros entraram. Turner manteve sua arma erguida, mas de maneira nenhuma ele poderia lutar contra todos eles. Suas costas estavam para a parede, o corpo do seu pai uma proteção entre eles e os guardas.

"Abaixe sua arma." Foi um homem mais velho quem falou, sua voz lamuriosa, os olhos afiados e apontados para Turner.

Turner rosnou. "Afastem-se e larguem suas armas, a não ser que vocês queiram ver suas entranhas penduradas no maldito teto."

Puro terror tomou conta de Riley, não por si mesma, mas por Turner. Ela sabia sem sombra de dúvida que ele lutaria até o seu último fôlego para protegê-la e de maneira nenhuma ele venceria esta luta.

O cientista que tinha realizado a punção lombar em Turner entrou na sala e dirigiu-se ao guarda sênior. "Circe quer falar" — ele acenou com a cabeça para Turner — "com ele."

As sobrelanceiras do guarda franziram em uma careta profunda. Ele olhou de volta para Turner e fez uma cara feia. "Abaixe sua arma agora."

"Saia do nosso caminho." A voz de Turner retumbou com um rosnado. Suas palavras estavam envenenadas com poder primitivo suficiente que ela viu os guardas hesitarem e mudarem de posição de maneira desconfortável, mas suas armas permaneceram apontadas para ele.

Riley colocou a mão nas suas costas e jurou que poderia sentir o leão vibrando sob a sua pele. "Você não pode vencer isto."

"Ela está certa, filho." Os guardas se afastaram, permitindo que uma mulher de meia idade entrasse na sala. Ela usava um terninho preto e seu cabelo escuro estava puxado para trás em um coque firme. Seus olhos azuis prateados olharam rapidamente para o corpo sem vida, em seguida fixaram-se em Turner.

A respiração de Riley ficou presa na sua garganta quando ela reconheceu a mulher da foto na sala de estar de Turner. Um arrepio percorreu a carne de Riley.

"Abaixe a arma, Turner," a mulher disse baixinho, perigosamente.

Turner abaixou a arma lentamente enquanto ficava boquiaberto e ele estremeceu visivelmente. "Mãe?"

O sorriso da mulher era uma sombra cruel de carinho maternal. "É bom vê-lo de novo, filho."

Capítulo 20

Turner alcançou a mão de Riley, endurecendo sua pegada quando ele sentiu sua própria confusão e medo refletidos nos seus pensamentos. Por mais que ele quisesse confortá-la, ele não conseguia impedir que seu próprio corpo tremesse. Que diabos estava acontecendo?

A mulher que usava o rosto da sua mãe deu um pequeno passo à frente. "Sinto muito que eu tenha de vir até você assim, mas quando meus homens me alertaram sobre o que aconteceu " —ela olhou para o corpo de Boyd e deu um aceno simpático de cabeça — "Soube que não poderia adiar mais nossa reunião."

Turner abria e fechava a boca, mas nenhuma palavra saía. O que ele deveria dizer? Ele puxou Riley mais para perto.

Sua mãe levantou a mão. "Abaixem suas armas, senhores. Meu filho não representa nenhuma ameaça." Seus olhos azuis fixaram-se com firmeza em Turner. Foi mais uma pergunta do que uma afirmação.

Ele deu um rápido aceno de cabeça e os guardas abaixaram suas armas. Arrepios percorreram sua pele, os músculos enrijeceram e ele lutou contra as emoções acumulando-se no seu peito. Sua mãe estava viva. Mas não apenas viva, ela estava de alguma maneira ligada ao homem que ele esteve caçando por anos. O homem que Turner acreditava que a sequestrou e matou.

"O que você está fazendo aqui?" A pergunta saiu dos seus lábios antes que ele pudesse impedir, os dedos apertando a arma na sua mão.

Por um breve momento, sua expressão tornou-se feroz, em seguida suavizou de novo. "Haverá tempo para perguntas e respostas mais tarde. Venha," ela estendeu a mão para Riley, seu semblante quase maternal, mas o tom mecânico na sua voz fez os pelos na parte de trás do pescoço de Turner arrepiarem. "Pobrezinha. Você deve estar extremamente triste. Deixe-nos limpá-la e depois podemos nos conhecer melhor."

Um leve gemido soou na garganta de Riley. Ela olhou para ele, seus olhos grandes e vidrados. *O que está acontecendo?*

Não faço nenhuma ideia. E ele não fazia, mas sabia que tinha de tirar Riley da sala e para longe do corpo do seu pai. Ele podia senti-la empalidecendo rápido e estava surpreso que seus joelhos já não tivessem cedido.

Mantendo Riley segura ao seu lado, ele permitiu que sua mãe os conduzisse para fora da sala. Um milhão de perguntas percorria sua mente, mas ele não conseguia pensar em uma explicação lógica que explicaria o que sua mãe estava fazendo com Boyd.

Circe. Os guardas a tinham chamado pelo seu pseudônimo. Um pseudônimo que sugeria que, de alguma maneira, ela era responsável pelas recentes transformações aleatórias. Não era possível. Era? Ele olhou de soslaio para a mulher que ele tinha chamado de mãe e uma dor começou no seu peito.

Ela estava mais velha do que ele se lembrava. Havia rugas ao redor dos seus olhos e boca e seu cabelo escuro estava entremeado com fios de prata, mas era o mesmo rosto que o confortava quando criança e, no entanto, havia uma escuridão atrás dos seus olhos que ele nunca tinha notado antes — talvez sempre esteve lá e ele apenas nunca quis ver.

"Aqui estamos." Sua mãe colocou uma mão bem cuidada no braço de Riley enquanto um dos guardas abria a porta para uma grande suíte. "Vá descansar. Conversaremos mais no jantar."

Riley olhou para ele, seu rosto tenso com tristeza e indecisão.

"Vou ficar com ela," Turner disse.

Ele podia ver a desaprovação nos olhos da mulher, mas ela apenas sorriu e inclinou a cabeça. "Mandarei alguém buscá-los quando o jantar estiver pronto."

Turner estremeceu com o peso do seu olhar. "Obrigado."

Um sorriso fraco esticou-se pelo seu rosto, ela assentiu e em seguida virou-se, deixando dois homens para trás para vigiar a porta.

Riley soltou sua mão e entrou em silêncio no quarto, deixando-o olhando para o vulto da sua mãe se afastando. Havia uma pequena parte dele que queria ir atrás dela. Após tantos anos, ele não queria perdê-la de vista, caso ela desaparecesse de novo. Mas Riley precisava dele e ele foi honesto consigo mesmo que ele também

precisava dela. Sua mãe estava certa, haveria tempo para respostas — ele garantiria isto.

Turner rosnou para os guardas, satisfação formando-se no seu peito quando ele sentiu seu medo e o cheiro leve de urina quando passou por eles. Ele bateu a porta, empurrou o ferrolho no lugar e soltou um suspiro áspero.

Apesar da intensidade das suas próprias emoções, ele estava bastante ciente do desespero e do medo que assolavam dentro de Riley. Ela sentou-se abatida na beirada da cama. Ele colocou a arma que carregava em uma mesa de canto e caminhou até ela. O desejo de protegê-la, acalmar sua dor, ignorava as suas próprias necessidades.

Em um movimento rápido, ele a pegou no colo e a carregou para o banheiro. Ele conseguiria suas respostas, mas primeiro precisava cuidar da sua companheira.

Capítulo 21

"O que você está fazendo?" O corpo de Riley estava mole contra o seu, sua voz uma casca do que normalmente era.

Turner beijou sua testa e concentrou-se em usar o pouco de energia que ele tinha para envolvê-la em um casulo de calor. Ela gemeu no seu peito, enterrando o rosto na sua camisa.

"Limpendo você, querida." Ele ligou o chuveiro e deixou a água aquecer enquanto ele a despia. Ele observava seu rosto e falava baixinho enquanto tirava as suas próprias roupas. Não importava as palavras que ele falava, só que ele continuasse se conectando com ela assim ela não se fecharia completamente.

Ele a levantou para o chuveiro enorme e ela soltou um gemido suave quando o jato de água quente caiu em cascata sobre seus corpos. Turner esfregou o sangue seco das duas mãos e a água aos seus pés ficou rosa.

Apesar do calor, ela estremeceu contra ele. Ela olhou para ele, os olhos verdes assombrados e ele sentiu seu peito apertar. Ele afastou o cabelo vermelho úmido para longe do seu rosto. Ela ainda não tinha chorado e isto o assustava muito.

"Você pode se soltar agora," ele disse baixinho, passando o polegar ao longo do seu rosto. "Você vai ficar bem."

Ela fechou os olhos e soltou um longo suspiro trêmulo. "Ele está realmente morto."

Turner assentiu.

"Não sei o que eu deveria sentir." Ela mordeu o lábio e estudou suas mãos que estavam fechadas no seu peito. "Apenas me sinto entorpecida."

"Você está em estado de choque."

"Eu o continuo vendo, sua arma apontada para você. Eu pensei..." Um soluço fraco escapou da sua garganta acompanhado pelas lágrimas que ela tinha reprimido. "Pensei que ele iria matá-lo."

"Eu sei. Você estava me protegendo." Ele inclinou seu queixo, obrigando-a a olhar para ele. "Obrigado."

Ela engoliu respirações minúsculas e ele sentiu a força deixar seu corpo. Ele a segurou aconchegada contra ele até que suas lágrimas diminuíssem.

Desligando a água, ele puxou uma toalha grande da prateleira e passou ao redor dos seus ombros. Ele secou seu cabelo com a toalha, em seguida a pegou no colo e carregou até a cama king size. Ele engatinhou atrás dela e posicionou-se de modo que suas costas descansavam no peito dele.

Eles ficaram em silêncio por vários minutos.

Riley entrelaçou seus dedos com os dele. "Então. Aquela era sua mãe."

Ele reprimiu o desejo de rir do absurdo da situação. "Sim."

"E ela estava trabalhando com ...meu pai?"

"Parece que sim."

Riley assentiu fracamente. "Ela não teria permitido que meu pai atirasse em você."

Ele encolheu-se com a conclusão que ele já tinha chegado. Boyd o teria matado sabendo que ele era filho de Circe? "Não sei."

Ela suspirou bruscamente.

"Nada sobre esta situação é culpa sua, Riley." Ele a envolveu mais profundamente no seu abraço de modo que sua boca estava no seu pescoço. "Não importa o que aconteça, a culpa não é sua."

Seus dedos apertaram ao redor dos dele. "Apenas gostaria que eu pudesse voltar a uma época quando tudo fazia sentido."

Alguma vez houve uma época na sua vida quando as coisas fizeram sentido? Segurar Riley nos seus braços era a única coisa deixando-o com os pés no chão, impedindo que ele deixasse eu animal solto para procurar pelas respostas que ambos mereciam.

Ele roçou os lábios na sua têmpora e sussurrou, "Tente descansar." Eles precisariam da sua força se pretendiam encontrar uma maneira para sair deste inferno.

Capítulo 22

Os homens de Circe vieram por eles um pouco depois das sete. Com membros pesados, Riley se vestiu. Ela observava Turner pairar pelo quarto, seus músculos contraídos firmemente sob o tecido fino da sua camiseta e calça de estilo hospitalar que os guardas tinham fornecido. Ele esfregou os dedos pelo cabelo escuro, deixando-o em pé.

Tensão engrossava o ar ao redor deles. Ela colocou uma mão no seu braço, fazendo com que ele parasse e olhasse para ela. A rigidez na sua expressão pareceu derreter enquanto seu olhar a absorvia e Riley teve certeza que seu coração perdeu vários batimentos antes que ela finalmente deixasse sua mão cair, interrompendo a conexão.

Ele rosnou e a puxou contra o seu peito em um abraço duro. Ela estremeceu quando seus lábios pressionaram nos dela em um beijo exigente. Ele gemeu avidamente, sua pegada apertando seus quadris, esfregando seu comprimento já duro nela. Ela choramingou com a excitação instantânea que fluiu através dela e abriu a boca para a sua língua exigente.

Ele afastou-se, sem fôlego.

Apesar de tudo que tinha acontecido e a precariedade da sua situação, ela sabia uma coisa: ela estava se apaixonando por ele, *com força*.

"Deveríamos ir," ela disse, a voz tremendo, rouca com desejo.

"Certo." Ele esfregou as mãos no rosto e exalou de modo errático. Ele retribuiu seu sorriso e estendeu a mão. "Vamos conseguir algumas respostas."

Quatro guardas armados, dois na frente e dois atrás deles, os conduziram através de uma série de corredores até um velho elevador, que os levou para cima vários andares. Havia uma ala inteira do prédio que Riley não tinha visto antes. Era completamente separada da ala médica sem janelas e dormitório onde ela estava ficando. Riley estava começando a suspeitar que eles não estavam em um prédio como ela tinha pensado inicialmente, mas em uma casa velha e enorme.

Os corredores se transformaram de paredes estéreis e caiadas para pisos de mármore em estilo Vitoriano e paredes e tetos de madeira de cerejeira. Eles foram conduzidos a uma grande sala de jantar elegantemente projetada. Um candelabro enorme pendia acima da mesa de madeira escura. Uma lareira enorme ardia no canto mais distante da sala. Janelas do teto ao chão revestiam um lado da sala, cobertas com grossas cortinas de veludo.

Riley espiou o céu escurecendo. Era a primeira visão do mundo exterior que ela tinha visto em dias. Ela começou a caminhar em direção à janela, mas um guarda a agarrou pelo ombro, parando-a.

Turner rosnou e agarrou o guarda pelo colarinho da sua camisa, empurrando-o para trás. "Não coloque suas mãos nela."

Imediatamente os outros homens tinham suas armas sacadas e apontadas para Turner.

"Isto será o suficiente." A mãe de Turner apareceu na porta. Ela bateu as mãos, em seguida fez um gesto desdenhoso para os guardas. "Deixe-nos."

Os homens encararam furiosamente Turner antes de se retirarem da sala.

"Parece que meu filho tem uma veia possessiva no que diz respeito a você." Circe caminhou até eles, sua postura rígida, reservada. Seus lábios se curvaram no que pareceu mais uma careta do que um sorriso. "Ele era assim comigo quando era um menininho. Sempre o protetor." Ela inclinou a cabeça e estudou Riley. "E, no entanto, ele ainda não a marcou, embora seu leão a tenha nitidamente reivindicado. Por que disto?"

Riley ficou boquiaberta. Ela fechou a boca, mordendo a língua.

Turner colocou a mão de maneira possessiva no ombro de Riley e um resmungo baixo reverberou do seu peito.

Sua mãe estalou a língua. "Sempre tão sensível. Igual ao seu pai." Ela deu as costas para eles e caminhou até a grande mesa da sala de jantar, passando os dedos compridos e bem cuidados ao longo da borda brilhante. "Eu sabia que o homem era extremamente emotivo, mas tirar sua própria vida e deixá-los para se defenderem..." Ela balançou a cabeça e, por um momento, Riley pensou que viu tristeza genuína nos olhos da mulher. "Por isto, eu sinto muito."

Turner encolheu-se como se a mulher o tivesse golpeado. "Pai era seu companheiro."

Ela riu e suas feições endureceram. "As coisas nem sempre são tão brancas e pretas como você quer que elas sejam, meu querido."

"Então explique para mim, porque neste momento não consigo pensar em um maldito motivo que faria você deixar sua família." Turner rosnou, expondo os dentes. "Você estava trabalhando para Boyd todo este tempo?"

Circe suspirou, cansada. "Richard Boyd era um amigo." Ela deu um sorriso de simpatia para Riley. "Nem sempre concordei com suas ... técnicas, mas ele era um homem brilhante."

Uma veia pulsou com violência na têmpora de Turner. Ele deu um passo à frente, as mãos cerradas em punhos.

Ele bateria na sua própria mãe? Riley não queria descobrir. Ainda havia muitas perguntas sem respostas.

"Ele torturou e matou centenas de pessoas inocentes," Riley disse, colocando a mão no braço de Turner.

"Como eu disse, nem sempre concordei com seus métodos."

"Então você trabalhava para ele?" Riley perguntou.

"Não, minha querida, seu pai trabalhava para mim."

"Você?"

"Por anos acreditei que ele a sequestrou. Que você foi uma das suas ... vítimas."

"Sempre tão teimoso," Circe murmurou, sentando-se na cabeceira da mesa. "Tentei protegê-lo de si mesmo, mas você simplesmente não deixaria para lá. Mesmo quando orquestramos a morte de Richard, você ainda se agarrava a crença que ele estava vivo."

Riley respirou fundo. "Você orquestrou sua morte?"

"Por quê?" Turner perguntou.

"Você estava muito perto de descobrir a verdade. Mas não deixaria para lá. Há somente um tanto que uma mãe pode fazer para proteger seu filho." Havia uma advertência nítida no tom de Circe.

Um barulho alto e irregular soou no lado de fora da janela ao mesmo tempo em que um homem mais velho, em um terno escuro, entrou na sala.

O homem pigarreou, os olhos escuros fixos em Turner. "É hora. Eles estão quase aqui."

Circe levantou-se e passou as mãos sobre a saia. "Gostaria que nossa visita pudesse ser prolongada, mas temo que seu irmão tem sido persistente na sua busca por você."

Turner semicerrou os olhos e deu um passo na sua direção. "Não posso deixá-la ir."

Antes que ela pudesse piscar, Riley tinha uma arma apontada para sua cabeça. O homem mais velho lambeu os lábios. "Nem mais um passo ou colocarei uma bala na cabeça da garota."

Turner empurrou Riley atrás dele.

"Estou lhe dando outra chance, filho. Vá, viva sua vida. Pare com esta besteira de procurar fantasmas que não querem ser encontrados."

"Mesmo se eu fizesse isto, o Conselho Therian não permitiria que você escapasse assim. Se eles a encontraram uma vez, eles a encontrarão de novo."

Circe sorriu com malícia. "Eles me encontrarão quando eu quiser ser encontrada."

"*Eu a encontrarei.*" Sua voz foi uma promessa resmungada, baixa e profunda, de vingança.

"Tão parecido com seu pai." Ela balançou a cabeça e olhou para ele como se ele fosse uma criança petulante digna de uma repreensão. Com um suspiro, ela virou-se na direção da saída. Antes que ela a alcançasse, ela parou. "Oh, e Riley..." Ela olhou por cima do ombro. "Parece que a condição da sua irmã melhorou. Vocês têm vinte minutos antes que a instalação médica se auto imploda." Ela deu um olhar severo para Turner. "Se você tem alguma esperança de salvar a garota, é melhor sair agora."

O estômago de Riley deu uma cambalhota e ela pensou que seu coração poderia quebrar sua caixa torácica.

Turner praguejou veementemente enquanto Circe e seus homens armados desapareciam. Ele começou a ir atrás deles.

"Deixe-a ir," Riley implorou, segurando-o quando ele tentou passar por ela. Ela podia ver a dor e a raiva nos seus olhos, o animal arranhando para sair, mas ela precisava dele. Ela bateu no seu braço com força e sua cabeça virou bruscamente para ela. "Você ouviu sua mãe. O prédio tem explosivos e Kiera ainda está em algum lugar naqueles túneis."

Outra série de palavrões rasgou da sua garganta. "Fique aqui. Vou encontrá-la."

"De maneira nenhuma. Vou com você."

Ele rosnou exasperado, mas felizmente não tentou discutir com ela. "Vamos," ele murmurou, agarrando sua mão e puxando-a atrás dele. "Você sabe em qual sala ela está?"

"Vinte e seis B."

Os corredores estavam vazios assim como os laboratórios de pesquisa e salas médicas.

Turner abriu a porta e Riley deixou escapar um pequeno grito de alívio com a visão do corpo pequeno de Kiera em uma maca no centro da sala. Uma solução endovenosa estava ligada a uma das suas mãos e seus pulsos estavam presos à cama. Seus olhos estavam fechados, mas seu peito subia e descia com uma respiração constante.

"Kiera." Riley correu para o lado da sua irmã. Ela passou a mão sobre a testa de Kiera, afastando o cabelo escuro do seu rosto.

"Ajude-me a desamarar isto," Turner disse, desafiavelmente uma das correias do pulso. "Se minha mãe estava dizendo a verdade, não temos muito tempo restando."

Riley trabalhou no outro fecho e removeu com gentileza a solução endovenosa. Turner passou o cobertor ao redor do corpo de Kiera e a levantou da cama. Nos seus braços, Kiera parecia pequena e frágil, mas nunca na sua vida Riley esteve tão aliviada. Ela enxugou as lágrimas dos olhos. Agora não era o momento de ser sentimental.

"Vamos," Turner rosnou.

Eles estavam no poço do elevador quando a primeira explosão soou. As vibrações sacudiram o elevador. Riley foi arremessada para frente, batendo a cabeça. As luzes apagaram, em seguida acenderam de novo, mas eles continuaram subindo. A porta abriu alguns segundos depois.

Eles foram arremessados no grande vestíbulo quando a segunda explosão detonou abaixo deles.

Pedaços de gesso e sanca caindo do teto.

"Cubra a cabeça," Turner gritou, aconchegando o corpo flácido de Kiera no seu peito. "Há uma saída à frente."

Eles correram. Outra explosão fez os pisos de mármore ondularem sob seus pés. Fumaça e poeira ofuscaram sua visão. Ela tossiu e esfregou seus olhos ardentes.

"Fique perto de mim," Turner rosnou.

Riley pegou a bainha da sua camisa e tinha acabado de agarrá-la quando o material foi arrancado da sua mão e ela foi empurrada de lado. Dor cortou através da sua perna e ela engoliu um grito. Outra série de explosões balançaram o prédio.

"Dê o fora daqui," Riley gritou quando Turner começou a voltar na sua direção.

Ele ignorou seus protestos. "Não vou deixá-la."

De maneira dolorosa, ela usou seu corpo como uma muleta e mancou a distância restante até a porta.

Eles saíram para o ar livre e Riley respirou fundo. Ela levantou o braço, cobrindo os olhos, quando o brilho dos faróis a cegou. Vozes soaram ao redor dela, gritando ordens. Braços fortes que não eram os de Turner passaram ao redor do seu ombro, afastando-a do cheiro de escombros queimando.

Riley olhou desesperadamente ao redor procurando por Turner, mas tudo era um borrão. Parecia que uma das explosões tinha sido detonada no seu cérebro e seus olhos não permaneceriam focados em nada.

Seus pés foram erguidos do chão e ela deu um grito.

"Vai ficar tudo bem." Chase a segurava. Uma careta marcava sua testa enquanto ele passava a mão sobre a testa dela. "Você tem um corte bem feio na testa."

"Turner?" Sua voz era um grasnado áspero e doloroso.

"Ele está bem."

Eles estavam em segurança. O pesadelo acabou e tudo que Riley queria fazer era dormir, fechar os olhos contra a dor penetrante que a cegava. Ela descansou a cabeça no seu peito e deixou a escuridão envolvê-la.

Capítulo 23

"Acorde," Turner rosnou baixinho na orelha de Riley.

Ela piscou. A luz brilhante do quarto irritou seus olhos fazendo sua cabeça latejar. O rosto de Turner entrou em foco e um suspiro audível escapou dos seus lábios. Era errado que somente a visão dele fizesse todo o resto cair no esquecimento?

Seus olhos cinzentos estavam cheios de preocupação. Sujeira manchava seu rosto e havia um pequeno corte acima de uma sobrancelha. Ela estendeu a mão e tocou as suíças do seu rosto.

Riley engoliu de maneira dolorosa. Onde ela estava? Ela olhou ao redor do quarto desconhecido. Algum tipo de instalação médica.

"Você está segura," ele disse baixinho, acariciando seu rosto.

Ele inclinou-se, beijou sua testa, a ponte do seu nariz e depois deixou seus lábios roçarem de leve na sua boca. Ela fechou os olhos e deixou que seu calor a cercasse, a confortasse.

"Você se lembra do que aconteceu?" ele perguntou contra os seus lábios.

Ela abriu os olhos e o encontrou observando-a com uma expressão cuidadosa.

Ela tocou a atadura na sua testa e estremeceu. "Kiera?" ela disse com a voz estridente, a garganta em carne viva. Ela tentou se sentar. Sua cabeça girou. "Preciso vê-la."

Turner deslizou um braço ao redor da sua cintura para firmá-la. "Devagar."

"Onde ela está?"

"Ela está sendo monitorada. Houve algumas ...complicações e Jacob achou melhor mantê-la em isolamento até que sua condição estabilize."

Riley balançou a cabeça e empurrou Turner. "Não me importo, quero vê-la." Ela saiu da cama e uma dor aguda atravessou seu tornozelo. Ela respirou fundo através dos dentes.

"Maldição, Riley." Ele a pegou no colo.

"Posso caminhar."

Ele respondeu com um rosnado, endureceu sua pegada e a carregou para fora do quarto. O corredor continha paredes de tijolos caiadas e portas de aço. Ela estremeceu com o ambiente estéril.

"Onde nós estamos?"

"Estamos na Sede da Agência Therian." Ele parou na frente de uma das portas e colocou o polegar em um scanner na parede. Ele praguejou quando a porta não abriu. "Maldição, Jacob." Ele bateu na porta.

Após alguns instantes, a porta abriu e um homem de cabelo escuro, extremamente grande com olhos dourados hipnotizantes aguardava por eles no outro lado.

Turner olhou com cara feia para ele. "Sério?"

O homem se levantou e abaixou os ombros enormes, um sorriso convencido brincava nos seus lábios, em seguida ele voltou seu olhar misterioso para Riley. "Olá, Riley. Sou Jacob Oliver."

Riley balançou-se nos braços de Turner até que ele a colocou no chão, embora ele mantivesse um braço passado com firmeza ao redor da sua cintura.

"Você está com minha irmã?"

Jacob inclinou a cabeça e a estudou, seu olhar simpático. "Ela está sendo monitorada. É melhor deixar seu corpo curar."

Riley queria gritar em frustração. Eles estavam escondendo algo dela. "Quero vê-la agora."

"Apenas conte para ela," Turner rosnou, os dedos enterrando no seu quadril. "Ela já passou por muita coisa. Não faz sentido esconder dela."

"Apenas quero a verdade. Kiera está bem?"

"Ela teve uma série de recaídas," Jacob disse, sua voz estranhamente calma.

"Recaídas?" Riley repetiu.

"O tratamento que Boyd..." Jacob pigarreou. "Que seu pai administrou parece ser... instável. Ela não conseguiu manter sua forma humana e a transformação constante causou um pequeno inchaço no seu cérebro. Até que compreendamos como ajudá-la, nós a colocamos em um coma induzido."

Turner agarrou sua mão e apertou com gentileza. Riley segurou, agradecida pela sua força.

Jacob deu-lhe um sorriso fraco. "Ela não está em nenhum perigo imediato e prometo que estamos fazendo todo possível por ela." Ele deu um olhar severo para Turner. "Sugiro que vocês vão para casa e durmam um pouco. Ligarei assim que tivermos quaisquer novidades."

Riley queria discutir, mas havia uma severidade na expressão de Jacob que a impediu. Ela recostou-se em Turner, agradecida que ele estivesse com ela. Ela não queria deixar Kiera, mas não havia mais nada que ela pudesse fazer por ela no momento.

Jacob atravessou a sala e abriu a porta. "Leve sua companheira para casa, Turner. Vamos discutir sua suspensão em outro momento."

Turner rosnou e seus olhos semicerraram enquanto ele observava Jacob sair pela porta.

"Suspensão?" Riley perguntou, ignorando o comentário sobre *companheira*. Ela estava muito sobrecarregada para pensar sobre as consequências do que isso significava.

Turner deu um encolher de ombros evasivo. Um ligeiro sorriso contraiu seus lábios e seus olhos cinza prateados brilhavam à meia-luz. "Vamos para casa."

Casa? Ela ainda tinha uma casa?

Ele não lhe deu a oportunidade de pensar sobre isto. Mais uma vez, ele a pegou no colo. Quase de maneira instintiva, seus braços passaram ao redor do seu pescoço. Ela ficou imóvel e sem fôlego quando seu olhar se fixou no dela. Seus olhos estavam sérios, cheios de promessas que fizeram sua pele formigar. Ela não conseguiu perder a fome intensa na sua expressão.

"Turner," ela sussurrou, culpa excedendo seu desejo de entregar-se a ele. Para lhe dar tudo.

Sua boca aproximou-se da dela, de modo que ela pudesse sentir seu hálito quente quando ele falou. "Deixe-me cuidar de você."

Ela suspirou. Como ela poderia discutir com isto?

Capítulo 24

Apesar da insistência de Riley que ela poderia caminhar, Turner a ergueu do SUV e a carregou através da garagem. Ele a sentiu ficar tensa quando eles passaram pelo canto escuro onde Boyd atirou nele. Ela enterrou o rosto no seu peito e ele a abraçou com força até que eles estavam em segurança no seu apartamento, as portas do elevador fechadas em segurança atrás deles.

"Continuou vendo seu rosto," ela sussurrou, a voz abafada. "Nas sombras. Quando fecho meus olhos. Aqui, nesta sala."

Com gentileza, ele a colocou em pé no chão, mantendo-a aconchegada no seu corpo. "Acabou agora."

"Acabou?" Ela olhou para ele, seus olhos assombrados, as mãos fechadas no seu peito. "Algum dia isto acabará?"

Ele suspirou profundamente e balançou a cabeça. Enquanto ela estivesse ligada a ele, ele sabia que para ela isto nunca acabaria — não para ela. Seu peito apertou quando a verdade o atingiu. Como ela poderia olhar para ele e não ver o sangue do seu pai nas suas mãos, o sofrimento da sua irmã? Ele era um lembrete constante de tudo que ela tinha perdido.

Ele suspirou e pressionou os lábios no alto da sua cabeça. "Não sei."

"Apenas quero esquecer."

Isto era a única coisa que ele poderia ajudá-la a fazer. Pelo menos por um curto período de tempo. "Beije-me, Riley."

Ela passou os braços ao redor dos seus ombros em uma pegada desesperada, segurando-se nele como se sua vida dependesse disso. Algo dentro dele desabou. Uma necessidade profunda e primitiva de protegê-la, de ser tudo para ela.

Seu sofrimento tornou-se dele. Suas necessidades, a única coisa que importava.

Ela ergueu o queixo, com expectativa.

Ele abaixou os lábios até os dela, passando as mãos pelas suas costas. Sua boca abriu para a língua dele e ele gemeu quando o sabor dela preencheu seus sentidos. Ela arqueou contra ele e

encontrou seu beijo com um desespero que enviou luxúria ondulando até sua virilha. As mãos dela entrelaçaram no seu cabelo e ela girou os quadris nele. Fazia muito tempo desde que ele a tocou e ele cerrou os dentes, lutando pelo controle. Se não tivesse cuidado, ele arrancaria suas roupas e estaria dentro dela antes que eles alcançassem seu quarto.

A veia pulsando no seu pescoço chamava por ele, implorando que ele a mordesse, a marcasse e a fizesse dele. Ele passou o polegar ao longo da pele delicada. Seu animal caminhava, empurrando-o para pegar o que ele queria.

"Quero você," ele rosnou nos seus lábios inchados.

Ela choramingou em resposta, mas ele sabia que ela não compreendia a extensão do quanto ele a desejava, precisava dela. Ele poderia fazê-la compreender. Uma mordida e os hormônios de acasalamento se espalhariam através do seu organismo, fazendo com que ela o desejasse tanto quanto ele ansiava por ela.

Ele não faria isto com ela. Não até que ela realmente compreendesse o que significava ser marcada, estar acasalada. Ele permitiria que ela fosse embora antes de forçar esta sentença de morte sobre ela. Uma vez que o vínculo fosse criado, não havia nada que pudesse quebrá-lo, não importa o quanto ela desejasse.

"Turner." Seu nome era gentil nos seus lábios, implorando por mais.

Sua excitação era forte, mas era somente uma resposta hormonal. Pela primeira vez na sua vida, ele desejava algo diferente, algo mais. Algo que ele não sabia se Riley estava disposta a lhe dar.

Ele se afastou e a estudou. Um sorriso suave brincava nos seus lábios quando ela olhou para ele. Uma série de emoções rodopiava atrás dos seus olhos verdes: incerteza, desejo, tristeza, esperança. Se ele sentia ou via isto, ele não sabia. Ele só sabia que a mulher agarrou um pedaço da sua alma e o fez desejar coisas que ele não sabia que queria.

Ele cerrou a mandíbula, lutando contra o desejo de marcá-la, o rosnado instintivo dentro do seu peito que exigia tudo dela.

Seus dedos desceram pelo seu peito e brincaram com a bainha da sua camisa. Ele sabia o que ela queria, o que ela era tímida demais

para pedir. Por algumas horas, ele poderia fazê-la esquecer, fazer a última semana desaparecer e a realidade não machucar tanto.

"Faça amor comigo," ela sussurrou, seu rosto corado.

"Não há nada que eu queira mais." Ele beijou a ponta do seu nariz e a pegou nos seus braços, carregando-a para o banheiro. "Mas primeiro, nós dois precisamos de um banho."

Ele ligou o fluxo pesado de água e dedicou seu tempo para despi-la, estudando cada centímetro do seu corpo perfeito. Havia hematomas escuros nos seus braços e pernas. Ele ajoelhou-se diante dela enquanto removia sua calça. Ele segurou seu tornozelo machucado nas mãos e abaixou a cabeça para passar os lábios sobre o inchaço.

"Eu poderia fazer isto se sentir melhor," ele murmurou, mais para si mesmo do que para ela. O hormônio do acasalamento curaria todas as lesões, mas isto não era um motivo para marcá-la.

"Você já faz," ela disse, sorrindo para ele. A água caía em cascata pelos seus seios e sobre a sua barriga, fazendo seu corpo brilhar. "Tudo parece melhor quando você está me tocando."

Ele rosnou, antecipação fazendo seu pênis contrair e deixando suas bolas quentes e pesadas. Ele mordeu e lambeu a parte interna da sua coxa, arrastando língua e lábios ao longo da carne sensível, fazendo-a ofegar de prazer.

As pernas dela estavam tremendo quando sua língua passou sobre o botão sensível, fazendo-a gritar. Seus dedos emaranharam no cabelo dele. Ela estremeceu contra ele, sua língua trabalhando até que ela estava à beira de perder todo o controle. Ela gritou seu nome e ele agarrou seus quadris enquanto empurrava a língua mais profundo, saboreando o gosto doce do seu orgasmo.

Ele a segurou firme quando seu corpo fraquejou contra o dele e ficou em pé, descartando as suas próprias roupas molhadas no canto do chuveiro.

Riley apoiou-se nele, os olhos fechados, a respiração irregular. Turner colocou xampu na sua mão e começou a esfregar o seu couro cabeludo, usando a espuma do sabão para esfregar a sujeira e a fuligem dos seus corpos. Quando eles estavam limpos, ele os secou e a carregou nua para seu quarto.

Ele afastou os cachos ruivos e úmidos para longe do seu rosto e a colocou na sua cama. Ela olhou para ele, seu olhar lânguido e cheio de desejo. Porra, ela era bonita. Ele tomou seus lábios com um gemido, o desejo avassalador para marcá-la, diminuído somente pelo desejo de possuir seu corpo e alma.

"Minha," ele rosnou enquanto seus dentes passavam pelo pescoço dela.

Sua. A única palavra foi empurrada para o seu cérebro. Ele não sabia se ela teve a intenção de projetar o pensamento, mas a palavra não dita enviou uma sensação de emoção pela sua coluna.

Ela estava onde pertencia... na sua cama, presa no seu abraço, sua boca idolatrando cada curva exuberante do seu corpo.

Ele moveu-se entre as suas coxas e gemeu quando sua carne escorregadia e doce envolveu a ponta do seu pênis grosso. Ela dilatou-se ao redor dele, permitindo que ele penetrasse mais profundo. Suas coxas abriram-se para ele, seus quadris arqueando, seus gemidos implorando por mais.

Seus mamilos estavam duros, rígidos, desejando que ele os tocasse. Seus lábios cobriram um, enquanto ela tocava o outro seio, acariciando a ponta com o polegar. Ela estava respirando com dificuldade, pesado. Ele mordiscou com gentileza seu seio e mergulhou mais profundo dentro dela. Ela gritou, jogando a cabeça para trás, os olhos fechados em êxtase enquanto ele acariciava mais profundo até que ele a preencheu completamente.

Ele ficou imóvel em cima dela, os músculos firmemente contraídos nas suas costas. Ele podia sentir o inferno se desenvolvendo, fazendo suas bolas apertarem debaixo do seu pênis. Ela arqueou debaixo dele e ele mordiscou seu queixo, depois o lambeu de maneira brincalhona.

Ela moveu os quadris, seu corpo implorando por mais. Turner lutava pelo controle. Ele queria prolongar o ato, mas podia sentir seu corpo pronto para traí-lo.

Suas unhas enterraram nos seus quadris, nas suas costas. Ele puxou para fora lentamente, de modo que somente a ponta ingurgitada do seu pênis a preenchesse. Ela gemeu como se com dor e ele empurrou de volta, mais profundo do que antes. Sua boca se

entreabriu e ele pressionou os lábios nos dela, pegando o grito de prazer que rasgou da sua garganta.

"Não se segure," ela implorou.

Ela contraiu com força ao redor dele quando ele empurrou para dentro dela de novo. Fragmentos de sensações rasgavam através dele. Seu olhar captou o dela enquanto ele bombeava mais duro, mais rápido. Seu rosto estava corado com desejo, os olhos semifechados.

Ele podia sentir seu orgasmo. O prazer dela envolveu seus sentidos como uma droga, como se ele estivesse ligado a ela mais do que apenas fisicamente, mas mental e espiritualmente. Seus caninos alongaram e ele podia provar o doce hormônio de acasalamento inundando sua boca.

Ele pressionou a boca na sua orelha e rosnou, "Você não sabe o quanto eu quero marcá-la neste momento."

Seus olhos arregalaram e ela mordeu o lábio inferior. Uma emoção sem nome passou pela sua expressão. Ela olhou para ele e ele bombeou com mais força, substituindo a expressão de incerteza com gemidos de prazer. Ele mergulhou nela, rápido e duro, até que ela estava sem fôlego e implorando pelo orgasmo.

Ele sentiu as primeiras ondas do seu orgasmo envolvendo seu pênis e rasgando seus sentidos.

"Marque-me," ela gritou, puxando sua cabeça para baixo, os olhos implorando, enquanto seu orgasmo ondulava através dela. "Faça-me sua."

Turner perdeu todo o controle. Ele rosnou e seus dentes afundaram na carne delicada enquanto uma erupção de calor incandescente o atravessou. Ele gemeu baixo e cansado, o prazer demais, o gosto dela intoxicante. Ele explodiu dentro dela, cada pulso do seu orgasmo combinado com seus pequenos espasmos.

Pelo que pareceu uma eternidade, ele perdeu a capacidade de respirar, pensar. Ele estava envolvido no casulo dos seus braços e mais nada importava. Ele lambeu a marca no seu pescoço. Se ela compreendia isto ou não, ela era dele.

Capítulo 25

Riley olhava para o seu reflexo no espelho do banheiro e tocou a marca no seu pescoço. O que ela tinha permitido que ele fizesse? Seu corpo tremeu com incerteza. Tudo que tinha acontecido na última semana parecia como um borrão quando ele a estava segurando, beijando. Não havia nenhum outro lugar que ela preferisse estar do que nos seus braços.

Ela passou os dedos pelos braços. Os hematomas e arranhados tinham desaparecido e seu tornozelo já não doía mais quando ela colocava todo seu peso sobre ele. E ela estava mais do que um pouco assustada. Não que algo a surpreendesse mais, mas por algum motivo surpreendia.

"Você está bem?" Turner perguntou, sua voz abafada no outro lado da porta.

Ela respirou profundamente e lutou contra o desejo de deixá-lo entrar. Sua presença a atraía como um ímã. Cada nervo no seu corpo gritava pelo seu toque. "Só preciso de alguns minutos."

Seus sentidos estavam aguçados e ela realmente podia sentir a presença de Turner, soube quando ele foi embora e em que direção. Ela sentia sua frustração, seu pânico crescente quanto mais ela ficava escondida no banheiro. Ela queria voltar, ficar enroscada na cama de Turner, seus braços ao redor dela, mas não conseguia controlar os dedos frios da ansiedade que rastejavam para seu peito e sua garganta.

Ela endireitou os ombros. Se ela conseguiu sobreviver a última semana, ela poderia lidar com seja o que esta coisa de acasalamento fosse. Ao abrir a porta do banheiro, ela respirou fundo e saiu para o corredor, sua presença chamando por ela como se um fio invisível os ligasse.

Ele estava em pé na sala de estar, suas costas viradas, olhando às cegas através das grandes janelas para a cidade abaixo. Ele usava uma calça de moletom que pendia baixo na sua cintura, mas suas costas estavam expostas, exibindo os músculos firmemente

contraídos. Maldição, como ela deveria se concentrar quando ele estava assim?

"Você realmente deveria colocar uma camisa," ela suspirou, esfregando os braços enquanto vinha ficar ao lado dele.

Ele deu um sorriso torto e puxou a camiseta enorme que ela usava. "Minha camisa está atualmente ocupada."

Ela sorriu com sua tentativa de aliviar o clima, embora pudesse ver a incerteza nos seus olhos e a tensão no seu rosto. Ela olhou pela janela e soltou um suspiro.

Ele empurrou o cabelo dos seus ombros e esfregou o polegar sobre a ferida sensível no seu pescoço. "Você quer falar sobre isto?"

Ela virou-se para ele, incapaz de resistir ao seu toque. "Você me marcou."

"Você me pediu," ele disse baixinho, segurando seu rosto e passando o polegar ao longo do seu lábio inferior, fazendo com que ela estremecesse.

Ela tinha mais do que pedido, ela tinha implorado. Até mesmo agora, com um único toque, ele a afetava de maneiras que enviavam todo seu organismo em um caos.

Ela olhou para o chão. "Meus hematomas desapareceram," ela disse, as mãos descansando instintivamente logo acima do cóis da sua calça de corrida, os dedos formigando com a sensação da sua pele. Sua respiração tornou-se áspera, sua excitação começando a crescer. Onde diabos estava o seu autocontrole? Ela abaixou as mãos. "Meu tornozelo também não dói mais."

Ele deixou a mão cair e permitiu que ela se afastasse. "É o hormônio de acasalamento. A primeira vez que ele entra no seu organismo, faz algo com seu metabolismo. Acelera o processo de cura." Ele encolheu os ombros. "Realmente não compreendo como isto funciona. Chasse poderia explicar melhor."

Ela se perguntou que outras mudanças estavam acontecendo dentro do seu corpo. "E esta ligação que temos, a maneira como eu posso ouvir seus pensamentos, é parte disto?"

"Normalmente não." Ele pegou um copo com um líquido âmbar da mesa de canto e tomou um longo gole. "Nunca ouvi sobre uma companheira humana tendo esta habilidade antes, especialmente não antes de terem sido marcadas."

"Meu avô era um Metamorfo. Talvez tenha algo a ver com isto."

Ele olhou para sua bebida franzindo o cenho. "Talvez."

"Então o que acontece agora?"

Ele esfregou a mão sobre a mandíbula, em seguida colocou o copo para baixo e voltou-se para ela, seu olhar firme. "Você vai morar comigo."

"Ôa." Ela estava de acordo em ficar com ele enquanto sua irmã estava sendo tratada, mas depois disto? "Isto é um pouco rápido, não acha?"

Ele deu dois passos longos até ela e a puxou para si de maneira possessiva. "Você é minha companheira. Você pertence comigo, aqui."

Uma percepção nervosa chiou ao longo da sua pele. Ela desviou o olhar por um segundo antes de olhar de volta para ele. "E se eu não quiser morar com você?"

Seu corpo inteiro ficou tenso. "Isto não é uma opção."

Riley não gostava para onde esta conversa estava indo. "Quem disse?"

O nó na sua mandíbula pulou e seus olhos semicerraram. "Eu digo. Você é minha agora..."

"Sua?" Uma mistura de emoções se agitou dentro dela. A emoção de ser reivindicada e possuída iam contra tudo que ela acreditava. Ela balançou a cabeça ferozmente. "Não sou algo para ser possuído."

"Não foi isto que eu quis dizer." Ele pegou sua mão e colocou no seu peito sobre o coração. "São tão seu quanto você é minha. Estamos acasalados agora. Não há como fugir disto."

"Isto é ridículo. Sua mãe deixou seu pai e..."

"E isto o matou," ele disse bruscamente, os olhos prateados brilhando.

Riley piscou para ele. "Você não pode estar falando sério. Ele cometeu suicídio, foi sua escolha..."

"Porque ele ainda acreditava que ela estava viva. Ele ficou louco de tristeza. Ele lutou contra seu animal e ele ficou feroz, destruiu-o de dentro para fora. Ele a amava, sim, mas era mais do que isto. Uma vez que você se acasala, suas almas estão acorrentadas uma a outra. Perdê-la o destruiu."

Um silêncio pesado preencheu o espaço entre eles.

Ela empurrou seu peito, tentando se libertar da sua pegada de aço. "Então você está dizendo que se um de nós for embora, vamos enlouquecer?"

Turner deixou as mãos caírem pesadamente ao seu lado e olhou para ela, a expressão furiosa, como se ao fazer a pergunta, de alguma maneira, ela o tivesse traído.

Ela engoliu em seco, odiando a dor que viu nos seus olhos, sabendo que ela a colocou lá. "Apenas quero saber como funciona."

"Você é *humana*." Seu tom foi frio, sucinto. Ele enfiou as mãos nos bolsos da sua calça de corrida e virou-se para a janela. "Você pode ir embora quando quiser."

Ela sentiu os muros construindo entre eles, mas precisava saber mais. "Não compreendo. Você disse..."

Um rosnado retumbou do seu peito. "Estava falando sobre companheiros Metamorfs. Você é humana," ele declarou bruscamente. Dentes brancos brilhavam perigosamente. "Você sentiria o puxão para voltar. O desejo físico de estar comigo, mas não é nada que você não consiga lidar. É o animal dentro de um Metamorfo que torna impossível ir embora." Ele inclinou a cabeça de maneira zombeteira. "É isto que você quer, Riley? Ir embora?"

Ele tinha distorcido suas palavras. É claro, ela não queria ir embora. Ela o desejava, mas tinha sua irmã, seu emprego, uma vida. Ela poderia voltar para estas coisas depois de tudo que aconteceu?

"Tudo aconteceu tão rápido," ela disse baixinho. "Apenas preciso de tempo para pensar."

Seu celular vibrou e ele o tirou do bolso, praguejando quando leu o texto. Ele grunhiu e esvaziou o resto da sua bebida, batendo o copo na mesa quando acabou. "Leve todo o tempo que precisar."

Ele desapareceu pelo corredor e retornou alguns minutos depois, completamente vestido.

"Você vai sair?" ela xingou, o desespero ouvido na sua própria voz.

Ele atravessou a sala pisando duro, sua mandíbula contraída, cada linha do seu corpo irradiando frustração. A respiração de Riley ficou presa na sua garganta quando as mãos dele seguraram sua cabeça e sua boca abaixou na direção dela.

Ele não a beijou, ele a devorou. Quando ele finalmente afastou seus lábios, eles estavam sem fôlego. Ele pressionou um beijo brusco na sua testa.

"Precisam de mim na Agência." Ele soltou os dedos do seu cabelo e deixou suas mãos deslizarem lentamente pelos braços dela. "Pedirei para Lora vir fazer companhia para você se eu não estiver de volta até amanhã."

Ela viu o fragmento rápido de medo que girou nos seus olhos e soube que ele estava escondendo algo dela. "Está tudo bem?"

Ele deu um sorriso forçado e caminhou em direção a porta. "Estará."

Capítulo 26

Turner entrou abruptamente na instalação médica onde Chase e Jacob aguardavam por ele, suas expressões sombrias. Eles estavam na sala cirúrgica, olhando através das janelas para a jovem na mesa. Luzes cirúrgicas iluminavam sua silhueta frágil, expondo os vários tubos e fios inseridos e presos ao seu corpo.

"Que porra aconteceu?" Turner disse bruscamente

"Onde está Riley?" A voz de Chase foi sucinta, desaprovadora, como se ele já soubesse a resposta.

"Na minha casa. Ela não precisa ver isto."

Jacob arqueou uma sobrancelha para Chase em um Eu-não-lhe-disse.

Chase xingou, as sobrancelhas franzidas em uma careta. "Ela precisa estar aqui. Não sabemos mais quanto tempo Kiera tem. Se ela não sobreviver..."

"Não vamos perdê-la," Turner rosnou.

"Ela já parou duas vezes," Jacob disse suavemente.

"Por que diabos você não me chamou mais cedo?" Turner passou os dedos pelo cabelo e fechou os olhos. Tinha de haver uma maneira para salvá-la.

"Tudo foi destruído na explosão," Jacob disse, olhando para a mulher sobre a mesa, suas costas para Turner e Chase. Ele colocou as mãos no peitoral e inclinou-se para frente. "Estamos trabalhando com amostras de sangue de Kiera para ver se conseguimos localizar a substância específica que injetaram nela, mas até agora não encontramos nada além de DNA Metamorfo."

"Meu DNA," Turner murmurou.

Jacob assentiu, virando-se para os outros homens. "Muito provavelmente das transfusões."

"Boyd mencionou algo sobre medula óssea e plasma sanguíneo. Talvez haja algo lá."

Jacob olhou para Chase e ambos os homens franziram o cenho.

"O quê?" Turner exigiu quando viu a apreensão que endureceu as linhas ao redor dos olhos do seu irmão.

Chase balançou a cabeça e desviou o olhar.

"Um dos cirurgiões sugeriu algo semelhante," Jacob disse.

Frustração fervia no peito de Turner. "Então por que não estamos fazendo isto?"

"Seria necessário um transplante de medula óssea rápido assim como uma transfusão sanguínea." A expressão de Jacob era ilegível, seu tom estoico. "É um procedimento complicado se tivéssemos vários doadores e no momento só conseguimos encontrar um doador compatível."

Ele não precisava que eles o citassem para saber quem era o doador compatível. "Então vamos começar."

"Não posso deixar que você faça isto," Chase disse bruscamente.

"E eu não posso deixar a irmã da minha companheira morrer."

Chase olhava para ele em estado de choque enquanto Jacob apenas lhe dava um sorriso astuto.

"Você a marcou? Quando?" Chase rosnou.

"O que isto importa? Está feito," Turner rosnou, dando as costas para o seu irmão. Ele falou com Jacob, "O que eu preciso fazer para começar?"

Chase amaldiçoou de novo.

"Não sabemos se vai funcionar," Jacob disse. "Mesmo com sua habilidade para se curar rapidamente, o risco é simplesmente grande demais."

Turner respirou fundo. "As pessoas doam medula óssea e sangue o tempo todo."

"Mas não a quantidade que eles precisarão de você." A voz do seu irmão era sucinta, dolorida.

"Chase está certo." O rosto de Jacob, sempre a máscara de calma, estava indeciso. "É muito arriscado."

"Não me importo." Turner balançou a cabeça, ignorando o olhar feroz que Chase lhe deu. Ele salvaria Kiera ou morreria tentando. "Tenho de fazer isto."

* * *

Riley se debateu a noite toda. Incapaz de afastar a sensação que algo estava errado, ela tomou banho e vestiu a calça de corrida de

Turner e um blusão de moletom com capuz. As roupas a engoliram, mas teria de servir até que ela tivesse a oportunidade de ir até sua casa. De qualquer maneira, havia algo reconfortante em usar as roupas de Turner.

Todo o humor volátil de Turner tomou conta dela como se ela o sentisse. Ela podia senti-lo. Detectá-lo. A ligação estava embaçada, mas apesar da distância entre eles, ainda estava lá.

Volte, ela empurrou no vazio... não houve nenhuma resposta.

Ela sentou-se pesadamente na cama de Turner e aspirou seu cheiro inebriante que ainda permanecia no quarto. Seu corpo formigou em resposta, enviando uma onda de excitação pulsando através das suas veias, agitando uma fome que somente Turner poderia satisfazer. Ela bufou e jogou-se para trás na cama, puxando um travesseiro sobre o rosto, gritando em frustração nele.

"Riley?" Uma voz de mulher percorreu o corredor. "É Lora."

Com um suspiro, Riley sentou-se. "Já sairei."

Ela puxou o cabelo para trás em um rabo de cavalo e olhou para o seu reflexo. Exaustão marcava seu rosto e seus olhos estavam vidrados, com círculos escuros. Há quanto tempo ela não tinha uma noite inteira de sono?

Sentindo-se quase sem ossos, ela seguiu para a sala de estar onde Lora estava esperando. Lora passou os braços ao redor de Riley em um abraço apertado, abraçando-a até que Riley não conseguia respirar. Ela era forte para uma mulher tão pequena, mas por outro lado ela era um Metamorfo, uma Metamorfo leão como Turner e Chase.

"Estou tão feliz que você está bem." Lora recuou, seus olhos dourados brilhavam com lágrimas não derramadas. "Sinto muito por ter deixado os homens subirem. Eu deveria saber que tinha de verificar as câmeras de vigilância, mas..."

Riley colocou a mão sobre a mão de Lora e apertou. "Não foi sua culpa. Ele teria me encontrado de uma maneira ou de outra. Apenas estou feliz que você não se machucou."

Lora deu outro abraço, em seguida enxugou os olhos. "Peguei alguns itens básicos." Ela pegou uma grande sacola de compras e entregou para Riley. "Tive de adivinhar os tamanhos, então espero que sirvam."

Riley seguiu atrás dela, entrando na cozinha e observando enquanto Lora vasculhava a despensa e geladeira de Turner.

"Eu deveria ter comprado comida. Turner nunca tem nada bom aqui. Duvido que você queira pedir pizza..." Lora cobriu a boca e seus olhos arregalaram. "Sinto muito, muito cedo?"

"Está tudo bem. Mas acho que é um pouco cedo para pizza."

Lora encolheu os ombros como se discordando.

"Turner pediu para você trazer isto?" Riley franziu o cenho enquanto espiava dentro da sacola cheia de roupas, uma escova de dentes, sutiãs e calcinhas. Havia até mesmo um daqueles romances obscenos que Kiera sempre lia.

Abrindo a tampa do pote de picles, Lora assentiu. "Ele enviou uma mensagem de texto e me pediu para dar uma passada, disse que você poderia precisar de algumas coisas."

"Ele disse quando estaria de volta?"

Ela balançou a cabeça. "Quando se trata de trabalho, há algumas coisas que você não quer saber. Se eu soubesse de todas as vezes que Chase se coloca em perigo, enlouqueceria de preocupação."

Riley assentiu, compreendendo a sensação.

"Oh, meu Deus." Lora parou, um picles meio comido na mão, os olhos arregalados, olhando para Riley como se duas cabeças tivessem acabado de brotar nela. Sua boca curvou em sorriso. "Não posso acreditar que não notei antes."

"O quê?"

Lora revirou os olhos e apontou o picles para Riley. "Ele a marcou. Não posso acreditar. Chase sabe? Juro que vou chutar sua bunda se ele sabia e não me contou."

O rosto de Riley queimou e ela tinha certeza que estava todos os tons de vermelho. Ela olhou para baixo e franziu o cenho.

"Você não parece feliz sobre isto." A voz de Lora ficou séria. Riley olhou para cima e pegou a expressão dura da outra mulher. "Se ele fez algo, vou..."

"Não." Riley balançou a cabeça. "Disse algumas coisas e acho que ele ainda está zangado comigo."

"Ele poderá ficar emburrado por um dia ou dois, mas ele voltará." Lora piscou e tirou outro picles do pote. "Eles sempre voltam."

Ela sorriu de maneira firme. "Espero que sim."

Lora começou a vasculhar a geladeira. "É fisicamente impossível para ele ficar longe por muito tempo, confie em mim." Ela tirou um pote de sorvete e fez cara feia quando o encontrou vazio. "O homem não come?"

Riley riu, ela tinha se perguntado a mesma coisa. "Talvez ele realmente seja um vampiro."

Lora deu-lhe um olhar confuso e em seguida caiu na gargalhada. Ela balançou as sobrancelhas. "Um Metamorfo leão vampiro, agora isto é sexy."

Riley gemeu. "Por favor, me diga que eles não existem. Acredito que meu cérebro não consiga lidar com mais nenhuma surpresa."

"Nunca conheci um, mas ..." ela encolheu os ombros, um sorriso grande no rosto, "... quem sabe."

Riley riu e levantou-se, só para ter sua perna cedendo por causa de uma dor aguda nas suas costas. Recuperando-se antes que ela caísse, ela gritou quando a dor pulsante disparou atrás da sua perna e pela sua coluna.

"Riley," Lora gritou, correndo para o seu lado. "Qual é o problema?"

Ela ofegava, tentando recuperar o fôlego à medida que a dor diminuía. Lora a ajudou até a sala da estar e o sofá. Riley fechou os olhos e engoliu a bile que subiu pela sua garganta. Não era apenas a dor, mas uma sensação extrema de pânico que a dominava. Algo estava errado. Ela sabia.

"Ligue para Turner," Riley ordenou.

Lora não discutiu. Ela tirou o telefone da bolsa e discou, balançando a cabeça quando ele não atendeu.

A dor diminuiu, mas não o alarme que apertava seu peito.

Uma careta franzida o cenho de Lora. "O que está acontecendo? Você precisa de um médico?"

"Não." Sua testa estava fria e úmida quando ela tocou com o dorso da mão. A dor tinha chegado tão de repente, mas não era parecido com nada que ela já tinha experimentado antes. Era como se estivesse acontecendo fora do seu corpo e ela sabia o que isto significava. A dor não era dela... era de Turner.

Riley abriu a boca para falar, mas o som do elevador e o rosnado no corredor a impediram. Por um momento, ela pensou que estava

errada, que Turner tinha retornado, até que Chase entrou correndo na sala, os olhos azuis ardentes.

Seu olhar suavizou quando ele viu Lora, mas o olhar frio rapidamente voltou para Riley. Ele estava furioso, mas foi a angústia na sua expressão que fez a pele de Riley formigar.

"Pegue suas coisas," ele rosnou. "Você vem comigo."

Lora colocou uma mão no peito do seu companheiro, sua cabeça nem alcançava seus ombros, mas ele parou quando ela entrou na sua frente. "O que está acontecendo?"

"Não vou deixar meu irmão morrer por causa dela."

Um aceno de cabeça brusco na direção de Riley deixou que ela soubesse exatamente sobre quem ele estava falando.

"Onde está Turner?" Riley perguntou com cautela.

"Preso a uma tábua, sangrando para salvar *sua* irmã," Chase disse bruscamente.

Ela sentiu o ar deixá-la em um sussurro sólido.

Lora murmurou algo para Chase que Riley não conseguiu ouvir e ela viu seus ombros caírem. Ele puxou Lora para seu peito e beijou o alto da sua cabeça antes de virar-se para Riley.

"Você é a única que pode detê-lo," Chase disse, sua voz mais suave, mas a tensão no seu rosto permanecia. "Ele está disposto a morrer para salvar Kiera. Sei que ela é sua irmã, mas ele é meu irmão."

E seu companheiro. Ela afastou as lágrimas que estavam se formando nos seus olhos. Ele estava realmente pedindo que ela escolhesse quem deveria viver?

"E Keira?" Riley perguntou, desviando o olhar. Ela compreendia o pânico de Chase. Ele amava seu irmão tanto quanto ela amava sua irmã. "O que aconteceu?"

"Seu coração parou duas vezes ontem à noite. Mais uma vez esta manhã. Seus órgãos estão falindo."

A sala começou a girar ao redor dela, mas ela travou os joelhos e respirou fundo.

"Há uma chance que o sangue e medula óssea de Turner possam ajudar, mas a quantia que seria necessária..." Chase engoliu em seco, olhou para o teto e fechou os olhos. "Nem mesmo um Metamorfo poderia sobreviver."

Raiva agitou-se nela. Turner tinha lhe prometido contar se Kiera estivesse com problemas. Ele escondeu isto e agora ela poderia perder ambos.

Cada músculo no seu corpo estava vibrando. "Leve-me até ele."

Capítulo 27

Cada passo estava cheio de medo agonizante à medida que Riley seguia Chase através do prédio antigo até a instalação médica. Ela tinha de correr para acompanhá-lo, mas Lora segurava sua mão, puxando-a quando suas pernas fraquejavam. Eles encontraram Jacob caminhando no lado de fora de uma sala marcada como *cirurgia um*. Os dois homens com quem ele estava falando deram uma olhada em Chase e saíram correndo, suas expressões sombrias.

"Onde ele está?" Riley exigiu, sem fôlego e entorpecida. Quando Jacob não respondeu imediatamente, ela moveu-se para passar por ele.

"Você não pode entrar lá." Jacob a agarrou com gentileza pelo ombro impedindo-a, em seguida estendeu a mão quando Chase rosnou e moveu-se na direção da sala de cirurgia. "Nenhum dos dois."

"Tenho de detê-lo. Não posso permitir que ele faça isto," Riley disse com a voz engasgada.

"Já está feito. Eles tiraram o que precisavam. Estão começando o tratamento em Kiera enquanto falamos." Jacob parecia abalado e pálido e ela viu o quanto o homem se importava com Turner. "As próximas horas serão cruciais... para ambos."

A garganta de Riley contraiu, deixando-a incapaz de falar.

"Como ele está?" Chase fez a pergunta que ela estava com muito medo de fazer.

"Ele está sendo monitorado." Os músculos na mandíbula de Jacob contraíram. "Como esperado, ele está em choque hipovolêmico. Está entubado e recebendo fluídos."

Riley podia ouvir o *mas* no final da sua frase, embora ele não o dissesse. "Por favor, deixe-me vê-lo."

"Ele não está consciente," Jacob disse baixinho. "Deixe os médicos fazerem o que eles precisam fazer."

Jacob colocou um braço sobre seu ombro e a conduziu até uma cadeira que estava contra a parede. Ela sentou-se apesar do desejo de brigar com ele. Ele ajoelhou-se na sua frente, pegou suas mãos e

ergueu seu olhar dourado e assombrado para ela. Riley estremeceu, vendo a derrota na sua expressão.

Não, não, não. Ela fechou os olhos. Sua voz foi um sussurro rouco quando ela falou, "Por que ele faria isto?"

Jacob suspirou. "Você é sua companheira e Kiera é parte de você. Ele sabe o quanto ela significa para você. Ele não está apenas tentando salvar sua irmã, ele está salvando você."

Ela balançou a cabeça, sem compreender completamente. "Mas arriscar sua vida?" Ela respirou fundo e lutou contra as lágrimas que ameaçavam transbordar. "Por que ele não me contou?"

"Você o teria impedido se soubesse o que ele planejava fazer?"

Ela mordeu o lábio, incapaz de responder.

Os lábios de Jacob contraíram. Ele começou a dizer algo, mas a porta ao lado deles abriu e uma jovem vestida com uniforme cirúrgico e uma máscara entrou de repente no corredor. Jacob e Riley se levantaram quando a mulher passou correndo por eles.

"O que está acontecendo?" Chase rosnou, pegando o braço da mulher quando ela voltou, carregando o que parecia ser um cobertor feito de papel alumínio.

A mulher ergueu as sobrancelhas para ele, olhou para o braço onde Chase a segurava e deu um pequeno rosnado.

Jacob pigarreou. "Há alguma mudança na sua condição?"

Quando Chase a soltou, ela respondeu, "Ele tem hipotensão acentuada, taquipnéia e taquicardia consideráveis assim como disfunção celular e acidose láctica." Sua voz e comportamento eram brusco. "Não posso dizer mais no momento."

Riley olhou para Jacob quando a mulher desapareceu na sala de cirurgia. "O que isto significa?"

"Significa que seus órgãos estão entrando em falência," Chase rosnou, batendo o punho na parede.

Riley congelou quando um medo gélido a agarrou. Jacob começou a caminhar pelo corredor e Lora puxou Chase para um canto mais distante, segurando sua mão machucada e sussurrando para ele. Com as costas para a parede, ela desmoronou lentamente para o chão. Ela puxou as pernas para o peito e colocou a testa nos joelhos. *Por favor, por favor, por favor fique bem,* ela empurrava no vazio.

Sinto muito, veio a resposta. Foi leve, quebrada e mal um sussurro na sua mente.

Um soluço baixinho escapou dos seus lábios quando ela percebeu que ele a ouviu.

Ela se levantou. Se ele estava acordado, ela precisava estar com ele. Ela dirigiu-se para a porta e estava com a mão no trinco antes que Jacob estivesse sobre ela

"Você não pode entrar lá."

"Ele precisa de mim." Um barulho entre um grito e um rosnado vibrou através do seu peito, assustando ambos. "Posso senti-lo. Ele está acordado. Não posso deixá-lo sozinho. *Por favor*, Jacob."

Ele passou uma mão sobre a barba escura no seu queixo e olhou por cima do ombro para Chase, que deu um aceno de cabeça sucinto. Com um resmungo, Jacob abriu a porta e a seguiu para a sala de preparação.

"Você precisa se lavar." Ele pegou um avental cirúrgico e uma máscara e colocou sobre o balcão ao lado da pia.

Riley não conseguia tirar os olhos do vulto pálido e imóvel na sala em frente. Havia um tubo na sua garganta, um no seu nariz e outro no seu braço. Vários fios corriam sob o cobertor de papel alumínio que cobria seu corpo.

"Riley," Jacob disse com firmeza, fazendo sua cabeça levantar bruscamente para encontrar seu olhar rígido. "Se você entrar lá, precisa manter o controle, não importa o que aconteça."

Ele a ajudou a colocar o avental e pressionou o interfone, avisando o médico e as enfermeiras que ela estava entrando.

Seus dedos tremiam quando ela se aproximou da cama. Os olhos dele estavam fechados e havia um brilho de suor no seu rosto pálido. Havia tantos tubos e fios que ela estava com medo de se aproximar mais.

Uma das enfermeiras puxou um banquinho e fez um gesto para ela se sentar.

"Ele já acordou?" Riley perguntou, posicionando-se onde ele poderia vê-la se abrisse os olhos.

A enfermeira negou com a cabeça e foi até o outro lado da cama para verificar os monitores.

Inclinando-se para ele, Riley colocou uma mão na sua testa. Sua pele estava fria, pegajosa. Ela fechou os olhos e concentrou-se em alcançá-lo. *Estou aqui. Não vou deixá-lo.* Sua garganta contraiu. *Não irei deixá-lo.*

Por que ela tinha lhe dito que iria? A ideia de perdê-lo, de ficar sem ele até mesmo por um dia era uma tortura. A possibilidade de perdê-lo para sempre, intolerável. Ela não poderia perdê-lo quando tinha acabado de encontrá-lo. Ele poderia ser seu companheiro, mas ele era também o homem mais altruísta, carinhoso e teimoso que ela já conheceu e, no entanto, ela estava apaixonada por ele.

"Acorde," ela sussurrou, pressionando a testa na dele. "Eu te amo, Turner Payne. Prometo que quando isto acabar, serei sua completamente. Vou morar com você ou podemos comprar a nossa própria casa, em algum lugar perto de Chase e Lora, onde podemos criar uma família juntos. Quero isto com você. Só você."

Seus olhos abriram lentamente. Ela podia ver quão difícil isto era para ele enquanto ele tentava se concentrar nela. Sua boca contraiu ao redor do tubo do ventilador.

"Oi," ela disse baixinho, mantendo a mão no seu rosto e tentando acalmar o pânico nos seus olhos. "Não tente falar."

Sua mão contraiu e agarrou o ar até que ela a alcançou, pressionando os dedos nos seus lábios.

Ela está bem? Os pensamentos de Turner infiltravam-se na sua mente com uma nuvem, tão leve que ela mal conseguia ouvi-los.

Ela levou um instante para perceber que ele estava falando sobre Kiera. Mesmo agora quando estava lutando para permanecer vivo, ele estava pensando nos outros.

"Não sei. Ainda não tive nenhuma notícia."

Você deveria ir até ela. Ela vai precisar de você quando acordar. Seus olhos fecharam e em seguida abriram e seus pensamentos tornaram-se mais distantes.

"Não vou deixá-lo."

Ele esforçava-se para manter os olhos abertos, piscando lentamente. Ela pensou que seus lábios inclinaram-se para cima ligeiramente.

Eu te amo, Riley.

Um alarme disparou em um dos monitores e seus olhos fecharam.

"Turner?" ela gritou.

"Você precisa se afastar," uma das enfermeiras ordenou, correndo para o lado de Turner. "Seus sinais vitais estão caindo."

Uma equipe médica entrou na sala, aglomerando-se ao redor dele, empurrando Riley para trás.

"Ele está tendo uma parada cardíaca," alguém gritou.

Riley tropeçou para trás e teria caído se um par de braços poderosos não a tivesse pego. Ela olhou para cima para encontrar o rosto cheio de tristeza de Chase. Ele a puxou com força contra seu peito, seus braços esmagando até que ela mal conseguia respirar.

Eles estavam tentando ressuscitá-lo. Um médico estava fazendo compressões torácicas, enquanto outro inseria algum tipo de medicação na sua solução endovenosa.

"Estamos perdendo-o," alguém rosnou.

"Não." Ela tentou se afastar do abraço restritivo de Chase, mas ele a segurava com força.

"Tirem-na daqui," alguém gritou.

Chase a arrastou à força para fora da sala.

"Não posso deixá-lo. Prometi que não iria deixá-lo," ela gritava, tentando lutar contra ele.

Jacob e Lora aguardavam por eles no corredor.

Lora abriu os braços e Riley fugiu para eles. Toda a emoção reprimida jorrava em suspiros convulsivos e elas caíram no chão.

Chase sentou-se ao lado delas e enterrou o rosto entre as mãos.

Jacob caminhava.

Nenhum deles falava.

A tensão e tristeza eram quase tangíveis. Os minutos passavam lentamente.

Ela fechou os olhos, tentou alcançá-lo, testar a ligação deles, mas todas as vezes que fazia isto, sua mente era inundada com imagens do corpo apático de Turner. Seus pensamentos estavam caóticos, flutuando entre os pesadelos da última semana. Mas ela não mudaria nada disto se Turner ficasse bem.

Quando Riley acreditou que não conseguiria aguentar outro segundo sem saber, ela olhou para cima para ver um dos médicos saindo da sala cirúrgica, sua expressão sombria.

Ele pigarreou e olhou explicitamente para Riley. "Ele está chamando por você."

Capítulo 28

A cabeça de Turner doía.

Merda, todo seu corpo doía. Mas ele precisava ver Riley, aliviar a dor que ele podia sentir irradiando dela. Desde o momento em que ele tinha recuperado a consciência, ela era tudo que ele conseguia pensar. Ele tentou entrar na sua mente, mas a tristeza estava tão firmemente envolvida dentro dela que ele não conseguiu penetrar nos seus pensamentos.

A porta de vidro abriu e a respiração de Turner ficou presa na sua garganta quando Riley entrou. Seus olhos estavam tão inchados, seu rosto pálido, o cabelo emaranhado, mas ela ainda era a pessoa mais bonita do mundo para ele.

Alívio brilhou nos seus olhos quando seu olhar caiu sobre ele. Apesar do cansaço que a envolvia, ela correu até ele, jogou os braços sobre o seu peito e enterrou o rosto no seu ombro.

"Ei," ele disse suavemente, acariciando seu cabelo. "Estou bem."

Ela levantou a cabeça e seus lábios tremeram quando ela falou. "Seu coração parou. Eu pensei..."

"Eu sei." Ele tinha sentido seu corpo ceder. A escuridão pairando sobre ele, roubando sua respiração, sua energia vital. Teria sido tão fácil ceder, flutuar para o abismo e deixar a morte passar seus braços ao redor dele. Mas ele sentiu o puxão para ficar, para lutar... ouviu Riley implorar para que ele não a deixasse, dizendo-lhe que ela o amava. "Diga de novo."

"O quê?"

Ele sorriu e acariciou seu rosto. "Que você me ama."

As lágrimas reuniram-se nos seus olhos. "Eu te amo e quero ficar com você. Sempre."

Ele fechou os olhos e saboreou suas palavras. Quando abriu os olhos de novo, ela encontrou seu olhar. Seus olhos brilhavam com amor, tanto amor que não havia como confundi-lo com qualquer outra coisa. Ela era dele. Sua companheira. Sua vida. E ele faria todo o possível para fazê-la feliz.

"Eu também te amo, Riley."

Ela inclinou-se e colocou um beijo nos seus lábios. Suas lágrimas umedeceram seu rosto enquanto ela o beijava, com gentileza no início, depois com um desespero que quase o desfez.

A porta abriu e alguém pigarreou.

"Feliz que você decidiu permanecer por perto por mais um tempo," Chase disse da porta, a voz prejudicada pela emoção. Ele parecia esgotado, completamente exausto.

"Você não vai se livrar de mim tão fácil."

Seu irmão exalou ruidosamente enquanto atravessava o quarto. Quando alcançou a cama, ele agarrou o cotovelo de Turner e o abraçou. Chase recuou e enxugou as lágrimas.

"Não me diga que você está ficando sentimental na sua velhice," Turner provocou.

Chase bufou e Turner poderia dizer que seu irmão estava tentando desesperadamente manter sua compostura. Ele enfiou as mãos nos bolsos e olhou para o teto, piscando rapidamente.

"Lora e Jacob estão aguardando no lado de fora. Eles vão querer saber," Riley disse, começando a se levantar.

Turner agarrou sua mão, não querendo deixá-la ir, mesmo se somente até a sala ao lado.

"Irei avisá-los," Chase disse, sua expressão finalmente relaxada.

Turner deu ao seu irmão um sorriso agradecido, que Chase retribuiu antes de deixá-los a sós de novo.

Seu corpo parecia que estava cheio de chumbo e seus olhos estavam pesados. Ele piscou várias vezes, tentando superar a exaustão que o atormentava. O médico tinha avisado para não se esforçar, mas ainda havia a questão de Kiera.

"Há alguma notícia sobre sua irmã?" ele perguntou, puxando Riley para seu lado, de modo que ela estava sentada na beirada da cama. "O tratamento funcionou?"

Ela mordeu os lábios e olhou para suas mãos unidas. "Ainda não tivemos nenhuma notícia."

A adrenalina que eles tinham lido estava começando a perder o efeito. Ele podia sentir o suor frio brotando do seu corpo e lutava para controlá-lo, para controlar o desejo avassalador de dormir.

"Você precisa descansar," ela disse, inclinando-se para beijar seu rosto.

"Fique comigo."

Ela assentiu. Ele se afastou para que ela pudesse deitar ao seu lado. Ela enroscou-se de lado e passou um braço sobre seu peito. Ele a puxou para perto, ancorando-a ao seu corpo e beijou o alto da sua cabeça.

"Obrigada," ela sussurrou. "Não importa o que aconteça com Kiera, sei que você fez tudo que podia."

Ele encontrou sua mão, entrelaçando seus dedos nos dela. Deveria ser ele agradecendo. Duas vezes ela o tirou da escuridão. Ele tinha se agarrado a amargura e a vingança por tanto tempo que não percebeu quão sombria sua vida tinha se tornado. Mas com Riley não havia nenhuma escuridão, somente luz e amor.

Havia tantas coisas que ele queria contar para ela, promessas que ele queria fazer.

"Descanse," ela sussurrou. "Estarei aqui quando você acordar."

Com esta promessa, ele fechou os olhos e dormiu.

Capítulo 29

"Pare," Riley ordenou, colocando a mão no ombro de Turner enquanto ela tentava, sem sucesso, empurrá-lo de volta para a cama. "Você não recebeu alta ainda."

"Já faz dois dias," Turner rosnou. Ele tirou a solução endovenosa da sua mão, puxou as cobertas e jogou as pernas sobre o lado da cama. "Estou bem. Preciso sair deste quarto."

A camisola do hospital subiu, mal cobrindo suas coxas grossas e musculosas. Riley olhou para baixo e de maneira involuntária lambeu os lábios, um pequeno suspiro escapando da sua garganta.

Turner riu, baixinho e sexy, e passou os braços ao redor da sua cintura, arrastando-a para o meio das suas pernas. "Nós dois precisamos sair deste quarto."

Ela passou os braços ao redor do seu pescoço e sorriu. "Mais um dia de repouso no leito não vai machucá-lo."

Ele agarrou seus quadris e puxou-a para o volume duro entre as suas pernas e rosnou. "Cada segundo que não estou dentro de você dói." Ele mordiscou seu lábio inferior. "Além disso, quando voltarmos para meu apartamento, estava planejando ficar de repouso no leito por, pelo menos, uma semana." Sua boca abriu para a carícia da língua dele. Seu beijo a consumia, torturando-a até que seu corpo estava tenso de desejo. Ele recuou sem fôlego e sorriu. "Talvez duas."

Riley suspirou e balançou a cabeça. "Apenas quero ter certeza que você está bem."

"Eu me curo rápido." Ele segurou seu rosto e depositou um beijo gentil nos seus lábios antes de levantar da cama e pegar as roupas na mesa lateral.

Riley franziu o cenho. Não era apenas sobre Turner. Kiera ainda não tinha acordado. O tratamento a estabilizou, mas sua atividade cerebral estava irregular e ninguém daria a Riley uma resposta clara sobre quando, se algum dia, sua irmã recuperaria a consciência.

"Sei que você está preocupada sobre Kiera, mas Jacob assumiu a responsabilidade de manter vigília vinte e quatro horas ao seu lado."

Ele fechou o zíper da calça, em seguida puxou a camiseta por cima da cabeça. "Se algo acontecer ou ela acordar, ele vai ligar para você."

"Eu sei."

"Mas se quiser, podemos ficar no quartel até ela acordar?"

"Sério?"

Turner empurrou seu cabelo atrás da orelha e sorriu. "O que você quiser."

Ela ficou na ponta dos pés e beijou seu rosto. "Obrigada."

A porta abriu e Chase entrou. Ele olhou para Turner e balançou a cabeça. "Você não deveria estar fora da cama, mas provavelmente é o melhor. Kiera acordou."

"Quando?"

"Há alguns minutos. Jacob acabou de ligar. Quer que eu a leve até ela. Ela está chamando por você."

Alegria e alívio expandiram seu peito até que ela sentiu que iria explodir. Kiera estava finalmente acordada e na forma humana. Riley agarrou a mão de Turner e seguiu Chase através dos longos corredores.

"Você está tremendo," Turner sussurrou. "Está nervosa?"

"Um pouco. Tanta coisa aconteceu nas últimas semanas. Não sei como ela vai reagir."

"Se ela for tão forte quanto você, ela ficará bem."

"Espero que sim." Riley não fazia ideia o que esperar. Kiera tinha estado consciente o tempo todo em que esteve na forma animal ou não se lembraria do que aconteceu? E como Riley deveria explicar o papel do pai delas em todo o suplício?

Riley parou na frente de um espelho unidirecional. Kiera estava no outro lado, as pernas puxadas contra o peito. O cabelo escuro pendia em nós como uma cortina ao redor do seu rosto. Jacob estava sentado com ela, falando em tons suaves.

"Ela parece aterrorizada," Riley disse.

"Ela ficará melhor quando tiver visto você." Turner beijou o alto da sua cabeça. "Estarei bem aqui se precisar de mim."

Chase abriu a porta e pigarreou para avisar Jacob que eles estavam lá.

Riley respirou fundo e entrou no quarto.

"Alguém está aqui para vê-la," Jacob disse baixinho. Ele se levantou e deixou Riley assumir seu lugar ao lado da cama. Ele deu uma olhada rápida em Riley, a boca esticada.

Kiera não olhou para cima.

"Ei, sou eu." Riley colocou a mão no ombro da sua irmã. "É Riley."

Quando Kiera olhou para cima, seus olhos azuis estavam arregalados, vazios.

Riley sentou-se na beirada da cama e pegou as mãos da sua irmã. "Sei que você está confusa, mas tudo vai ficar bem."

"Algo está errado comigo." A boca de Kiera tremeu e uma ondulação estranha pareceu atravessar suas feições.

"Não," Riley agarrou suas mãos com mais força. "Você estava doente, mas vai ficar tudo bem agora. Muitas coisas estranhas aconteceram e vou explicá-las. Você está segura. Ninguém vai machucá-la. Eu prometo."

Kiera choramingou e jogou os braços ao redor dos ombros de Riley. "Sinto que há algo dentro de mim arranhando para sair."

Jacob inalou bruscamente atrás dela. Os pelos na parte de trás do pescoço de Riley arrepiaram. Ela olhou por cima do ombro para Jacob, cujos olhos dourados refletiam sua própria preocupação.

Riley recuou e estudou sua irmã. "Você se lembra de algo que aconteceu?"

"Tive sonhos estranhos, mas..." Kiera balançou a cabeça, as lágrimas escorrendo pelo seu rosto. "O que aconteceu, Riley? Onde eu estou?"

Por onde ela deveria começar? "Você se lembra de Marcus injetando algo em você?"

Os olhos de Kiera arregalaram e ela negou com a cabeça, mas tocou o pescoço como se lembrasse. "Ele não me machucaria."

Ele não machucaria mais ninguém, graças aos homens do seu pai, mas agora não era o momento para contar para Kiera. Ela podia dizer que Kiera estava escondendo algo.

"Ele lhe deu algo que alterou seu DNA."

Kiera recuou e olhou para Riley como se outra cabeça tivesse brotado nela.

"Existem pessoas neste mundo que tem ..." Riley lambeu os lábios e olhou para Jacob por ajuda. Ele apenas assentiu para ela continuar.

"Elas têm a habilidade de se transformar em animais. Nosso avô era uma e por causa disto, você carrega o gene recessivo. A droga que Marcus lhe deu alterou seu DNA transformando-a em um leão."

Uma risada histérica e estridente explodiu de Kiera.

"Não estou inventando isto." Riley tentou segurar a mão da sua irmã, mas Kiera afastou-se, franzindo o cenho. "Jacob," — Riley acenou com a cabeça para ele — "é um deles."

"Você pode se transformar em um animal?" Kiera perguntou incrédula.

A expressão de Jacob permanecia passiva. "Um leão, como você."

"Como eu?" Kiera gritou, balançando a cabeça e puxando os joelhos para o peito.

Riley virou-se para Jacob. O que ele quis dizer como ela? Kiera estava curada agora. Humana. Ela realmente não era como eles.

"A combinação da injeção inicial e o tratamento usado para salvar sua vida parece ter resultado em uma mudança permanente no seu DNA," Jacob disse, sem tirar os olhos de Kiera.

"Sobre o que você está falando?" Riley exigiu.

"Geneticamente falando, Kiera é um Metamorfo agora." Jacob levantou-se e enfiou as mãos nos bolsos e começou a caminhar pelo quarto. "Com ajuda, ela será capaz de controlar o animal dentro dela."

"E sem ajuda?" Riley olhou para sua irmã e engoliu em seco.

Jacob parou de caminhar e suspirou pesadamente. "Poderíamos perdê-la de novo para o animal."

"Não..." Riley levantou-se e caminhou até Jacob. "Tem de haver outra maneira, outra cura."

Um rosnado suave a fez parar. Não veio de Jacob, mas atrás dela... de Kiera.

"Dê o fora daqui," Jacob avisou, empurrando Riley atrás dele.

"O qu-o que está acontecendo?" Kiera gritou.

Riley observava horrorizada enquanto o corpo delicado da sua irmã se deformava e se transformava entre a forma humana e animal.

Turner estava lá, agarrando seus ombros, puxando-a para fora do quarto. Os soluços e rosnados de Kiera ecoavam atrás deles. Ele fechou a porta e puxou Riley para o seu peito, abraçando-a até que ela conseguisse respirar profundamente.

"Ela vai ficar bem," ele disse, acariciando seu cabelo.

Através do espelho unidirecional, ela podia ver Kiera. Suas feições tinham relaxado e Jacob a estava abraçando, falando no seu ouvido. Ela olhava para ele, seus grandes olhos azuis cheios de medo e incerteza. Ele tirou uma seringa do seu bolso e inseriu na solução endovenosa de Kiera. Ela deitou na cama e Jacob puxou as cobertas sobre os seus ombros, depois diminuiu as luzes. Em vez de sair, ele puxou uma poltrona para o lado da cama e sentou-se, sua expressão sombria enquanto observava os olhos de Kiera fecharem lentamente.

"Chase me contou o que eles descobriram," Turner disse, sem soltá-la. "Jacob irá ajudá-la. Ela aprenderá a controlá-lo, mas vai levar tempo. Ela está segura e está viva. Isto é tudo que importa."

Riley assentiu no seu peito, procurando o conforto do seu corpo forte. Ela não duvidava que Jacob cuidaria da sua irmã. Havia algo na sua expressão quando ele olhava para ela que fazia o peito de Riley apertar... ele se importava com ela.

"Não há nada que você possa fazer agora. Ela precisa descansar e quando ela estiver pronta para vê-la, você estará lá."

Kiera estava segura. Por enquanto, todos eles estavam. E a semana de repouso no leito que Turner tinha prometido estava começando a parecer como o paraíso.

Riley sorriu e aconchegou-se mais perto do abraço de Turner. "Estou pronta para ir para casa agora."

Os lábios dele se contraíram em um sorriso. "Então vamos para casa."

Capítulo 30

Riley deitou de bruços e apoiou a cabeça em um travesseiro para que ela pudesse ter uma melhor visão do seu companheiro.

Seu companheiro. Ela sorriu para si mesma.

Seus olhos estavam fechados, um braço enfiado debaixo do travesseiro, os lençóis baixos sobre os seus quadris. O sol do início de noite lançava um brilho dourado sobre seu peito musculoso.

Seu corpo estava rígido, dolorido e bem saciado do que Turner considerava descanso no leito, mas quanto mais ela estava com ele, mais ela ansiava pelo seu toque. Eles tiveram suas *duas semanas*, mas em breve ele teria de retornar ao trabalho e Riley com ele. Jacob tinha lhe oferecido um emprego nos laboratórios da agência e ela tinha aproveitado a oportunidade, mas voltar a trabalhar significava menos tempo sozinha com Turner.

Ela passou a mão sobre os sulcos duros do seu abdômen e suspirou.

Seus lábios contraíram e ele abriu um olho. "Apreciando a vista?"

"Muito."

Ele olhou para o relógio e alongou-se. "É quase hora do jantar. Há sobras na geladeira. A não ser que você queira pegar algo a caminho da casa de Jacob."

"Eu preferia ficar em casa hoje à noite. Keira parecia distraída ontem quando eu visitei. Ela fica melhor quando são apenas os dois. Estar perto de mim parece deixá-la agitada." Ela mordeu o lábio inferior. "Especialmente agora que ela sabe sobre nosso pai."

"Sinto muito." Ele acariciou seu rosto com os nós dos dedos. "Dê-lhe tempo. Ela teve muito para processar."

"Eu sei. É apenas estranho, ela morando com Jacob." Ela encolheu os ombros. "Mas estou contente que ela saiu do laboratório."

"Ela já saiu de casa?"

"Não. Ela está com medo que irá perder o controle e se transformar de maneira inesperada. Riley pegou um fio solto no travesseiro. "Não que eu a culpe. Não consigo imaginar o que ela

está passando, mas pelo menos ela tem Lora para conversar. Ela parece compreender."

Turner a puxou para si de modo que ela estava descansando sobre seu peito. Imediatamente, suas preocupações desapareceram e uma sensação cálida e tranquila a envolveu. Ela sabia que era ele. Ele nunca admitiria, mas tinha acontecido muitas vezes para ela saber que não era apenas uma coincidência.

"Eu te amo," ela murmurou, passando as pernas sobre seus quadris de modo que ela estava montada sobre ele. A sensação da sua pele nua contra a dela agitou o calor profundo na sua barriga e ela o sentiu endurecer debaixo dela.

Suas mãos algemaram os quadris dela e ele rosnou na sua boca quando ela trouxe seus lábios sobre os dele. A cabeça dela inclinou para trás quando sua boca moveu-se dos seus lábios para sua mandíbula, para seu pescoço. Ele colocou a boca sobre a marca que ele lhe deu, dando-lhe uma mordida suave.

"Minha." Suas mãos deslizaram sobre a carne dela enquanto a língua lambia a pequena cicatriz, enviando uma fúria de sensações através dela. "Minha companheira."

Ela ergueu os quadris e a mão dele deslizou entre seus corpos. Ele acariciou suas dobras sensíveis, fazendo com que ela se contorcesse em cima dele. Seus dentes roçaram sobre um mamilo e ela estremeceu de prazer enquanto seus dedos mergulhavam na sua carne.

A fome repentina e desesperada que se espalhava entre eles tinha o coração dela batendo forte, a respiração saindo em suspiros curtos.

Nenhum homem já a tinha afetado da maneira que ele fazia e ela sabia que nenhum homem jamais poderia.

Ela murchou em cima dele, precisando de mais do que seus dedos poderiam lhe dar.

"Riley." O rosnado baixo e rouco da sua voz somente intensificou seu desejo.

"Mais," ela implorou. Sentando-se, ela passou a mão ao redor do seu eixo ingurgitado e ficou de joelhos. Ela observava seu rosto, a luxúria sombria que tomava conta dele. Lentamente ela se abaixou sobre a extensão longa e dura da sua ereção.

Ela contraiu ao redor dele, colocando as mãos no músculo firme da sua barriga e esperou um instante até que a respiração de ambos se tornasse regular. Seu olhar azul prateado fixou-se no dela e ela pensou que seu coração explodiria com o que ela viu lá. Amor. Ternura. Posse.

Ele viu sua alma, tocou a parte dela que ela não sabia que existia. Seu animal a tinha reivindicado, mas o homem tinha roubado seu coração.

Ela começou a se mover com investidas lentas e fáceis. O prazer físico só era alimentado pela ligação emocional que os vinculava. Ele era sua vida. Ao olhar nos seus olhos, mais nada importava.

Suas investidas tornaram-se mais duras, mais rápidas até que a fome rasgou seus sentidos, seu controle.

Com um movimento rápido e fluido, ele a deitou de costas. Ela gritou com surpresa e prazer quando ele empurrou para dentro dela, mais profundo do que antes, preenchendo-a completamente. Ela entregou-se ao puro prazer e choramingou com a exaltação crescente. Seus braços e pernas apertaram ao redor dele enquanto ele mergulhava mais profundo dentro dela.

"Deus, você é bonita." Sua expressão era feroz, exigente. Seus lábios cobriram os dela e suas investidas tornaram-se mais duras, mais rápidas.

Gemidos entrecortados preenchiam o espaço entre eles. Explosões enérgicas de liberação irromperam dentro dela e ela mal conseguia puxar ar suficiente. Êxtase golpeava através dela, a envolvia. Dilatando, chamuscando, prazer fluía através do seu corpo em ondas tão intensas que ela gritou. Ela sentiu seu orgasmo enquanto ele derramava dentro dela em pulsos quentes e fortes.

A cabeça dele caiu no seu ombro enquanto os tremores secundários de prazer continuavam correndo através dela. Ele fez uma pausa, sua respiração áspera e pesada. Ele a abraçou, com força, seu corpo ainda uma parte do dela.

"Posso esquecer a minha própria existência quando estou dentro de você," ele murmurou, beijando sua clavícula.

Ela suspirou, emaranhando os dedos no seu cabelo. Ela poderia ficar nos seus braços para sempre e esquecer o mundo.

Pensar que ela quase o perdeu. Que ela já esteve disposta a se afastar do que eles tinham. Seu peito apertou. Ela tentou afastar o pensamento, mas uma lágrima escapou e escorreu pelo seu rosto.

Ele rolou de lado e passou um braço por baixo do seu pescoço, puxando-a para ele. Ele a observava com olhos firmes, sempre cientes das suas mudanças de humor.

"Você está pensando de novo," ele disse com um sorriso malicioso e beijou a ponta do seu nariz.

"É um mau hábito." Ela mordeu a bochecha para manter as emoções sob controle.

Os últimos meses eram uma sombra pálida sobre eles. Seus olhos se encheram de lágrimas enquanto ela o abraçava. Eles tinham sido enganados, usados e manipulados pelas pessoas que deveriam protegê-los. As lembranças do que ela teve de fazer para sobreviver, o que ambos tiveram de sacrificar, era uma dor que ainda ardia através da sua alma.

Ela soltou um suspiro.

"Você está segura agora. Não deixarei ninguém machucá-la. Nunca." Sua voz estava rouca com a mesma emoção.

"É com você que eu me preocupo. Não quero perdê-lo."

"Parei de cansar fantasmas. Tenho tudo que preciso bem aqui."

Ela era inteligente. Seu trabalho era cheio de perigos. E enquanto Circe permanecesse uma fugitiva, sempre haveria perguntas sem respostas.

"Você está preocupado com sua mãe?"

Seus músculos ficaram tensos brevemente. Ele exalou lentamente. "A mãe que eu conhecia está morta. Jacob tem seus melhores homens procurando por ela. O único motivo que eu me importo se ela é encontrada é para ajudar com o tratamento do restante das vítimas."

Riley ouviu a pequena mentira na sua voz. Não importa quão maligna a mulher fosse, ela sempre seria sua mãe. Sempre haveria a criança dentro de ambos que queria que seus pais fossem os heróis que outrora eles tinham acreditado que eles eram.

Ela entrelaçou seus dedos com os dele. Suas vidas estiveram entrelaçadas de maneira semelhante por muito mais tempo do que

eles sabiam. Uma teia de mentiras e decepção que poderia ter destruído ambos.

"Não consigo odiá-lo," ela disse, pegando o olhar de Turner. "Meu pai. Odeio o que ele fez. Quem ele se tornou. Estou contente que ele nunca será capaz de machucar mais ninguém. Mas não consigo me obrigar a odiá-lo."

Os lábios de Turner contraíram. "Passei minha vida odiando o homem. Pelas coisas que ele fez, as coisas que eu imaginei que ele tinha feito. Mas como posso odiar o homem que me deu você?" Ele pressionou os lábios com gentileza nos dela e enxugou a lágrima perdida do seu rosto. "Eu te amo, Riley."

Algo pareceu quebrar no seu peito. Com um suspiro, ela liberou o medo do que o amanhã traria.

Ela passou os braços ao redor do seu pescoço e seus lábios cobriram os dela. Seu corpo envolveu o dela, seu calor e força a cercavam — ela era dele.

Corpo.

Coração.

Alma.

Nos seus braços, ela sabia que era amada, que estava protegida. Que o mundo viesse até eles. Não havia nada que eles não pudessem enfrentar juntos.

Entre em contato com Chantel Seabrook Online:

[Website](#) [Twitter](#) [Facebook](#)

Muito obrigada por ler Mudando Payne! Se quiser ser notificado sobre futuros lançamentos, brindes, concursos e vendas, por favor, cadastre-se no boletim informativo: eepurl.com/bxqwB5

SOBRE A AUTORA

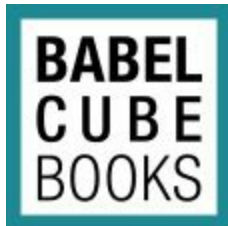
Chantel Seabrook atualmente mora em London, Ontário, com seu marido e suas duas filhas. Ela é apaixonada por escrever e aprecia ler fantasia, romance paranormal e ficção científica. Chantel tem uma formação de quatro anos em Antropologia da Western University

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

Procurando outras ótimas leituras?



Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com